

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

KELLY ALVES CAMILO

OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS: NARRATIVAS
EM CIRCULAÇÃO NA INTERNET

Uberlândia
2025

KELLY ALVES CAMILO

OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS: NARRATIVAS EM
CIRCULAÇÃO NA INTERNET

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Saberes e práticas educativas.

Orientadora: Prof. Dra. Aléxia Pádua Franco.

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C183
2025 Camilo, Kelly Alves, 1989-
OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS
[recurso eletrônico] : NARRATIVAS EM CIRCULAÇÃO NA INTERNET /
Kelly Alves Camilo. - 2025.

Orientadora: Aléxia Pádua Franco.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.549>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Franco, Aléxia Pádua, 1968-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação.
III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG,
CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 30/2025/945, PPGED				
Data:	Vinte e oito de agosto de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	16:00
Matrícula do Discente:	12312EDU022				
Nome do Discente:	KELLY ALVES CAMILO				
Título do Trabalho:	"OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS: NARRATIVAS EM CIRCULAÇÃO NA INTERNET"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Saberes e Práticas Educativas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Bicentenário da Independência do Brasil: mudanças e permanências das narrativas e da cultura de História entre professores e estudantes da Educação Básica"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/alexia-padua-franco>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Ilka Miglio de Mesquita - UESC; Astrogildo Fernandes da Silva Júnior - UFU e Aléxia Pádua Franco - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Aléxia Pádua Franco, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexia Padua Franco, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/08/2025, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Astrogildo Fernandes da Silva Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 28/08/2025, às 16:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ilka Miglio de Mesquita, Usuário Externo**, em 30/08/2025, às 13:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6598468** e o código CRC **4AC1E44A**.

Referência: Processo nº 23117.056548/2025-69

SEI nº 6598468

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e conseguir trilhar este caminho e alçar a vitória.

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a Faculdade de Educação (FACED), seu corpo docente, direção, administração e todos que diretamente ou indiretamente fazem desta instituição um lugar de aprendizado. Obrigado a esta instituição por sempre abrir as portas para toda comunidade.

A meus pais João Ferreira e Marta Sônia que sempre me incentivaram a crescer profissionalmente e academicamente.

Agradeço a meu esposo Juliano Martins pela paciência e compreensão. Por vezes me ausentei de sua presença, de nossos compromissos para me dedicar aos estudos. Obrigado por sempre me apoiar a crescer.

A minha família pelo apoio, aos meus colegas e amigos de curso pelo companheirismo. Em especial quero agradecer minha amiga Juliana Nastalli Pimentel por sempre me dar palavras de ânimo, você me incentivou a continuar e a não desistir dos meus sonhos, estamos juntas nesse caminho desde a graduação em Pedagogia!

Agradeço imensamente a minha professora e orientadora Dra. Alexia Pádua Franco, pela paciência, pelo cuidado, respeito, atenção e por toda disposição. Suas orientações me fizeram crescer academicamente, obrigada por nunca desistir de mim! Mesmo em momentos de grandes dificuldades em nossos caminhos, compartilhamos palavras, orações, vibrações, energias para termos forças para continuar. Saiba que a senhora é uma guerreira! Te tenho como exemplo!

Obrigada a Profa. Dra. Ilka Miglio de Mesquita, Profa. Dra. Iara Vieira Guimarães, Prof. Drº Astrogildo Fernandes da Silva Júnior e Profa. Dra. Cíntia Borges de Almeida pelas orientações e discussões nas bancas de qualificação e defesa, e pelo tempo dedicado a leitura desta pesquisa.

Enfim, muito obrigada a todos que me apoiaram nesta jornada.

RESUMO

O tema de nossa pesquisa são as produções que circulam na *internet* sobre os 200 anos do Brasil independente para crianças. O nosso problema se constituiu da seguinte maneira: entre as produções sobre o Bicentenário da Independência do Brasil que circularam na *internet* para o público infantil, quais as diversas abordagens históricas em disputa? Este trabalho tem por objetivo geral compreender as abordagens históricas das produções que circularam na *internet* para o público infantil, no período de comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil (2017-2023). No âmbito dos Estudos Culturais, identificamos e analisamos as produções que circularam por meio de produções didáticas, literárias, paradidáticas escritas, audiovisuais, imagéticas, voltadas para o público infantil, buscando compreender as disputas entre as que perpetuam a exaltação das ações de personagens da elite política e econômica e aquelas que dão visibilidade a múltiplos sujeitos históricos e seus diferentes projetos para o Brasil. Para isso, nos baseamos em escritos historiográficos sobre a Independência do Brasil publicados na ocasião do Bicentenário e nos conceitos de Cultura Histórica e Cultura de História, Memória Histórica e Comemorações, História e Ensino de História em tempos de cultura digital. Após analisar as 15 produções, concluímos que foram produzidas e continuam hoje à disposição, materiais que podem ser classificados em quatro categorias: 1) produções que contribuem para a perpetuação da história oficial da Independência, 2) produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela, 3) produções que criticam a história oficial do processo de independência do Brasil em relação à Portugal, 4) produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil independente, para além da

Independência do Brasil em relação a Portugal. Assim, as produções analisadas mostram como há uma diversidade de materiais multimidiáticos que podem ser explorados, na escola. O que nos cabe enquanto educadores, é selecioná-los e confrontá-los, colocar em discussão outras possibilidades de se conceber e ensinar História, de se entender os 200 anos de Brasil Independente.

Palavras-chaves: bicentenário da independência do Brasil; produções históricas para crianças; anos iniciais do ensino fundamental; pedagogia da memória.

ABSTRACT

The topic of our research is the online productions about the 200th anniversary of Brazil's independence for children. Our problem was formulated as follows: among the productions about the Bicentennial of Brazil's Independence that circulated online for children, what are the various competing historical approaches? This work aims to understand the historical approaches of the productions that circulated online for children during the period of celebration of the Bicentennial of Brazil's Independence (2017-2023). Within the scope of Cultural Studies, we identify and analyze the productions that circulated through didactic, literary, supplementary written, audiovisual, and visual productions aimed at children, seeking to understand the disputes between those that perpetuate the exaltation of the actions of figures from the political and economic elite and those that give visibility to multiple historical subjects and their different projects for Brazil. To this end, we drew on historiographical writings on Brazilian Independence published on the occasion of the Bicentennial and on the concepts of Historical Culture and Culture of History, Historical Memory and Commemorations, History, and History Teaching in Times of Digital Culture. After analyzing the 15 productions, we concluded that materials were produced and remain available today that can be classified into four categories: 1) productions that contribute to the perpetuation of the official history of Independence; 2) productions that broaden the approach to official history without criticizing it; 3) productions that criticize the official history of Brazil's independence from Portugal; and 4) productions that address other struggles for freedom throughout the 200 years of independent Brazil, beyond Brazil's independence from Portugal. Thus, the productions analyzed demonstrate the diversity of multimedia materials that can be explored in schools. What falls to us as educators is to select and confront them, to put into discussion other possibilities of conceiving and teaching History, of understanding the 200 years of Independent Brazil.

Keywords: bicentennial of Brazil's Independence; historical productions for children; historical culture; early childhood education; initial years of elementary school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Leopoldina e a Independência do Brasil, Ligamundo 5º ano	25
Figura 2 - Independência do Brasil – Encontros história	26
Figura 3 - Independência ou morte - Conectados História.....	28
Figura 4 - A Independência do Brasil.....	30
Figura 5 - Ápis mais: 5º ano- Independência do Brasil	30
Figura 6 - Desenho da 1º colocado no concurso do Plenarinho em homenagem à Imperatriz Leopoldina - Igor Eduardo Machado, da Escola de Educação Básica Professora Araci Espindola Dalcenter (SC).....	34
Figura 7 - Desenho da 1º colocada no concurso do Plenarinho em homenagem à Dom João VI - Ana Eduarda Martins Stolarczk, da cidade de Major Gercino/SC35	
Figura 8 - Desenho da 1º colocada no concurso Plenarinho em homenagem à José Bonifácio - Gabrielle dos Santos, da Escola Estadual Professor Fábregas, de Luminárias (MG).....	36
Figura 9 - Busca de vídeos no <i>YouTube</i> sobre a Independência do Brasil para crianças	48
Figura 10 - Dom Pedro e Leopoldina crianças	54
Figura 11 - Jogo da memória.....	55
Figura 12 - Dom Pedro como o herói da Independência	60
Figura 13- Dom Pedro e a nobreza como os heróis da pátria.....	61
Figura 14 - Prisão de Tiradentes.....	61
Figura 15 - Condenação de Tiradentes	62
Figura 16 - Brado retumbante de Dom Pedro I: Independência ou morte!	62
Figura 17- Declaração da Independência por Dom Pedro I	63
Figura 18 - Coleção: Velosinho & Joaquim e as plantas medicinais brasileiras	64
Figura 19 - Velosinho e Joaquim se apresentam ao Príncipe Dom Pedro I	68
Figura 20 - Joaquim: herói ou não.....	69
Figura 21- Velosinho e Joaquim em Ouro Preto (MG)	71
Figura 22 - Jogo da associação	72

Figura 24 - Recrutinha e o desfile de 7 de setembro	74
Figura 25 - Governo de Jair Bolsonaro	77
Figura 26 - Independência de Pernambuco	79
Figura 27 - Centenário da Independência do Brasil	81
Figura 28 - Lima Barreto e Centenário da Independência do Brasil (1822-1922).....	82
Figura 29 - Viagem de Bia ao período Ditadura Militar no Brasil.....	83
Figura 30 - Comemorações da Independência do Brasil e a Ditadura Militar	84
Figura 31 - Desfile com os restos mortais de Dom Pedro I em São Paulo.....	84
Figura 32 - Retorno de Bia a 2022	86
Figura 33 - HQ Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos e Dom Pedro.....	87
Figura 34 - Caderno de selos -Jogo da Independência IBGE.....	89
Figura 35 - Sala de missões-Jogo da Independência IBGE.....	89
Figura 36 - Baú de tesouros - Jogo da Independência -IBGE	90
Figura 37 - Posto Antônio Paulo, crianças Parintintin ouvindo gramofone.....	91
Figura 38 - Escolinha de arte (RJ-1953).....	91
Figura 39 - Serviço Nacional de Recenseamento: setor de protocolo -1960.....	92
Figura 40 - Desafio da Independência IBGE- Missão Álbum de Lembranças	92
Figura 41 - Mapas do Brasil - Jogo Independência do Brasil- IBGE.....	93
Figura 42 - Desafio da Independência IBGE - missão cartas antigas	94
Figura 43 - Na trilha da Independência - parte 1	96
Figura 44 - Na trilha da Independência - parte 2	96
Figura 45 - Cartas do jogo na trilha da Independência - parte 1	98
Figura 46 - Cartas do jogo na trilha da Independência - parte 2	99
Figura 47 - Jogo Caça- palavras	101
Figura 48 - Caça palavras	102
Figura 49 - ‘Independência ou morte!’ de Pedro Américo e Batalha de Friedland de Ernest Meissonier, (1807)	103
Figura 50 - Jogo caça - palavras	104
Figura 51- Primeira Carta do Jogo da Independência	105
Figura 52 - Segunda Carta do Jogo da Independência	106
Figura 53 - Fim do jogo da Independência.....	108
Figura 54 - Possibilidades de jogada na carta	112

Figura 56 - Bicentenário da Independência do Brasil- chegada da família real no Brasil	114
Figura 57 - Bicentenário da Independência do Brasil - Dom João VI	115
Figura 58 - Bicentenário da Independência do Brasil - Imperatriz Leopoldina	116
Figura 59 - Bicentenário da Independência do Brasil - Revolução do Porto	117
Figura 60 - Bicentenário da Independência do Brasil - Brasil em Lisboa.....	118
Figura 61 - Bicentenário da Independência do Brasil - José Bonifácio de Andrada....	119
Figura 62 - Bicentenário da Independência do Brasil - Dom Pedro e a princesa Maria Leopoldina	119
Figura 63 - Bicentenário da Independência do Brasil - outros personagens	120
Figura 64 - Bicentenário da Independência – Fecha a Cortina.....	120
Figura 65- Site ‘Caixa da História: Independência do Brasil’	122
Figura 66 - Cenário 1: Pindorama	124
Figura 67 - Cenário 2: Cidade de São Sebastião do Rio De Janeiro	124
Figura 68 - Cenário 3: ‘Independência ou Morte!’ ou ‘O Brado do Ipiranga’	125
Figura 69 - Prancha 1 e 2.....	126
Figura 70 - Prancha 3 e 4.....	127
Figura 71 - Prancha 5 e 6.....	127
Figura 72 - Prancha 7 e 8.....	128
Figura 73 - Pindorama e a chegada dos portugueses.....	130
Figura 74 - Paço Imperial -RJ	130
Figura 75 - Horizonte do rio Ipiranga.....	131
Figura 76 - Nação brasileira	132
Figura 77 - Trilha ‘América’- Portal do Bicentenário.....	133
Figura 78 - Trilha ‘Independências’ - Portal do Bicentenário.....	134
Figura 79 - Trilha ‘Comemorações’- Portal do Bicentenário.....	135
Figura 80 - Trilha ‘Trajetórias’ - Portal do Bicentenário	135
Figura 81 - Revolta populares no Cordel.....	136
Figura 82 - Conhecendo o jongo	140
Figura 83 - Livro A roda encantada	143
Figura 84 - Livro Vovó Maria Joanna do Jongo da Serrinha	143
Figura 85 - Conhecendo o jongo	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Narrativa do Jogo da Independência - Plenarinho	109
Quadro 2 - Categorias de análise das produções	146
Quadro 3 - Produções que perpetuam a história oficial da Independência	147
Quadro 4 - Produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela	150
Quadro 5 - Produções que criticam a história oficial do processo de Independência do Brasil em relação à Portugal	152
Quadro 6 - Produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente	155
Quadro 7 - Jogo da Independência- Plenarinho.....	166
Quadro 8 - Desafio da Independência- IBGE.....	167
Quadro 9 - Jogo de tabuleiro: na trilha da Independência.....	168
Quadro 10 – Caça - Palavras: José Bonifácio e a Independência do Brasil	169
Quadro 11- HQ Veloso e Joaquim e a Independência do Brasil	170
Quadro 12 - HQ RECRUTINHA - 200 Anos da Independência	171
Quadro 13 - HQ Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos	172
Quadro 14 - HQ Era uma vez... Brasil: Mais do que o Ipiranga, as independências dos outros Brasis	173
Quadro 15 - HQ Esquadrão do tempo 2122: quem criou o Brasil	174
Quadro 16 - HQ 2 de julho - A Independência do Brasil na Bahia.....	175
Quadro 17 - HQ Finalmente, o Brasil Independente	176
Quadro 18 - Vídeo - Animação Bicentenário da Independência.....	177
Quadro 19 - Caixa da História: Independência do Brasil.....	178
Quadro 20 - Revoltas populares no cordel	179
Quadro 21- Livro a Menina Colorida.....	180
Quadro 22 - Matemática criativa	181
Quadro 23 - Livro Conhecendo o jongo.....	182
Quadro 24 - Canção Infantil “África”, do grupo Palavra Cantada.....	183
Quadro 25 - Canção dos povos.....	184
Quadro 26 - Independência ou ... confusão! História Ilustrada do Brasil	185
Quadro 27 - Livro Princesinha e Principezinhos do Brasil	186

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS EM CIRCULAÇÃO.....	17
2.1 Pedagogia da Memória: muito além da memória nacional	17
2.2 Independência do Brasil nos currículos prescritos e editados: rupturas e permanências da memória histórica da elite.....	22
2.3 Memórias de adultos e crianças sobre a Independência do Brasil na ocasião de seu Bicentenário.....	32
2.4 A história da Independência do Brasil contada por historiadores/as.....	37
3 PRODUÇÕES SOBRE OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE BUSCA E ANÁLISE	40
3.1 Metodologia da pesquisa.....	40
3.2 Estudos culturais, ensino de história e os 200 anos de Independência do Brasil	42
3.3 As produções sobre os 200 anos de Brasil Independente entre a cultura de história e a cultura histórica	44
3.4 A História e o ensino de História em tempos de cultura digital	46
3.5 As buscas das produções para o público infantil elaboradas para o Bicentenário da Independência do Brasil: desafiando os comportamentos algorítmicos	47
4 AS PRODUÇÕES SOBRE O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS: ABORDAGENS PLURAIS E SEUS SENTIDOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	52
4.1 Análises dos livros de literatura infanto juvenil	53
4.2 Análises das histórias em quadrinhos (HQ).....	64
4.3 Jogos e o Bicentenário da Independência do Brasil	88
4.4 Animação em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil	113
4.5 Caixa da História: Independência do Brasil - a criação de uma nação.....	121
4.6 Produções do Portal do Bicentenário	132
4.7 Uma síntese das produções	145
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS	161
APÊNDICE - QUADROS REFERENTES AS PRODUÇÕES ENCONTRADAS PARA ANÁLISE DA PESQUISA	166

1 INTRODUÇÃO

O tema de nossa pesquisa são as produções que circulam na *internet* sobre os 200 anos do Brasil independente para crianças. O nosso problema se constituiu da seguinte maneira: entre as produções que circularam na *internet* para o público infantil, sobre o Bicentenário da Independência do Brasil, quais as diversas abordagens históricas em disputa? Assim, consideramos abordagens em disputa, aquelas produções feitas para as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil que naturalizam o 7 de setembro e a ação da nobreza portuguesa em conjunto com a elite do Sudeste, e outras que abordam outros marcos históricos e sujeitos como, por exemplo, o 2 de julho na Bahia.

Essa pesquisa foi pensada a partir de uma mais ampla coordenada por minha orientadora, Profa. Dra. Aléxia Pádua Franco, e financiada pela Fapemig – ‘Bicentenário da Independência do Brasil: mudanças e permanências das narrativas e da cultura de História entre professores e estudantes da Educação Básica’. Esta é uma das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia e História (GEPEGH), vinculado à Linha de Pesquisa ‘Saberes e Práticas Educativas’ do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Ao iniciar os estudos para esta pesquisa do mestrado, encontrei uma conexão com minha pesquisa de pós-graduação *lato sensu* em Tecnologias, mídias e linguagens em Educação pelo Instituto Federal de Uberlândia - campus Uberlândia Centro, ‘As histórias infantis na educação tecnológica: um estudo comparativo sobre estilo de vida de princesa’ elaborada em 2019. Isto é, observei uma aproximação entre o processo de construção do 7 de setembro como marco da história nacional e os Contos de Fadas.

Escolhemos analisar a data relacionada à Independência do Brasil porque recentemente, em 2022, o seu Bicentenário foi motivo de celebrações e reflexões por diferentes grupos políticos, sociais, acadêmicos, educacionais e culturais. Mas por que pesquisar uma comemoração que já aconteceu? Pimenta (2022) nos diz claramente que a Independência do Brasil ainda é um tema atual, polêmico, rico de possibilidades de interpretação e cheio de ensinamentos. Ao estudarmos essa temática podemos entender muito a respeito daquilo que nosso país foi um dia, bem como nos ajuda a pensar o que

ele pode vir a ser. Na ocasião do Bicentenário, foram elaboradas e compartilhadas diversas produções que contribuem para este movimento de reflexão.

Consideramos este problema de pesquisa relevante, porque percebemos que o 7 de setembro é, ano a ano, celebrado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, onde atuo desde 2018, quando iniciei minha carreira docente, através de contação de histórias, leitura de livros, montagem de murais comemorativos, de representações teatrais, de produção de fantasias para as crianças, da participação em desfiles cívico-militares. As crianças recortam e colorem chapéus de militares e espadas em alusão às roupas de D. Pedro ao gritar ‘Independência ou Morte’, vestem-se de príncipes e princesas, enfeitam a escola de verde e amarelo, fazem continência para a Bandeira Nacional enquanto cantam o Hino Nacional, cuja primeira estrofe faz referência ao 7 de setembro¹, com pouca ou nenhuma problematização do significado da data e de seus símbolos.

Consideramos como produções para o público infantil aquelas que se destinam às crianças que frequentam os anos iniciais do ensino fundamental (6 a 10 anos). Optamos por essa faixa etária considerando minha experiência enquanto professora nestas etapas escolares.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos produções que mencionam o Bicentenário da Independência do Brasil e que foram produzidas no período desta comemoração, ou seja, de 2017 a 2023, de modo a considerar os 200 anos de Independência para além dos marcos oficiais. Desse modo, analisamos as fontes encontradas, buscando responder às seguintes perguntas: quem criou essas produções? Para qual público e com que objetivo? Qual foi a abordagem histórica elaborada? Por onde circularam essas produções? Quais marcos históricos elas trabalham? Quais sujeitos são os protagonistas? Quais as abordagens históricas em disputas?

Este trabalho tem por objetivo geral compreender as abordagens históricas das produções que circularam na *internet* para o público infantil no período de comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil (2017-2023). Como objetivos específicos buscamos identificar, em postagens feitas na *internet*, produções para o público infantil relacionadas com o Bicentenário da Independência do Brasil; categorizar as produções encontradas conforme temática, abordagem, suporte; analisar quais as abordagens históricas presentes nestas produções e se elas dialogam com as discussões da

¹ Ouviram do Ipiranga as margens plácidas/De um povo heroico o brado retumbante/E o sol da liberdade, em raios fúlgidos, /Brilhou no céu da pátria nesse instante.

historiografia crítica sobre os diferentes movimentos e personagens que contribuíram para a Independência do Brasil e para a conquista de outras independências, ao longo dos 200 anos de Brasil Independente; observar quem está envolvido na elaboração destas produções na relação com as abordagens desenvolvidas; analisar os limites e potencialidades destas produções para o planejamento e desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem da temática da Independência do Brasil nos anos iniciais do fundamental, para além daquelas presentes no cotidiano escolar, nos currículos prescritos e editados.

Nossa pesquisa será delineada pelos princípios da pesquisa qualitativa, exploratória e documental. Para constituir o *corpus* documental da pesquisa, os procedimentos metodológicos foram guiados pela busca no *Google* – o buscador mais popular entre os internautas - por materiais digitais, digitalizados ou impressos divulgados na *internet*, entre os anos de 2017 e 2023, para comemorar o Bicentenário da Independência do Brasil. Para isso, utilizamos a expressão ‘Bicentenário da Independência do Brasil para crianças’ ou similares. Também fizemos buscas específicas no canal de vídeos *YouTube*, bem como no Portal do Bicentenário (*site*, perfil do *Instagram* e canal do *Youtube*), já que ele foi criado por pesquisadores/as da Educação Básica e Superior para produzir materiais que possibilitem a reflexão crítica sobre os 200 anos de Brasil independente, para além do 7 de setembro.

No decorrer da busca, selecionamos produções elaboradas para o público infantil, excluindo produções feitas por alunos ou produções para professores. Após essas buscas, elaboramos quadros com as principais informações de cada material encontrado, aos quais estão em anexo, e depois dessa etapa fizemos uma nova seleção considerando apenas aquelas produções que possuem uma linguagem mais apropriada para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, considerando também a aproximação em seus formatos em livros, histórias em quadrinhos, jogos e audiovisual. Após analisar cada produção, entrecruzamos todas elas com base em quatro categorias: produções que contribuem para a perpetuação da história oficial da Independência; produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela; produções que criticam a história oficial do processo de Independência do Brasil em relação à Portugal; produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente, para além da Independência do Brasil em relação a Portugal .

Para apresentar o processo e os resultados da pesquisa, organizamos a dissertação em cinco seções. Depois desta introdução, na seção 2, refletimos sobre memórias e

histórias da Independência do Brasil que circulam na atualidade em diferentes espaços sociais, da escola aos programas de televisão até a academia, tendo como referencial a pedagogia de memória de Suzane Citron (1984), memória histórica de Circe Bittencourt (2009) e Adalberto Marson (1984). Para compreender, para além do saber histórico escolar e das memórias, o que o 7 de setembro, marco utilizado para comemorar o Bicentenário do Brasil, representou na história da Independência do Brasil, dialogamos com os historiadores Hendrik Kraay (2010) e João Paulo Pimenta (2022) e com as historiadoras Lucia Neves (2020) e Cecília Helena de Salles Oliveira (2022).

Na seção 3, apresentamos os referenciais teórico-metodológicos que delinearam a busca e análise das produções que circulam na *internet* sobre os 200 anos do Brasil independente para crianças, bem como os procedimentos utilizados para a composição do *corpus* documental de nossa pesquisa, nos baseando nos Estudos Culturais e na performatividade algorítmica. Além disso, discutimos os conceitos que embasaram as análises de nossas fontes: documento histórico de Jacques Le Goff (1990), cultura de História de Pimenta (2014) e cultura histórica de Ângela de Castro Gomes (1996).

Na seção 4, analisamos 15 produções sobre os 200 anos de Brasil independente divulgadas na *internet* para o público infantil, as quais foram selecionadas a partir de uma catalogação prévia registrada em quadros apresentados no apêndice.

Nas Considerações Finais, sintetizamos as descobertas feitas em relação ao nosso problema de pesquisa e seus objetivos.

2 INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS EM CIRCULAÇÃO

Nesta seção, vamos refletir sobre memórias e histórias da Independência do Brasil que circulam na atualidade em diferentes espaços sociais, da escola aos programas de televisão até a academia.

A partir da proposta de pedagogia de memória de Suzane Citron (1984), vamos analisar, inicialmente, memórias históricas da Independência do Brasil presentes nas coleções didáticas de História dos anos iniciais do ensino fundamental adotadas nas escolas públicas desde 2019 na relação com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Em seguida, vamos apresentar memórias de adultos e crianças apresentadas em reportagens veiculadas no ano do Bicentenário, bem como desenhos produzidos por estudantes da Educação Básica nas comemorações do Bicentenário da Independência promovidas pela Câmara dos Deputados desde 2017. Para finalizar, vamos relacionar estas memórias com o que a historiografia nos informa sobre a Independência do Brasil.

Apesar de não fazerem parte de nosso *corpus* documental, estas análises são importantes para compreendermos representações sobre a independência que circulavam no período em foram produzidas e divulgadas na *internet* as nossas fontes sobre os 200 anos de Independência do Brasil e outras lutas por liberdade.

2.1 Pedagogia da Memória: muito além da memória nacional

Para iniciarmos nossa discussão, tomaremos como referência as reflexões feitas por Suzanne Citron no livro *Ensinar a História hoje: a memória perdida e reencontrada* (1984). Portanto, o que é a História para essa autora? Para ela História designa quer um passado humano, quer o conhecimento desse passado, sendo um segmento da cultura humana explorado por historiadores que trabalham em um constante vaivém entre o seu presente e o passado.

Para compreender a História e seu ensino, Citron (1984) diferencia a história institucional da contra-institucional. A primeira se refere ao passado reconstruído com base em fontes, sinais do passado, marcas do tempo selecionadas e legitimadas pelos grupos sociais e políticos hegemônicos. A segunda seria a história contada pelos vencidos, por meio da memória oral, principalmente.

Na relação entre memória e a história, Citron recorre a conceitos como memória coletiva e memória social, e finalmente define que usará o termo memória no sentido de ‘ligação pessoal do passado, apropriação de um tempo significativo’ e o termo memória ‘artificial’ para se referir aos documentos, escritos ou não, objetos, traços materiais do passado no presente.

Neste sentido, Citron (1984) afirma que a memória ‘artificial’ multiplicou a capacidade dos seres humanos em preservar e transmitir de geração para geração as experiências e os conhecimentos acumulados. Especialmente, a escrita, aproximadamente, nos anos 3000 a.C, possibilitou a expansão da memória humana, o que coincidiu com o aparecimento dos Estados, das Cidades, dos Reis e outros governantes. Portanto, a História, enquanto produção de conhecimento sobre o passado é beneficiada pela escrita, e a escola dos tempos modernos, consolidada a partir do século XIX, se organizou com base nesta cultura letrada, sendo uma das instituições responsáveis por transmitir o conhecimento do passado que foi registrado, em sua maioria, pelas elites que dominavam a escrita.

Neste aspecto, o que nos chama a atenção e dialoga com nossa pesquisa é que a autora discute sobre a escrita da História e sua divulgação a partir de memórias da elite, considerando que o ensino de História na III República na França (1870-1940) forjou um recorte histórico no qual o ensino da História contribuía para a constituição de uma identidade nacional em torno do culto do Estado-Nação e das ações político-administrativas de seus governantes, o que denominamos de História Oficial. Esta tradição francesa influenciou muito a organização da escrita da História do Brasil e seu ensino, desde o século XIX, e tem traços que permanecem até hoje, apesar de todo um movimento de crítica a ela que já possibilitou inúmeras mudanças nos currículos escolares de História, especialmente, a partir da redemocratização do país nos anos 1980.

De maneira análoga, percebemos que após a Independência do Brasil, no Brasil Império, escreveu-se uma História Institucional baseada nessa memória da elite, na qual há a exaltação dos personagens que governaram e governam o Estado, de datas que marcaram suas ações. Um exemplo é a história da Independência do Brasil centrada na figura de D. Pedro e em datas do ano de 1822 que colocam em destaque fatos a ele relacionados: dia do Fico em 9 de janeiro, dia do grito de ‘Independência ou Morte’ em 7 de setembro, dia da Aclamação de D. Pedro como o primeiro Imperador Constitucional do Brasil em 12 de outubro etc. Por muito tempo, a história escolar vai reproduzir a

memória da elite, para além do tempo que ela estava viva, principalmente nos materiais didáticos utilizados, o que discutiremos a seguir.

Nesse viés, essa história escolar desconsidera a participação de sujeitos subalternizados e memórias populares. Contudo, especialmente a partir dos anos 1980, com a redemocratização do Brasil, esse ensino de História Tradicional começou a ser questionado e foram se fortalecendo outras abordagens históricas que consideram o protagonismo de cada ser humano como Sujeito Social, contrapondo abordagens dominantes com memórias dos “abandonados da história, camponeses, pescadores artesãos, operários, culturas desprezadas, cujos gestos e trabalho são estranhos à memória da escola” (Citron, 1984, p. 114).

Desse modo, ao final de sua obra, Citron (1984) argumenta que a memória nacional pertence à memória coletiva, mas não deve ser uma condição de memória única do passado de um Estado Nação. Pelo contrário, deve ser contraposta a outras memórias como os crimes e violações do direito pelo Estado, de movimentos coletivos que lutaram contra eles, entre outras. Assim, a história oficial do passado nacional será apreendida na sua relatividade em relação a outras histórias imprescindíveis para a compreensão do presente.

Citron (1984) considera ainda a análise da memória da mídia que exige que o professor não seja prisioneiro de um manual didático, tendo-o como apenas um dos suportes para seu planejamento de uma prática crítica baseada na ‘pedagogia da memória’ que deve contrapor diferentes memórias, inclusive aquelas veiculadas pelos meios de comunicação. É nesse aspecto que há um diálogo com nossa pesquisa uma vez que os documentos que serão analisados são produções que circulam nas mídias e redes sociais digitais, elaboradas e divulgadas por diferentes grupos sociais. Assim, concordamos com a autora quando ela propõe que a educação deve-se integrar a uma pedagogia global da comunicação, da criatividade e da socialização, considerando que para uma abordagem significativa do passado, deve-se unir e combinar muitos materiais históricos de modo que os conteúdos devem ser vistos e revistos.

Adalberto Marson (1984) contribui com essa discussão sobre memórias históricas. Primeiramente o autor, em seu texto ‘Reflexões sobre o procedimento histórico’, discorre sobre o processo do conhecer em História e sobre o valor do documento. Neste aspecto, considera que ao se analisar um documento criticamente, é possível compreender sua historicidade. Segundo o autor,

Isto quer dizer a possibilidade de recuperar a presença de outros sujeitos e outros objetos vencidos e dominados no processo histórico, seja através da contraposição de outros discursos, seja pelo desvendamento das formas de dominação e da figura dos dominados no interior do próprio discurso dominante (Marson, 1984, p. 53).

Segundo o autor citado acima, um modo enriquecedor de se ensinar História é incentivar a análise crítica das fontes em exercícios constantes em salas de aula, uma vez que, um documento contém múltiplas possibilidades.

Desse modo, Marson (1984) descreve que o documento, ao ser vestígios de acontecimentos, ele é também um ato de poder. Exemplifica este ato na escolha da assinatura da Lei Áurea por Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, como marco da ‘extinção da escravidão’ no Brasil. Esta escolha perpetuou a imagem da princesa como Redentora de um passado de ‘horror’, desconsiderando todos os problemas sociais que os negros libertos continuaram a enfrentar após a comemorada ‘Abolição’. Neste aspecto, a Lei Áurea não significou uma ruptura, mas se configurou em uma nova articulação das classes dominantes.

Nesse viés, as ideias defendidas pelo autor se aproximam da nossa pesquisa, pois as versões dadas pela memória oficial sobre a Independência do Brasil excluem a participação de outros sujeitos históricos, como por exemplo, os negros. Sujeitos esses que foram marginalizados, e mesmo após 200 anos de Independência, eles ainda lutam contra a discriminação na sociedade brasileira. Assim, ao invés de considerar o 13 de maio como o marco oficial de sua liberdade, conseguiram transformar o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, em feriado nacional desde 2023², símbolo da resistência à escravidão e de enfrentamento ao racismo.

Marson (1984), a partir de exemplos como este do 13 de maio, destaca a necessidade de, nas aulas de História, se fazer o exercício de indagar qual é o poder que está implícito no saber sistematizado e como ele aparece nos programas e conteúdos ensinados na sala de aula.

Circe Bittencourt (2009) corrobora com essa discussão. A autora em seu texto ‘As tradições nacionais’ e o ritual das festas cívicas’ discorre sobre a construção da memória

² O feriado do dia 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, foi estabelecido como feriado nacional pela Lei nº 14.759/2023. Antes de ser definido como feriado nacional, a Lei nº 10639/2003 instituiu que o calendário escolar incluísse o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

histórica nacional por meio das datas comemoradas na escola em homenagem aos ‘heróis nacionais’ e seus atos político-administrativos, desde as primeiras décadas do século XX.

Estas homenagens e uma série de atividades de culto à Pátria incorporadas ao currículo, como hasteamento da bandeira nacional acompanhado por hinos pátrios memorizados acriticamente pelas crianças, participaram do movimento de institucionalização de uma memória e identidade nacional, na tentativa de ocultar as desigualdades e conflitos que impregnavam a sociedade brasileira. Assim, segundo Bittencourt (2009, p. 27):

Diante, portanto, dos confrontos sociais e políticos vivenciados nas primeiras décadas do século XX, com o início da industrialização e do mercado livre da mão-de-obra, os grupos no poder necessitaram das “tradições inventadas para reintroduzir o status no mundo do contrato social, o superior e o inferior num mundo de iguais perante a lei”. Como a organização social brasileira fundava-se em desigualdades sociais e étnicas de fato, a opção dos republicanos foi semelhante à realizada nos demais países europeus, [...].

Marson (1984) e Bittencourt (2009) discutem, assim, como as elites republicanas inventaram tradições nacionais que justificavam e legitimavam seus projetos de dominação e manutenção do status quo. No entanto, isto não se deu sem a resistência de grupos sociais subalternizados que contestavam a legitimidade dos ‘fundadores do país’ cultuados nas festas cívicas e materiais escolares.

Neste aspecto, em nossas análises buscamos verificar se há ainda este culto a esses fundadores do país que pertenceram a elite ou se há rupturas nesse processo. Buscamos ainda verificar se há a permanência das ‘tradições nacionais’ nas produções encontradas.

Dessa forma, antes de apresentar e analisar o *corpus* documental de nossa pesquisa, discutiremos como a Independência do Brasil foi abordada nos livros didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD 2019 e PNLD 2023³, buscando entender permanências e rupturas com a memória da elite. Esta análise nos auxiliará a compreender como os materiais produzidos na ocasião do

³ Escolhemos as coleções de História destes dois PNLD, porque foram aquelas produzidas para os anos iniciais do ensino fundamental, após a definição da BNCC como currículo nacional e oficial do Brasil. As do PNLD 2023 foram, inclusive, as que estavam em uso nas salas de aula das escolas públicas, no período de desenvolvimento desta pesquisa. Também porque foram elaborados pelas editoras entre os anos de 2021-2022, para atender ao edital publicado em 2021 (disponível em: https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2023-1/15RetificaoPNLD202322_02_2024.pdf) ao mesmo tempo, em que as comemorações do Bicentenário da Independência estavam no seu auge.

Bicentenário da Independência e divulgados na *internet* podem contribuir para ampliar as discussões propostas nos currículos editados (coleções didáticas do PNLD).

2.2 Independência do Brasil nos currículos prescritos e editados: rupturas e permanências da memória histórica da elite

Na BNCC de História anos iniciais (Brasil, 2018), não há menção específica a abordagem de datas comemorativas ou festividades cívicas, já que desde a redemocratização do Brasil, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997, há uma crítica ao ensino de História baseado nelas como era costume nos Estudos Sociais que pretendiam a formação do ‘cidadão patriótico’, dócil (Brasil, 1997).

Na BNCC, há apenas uma habilidade no 1º ano (EF01HI08) que se refere ao reconhecimento do “significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade” (Brasil, 2018, p. 407). No 3º e 5º anos, é indicado o desenvolvimento de habilidades que proporcionem uma reflexão crítica de marcos da memória: “(EF03HI05) Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados” (Brasil, 2018, p. 411); “(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória” (Brasil, 2018, p. 415).

A menção explícita ao processo de Independência do Brasil é feita apenas na unidade temática do 8º ano: Os processos de Independência nas Américas. Tal unidade tem por objeto de conhecimento os caminhos até a Independência do Brasil e como habilidades: “(EF08HI11) Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti”; “(EF08HI12) Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822 e seus desdobramentos para a história política brasileira”; “(EF08HI13) Analisar o processo de independência em diferentes países latino-americanos e comparar as formas de governo neles adotadas” (Brasil, 2018, p. 424-425).

Em relação às coleções didáticas de História distribuídas pelo MEC para os anos iniciais desde que a BNCC está vigente, foram aprovadas 15 obras no PNLD 2019, e outras 15 no PNLD 2023. Entre elas, podemos verificar que alguns livros do 4º e 5º ano

abordam a Independência do Brasil, mesmo este sendo um conteúdo do 8º ano. Para fazer esta análise, buscamos inicialmente pistas da abordagem do tema nas resenhas de cada coleção disponibilizadas nos Guias Digitais do PNLD 2019⁴ e PNLD 2023⁵. Em seguida, procuramos os volumes nas Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Uberlândia ou, para as coleções de editoras que disponibilizam suas obras digitalizadas em seus sites, analisamos a versão em PDF. Privilegiamos a análise dos Manuais dos Professores que contêm os Livros dos Estudantes junto com as orientações às professoras. Mas quando não os localizamos, analisamos os Livros dos Estudantes.

Examinamos, assim, cinco livros didáticos de História de 5º ano e um livro de 4º ano, nos quais foram encontrados textos e atividades que abordavam a Independência do Brasil, mesmo este não sendo um acontecimento explicitado entre as habilidades que compõem a BNCC História – anos iniciais. Os livros didáticos do PNLD 2019 foram: ‘Ligamundo História’, 5º ano de Letícia Fagundes de Oliveira; ‘Encontros de História’ 5º ano, do autor Cândido Domingues Grangeiro; ‘Conectados História’, 5º ano de Alfredo Boulos Júnior. Os do PNLD 2023 foram: ‘Vida de criança – História’, 5º ano, dos autores Caroline Minorelli e Charles Chiba; ‘Ápis mais História’ do 4º e 5º anos de Anna Maria Charlier e Maria Elena Simielli.

Em termos gerais, observamos que o estudo da Independência do Brasil e as festas feitas em sua comemoração, nos volumes de 5º ano, foi relacionado às habilidades: “(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado”; “(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social”; “(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos”; “(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica”; “(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória”; “(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e

⁴Documento disponível no *site*: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2019/componente-curricular/historia. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁵Documento disponível no *site*: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2023_anos_iniciais_praticas/componente-%20curricular/pnld_2023_anos_iniciais_praticas_historia. Acesso em: 2 jul. 2024.

os povos africanos”; “(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais”; “(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo” (Brasil, 2018, p. 415).

A obra ‘Ligamundo História’ 5º ano (Oliveira, 2017), na unidade 3, ‘O Brasil independente: nasce uma nação’, tem por objetivo entender o processo de Independência do Brasil e reconhecer a função e a importância dos monumentos históricos. Nesse sentido, o texto principal da unidade narra este processo por meio de uma sucessão de fatos relacionados a família real portuguesa no Brasil na sua relação com a elite agrária colonial. Dentre eles, foram destacados a fuga da família real de Portugal para o Brasil em 1808, seguida da abertura dos portos brasileiros às Nações Amigas; a Revolução que o príncipe Dom Pedro, desrespeitando as ordens da Coroa Portuguesa que já havia retornado para Portugal, decidiu permanecer no Brasil e, finalmente, proclamação da Independência por D. Pedro em 7 de setembro de 1822.

A participação da princesa Leopoldina no processo de Independência aparece em uma atividade proposta a partir da pintura de Georgina Albuquerque produzida em 1922 para representar a presença da Princesa na reunião do Conselho de Estado em 1822, a qual aconselhada por este grupo, enviou uma carta a Dom Pedro, que estava em viagem a São Paulo, incentivando-o a proclamar a Independência do Brasil.

Observamos nesta atividade e também na atividade que sugere a pesquisa da “biografia de uma mulher que tenha sido, ou seja, chefe de Estado em algum país” (Oliveira, 2017, p. 51), uma tentativa de valorizar a participação das mulheres na História. No entanto, mesmo ao abordar o protagonismo feminino na história, mantém-se o destaque para pessoas da elite política do país (Figura 1).

Figura 1 - Leopoldina e a Independência do Brasil, Ligamundo 5º ano

Em setembro de 1822, dona Leopoldina, nomeada princesa regente interina do Brasil, reuniu o Conselho de Estado e, aconselhada por esse grupo, enviou uma carta ao marido, dom Pedro, que estava em viagem a São Paulo, incentivando-o a proclamar a Independência do Brasil. Com base nessas informações, observe a pintura e faça as atividades no caderno.



Sessão do Conselho de Estado, de Georgina de Albuquerque, 1922 (óleo sobre tela, de 2,10 m x 2,65 m). Essa obra retrata um momento decisivo no processo de independência do Brasil. A personagem em pé, à direita, com o braço estendido, é José Bonifácio, expondo à dona Leopoldina os motivos de separar o Brasil de Portugal.

a) Quem era dona Leopoldina?

b) É correto afirmar que dona Leopoldina desempenhou importante papel na Independência do Brasil? Justifique sua resposta.

c) Muitas mulheres tiveram e continuam tendo importância e influência no cenário político de vários países. Pesquise sobre a biografia de uma mulher que tenha sido ou seja chefe de Estado em algum país do mundo e apresente-a aos colegas.

Fonte: Oliveira (2017, p. 51).

Ainda sobre o 7 de setembro, a obra destaca os monumentos construídos para celebrar esta data, trazendo na página 54, a foto do monumento da Independência inaugurado em 1922, na maior praça da cidade de Santos, SP, como parte das comemorações do centenário da Independência do Brasil e dedicado a José Bonifácio e seus irmãos.

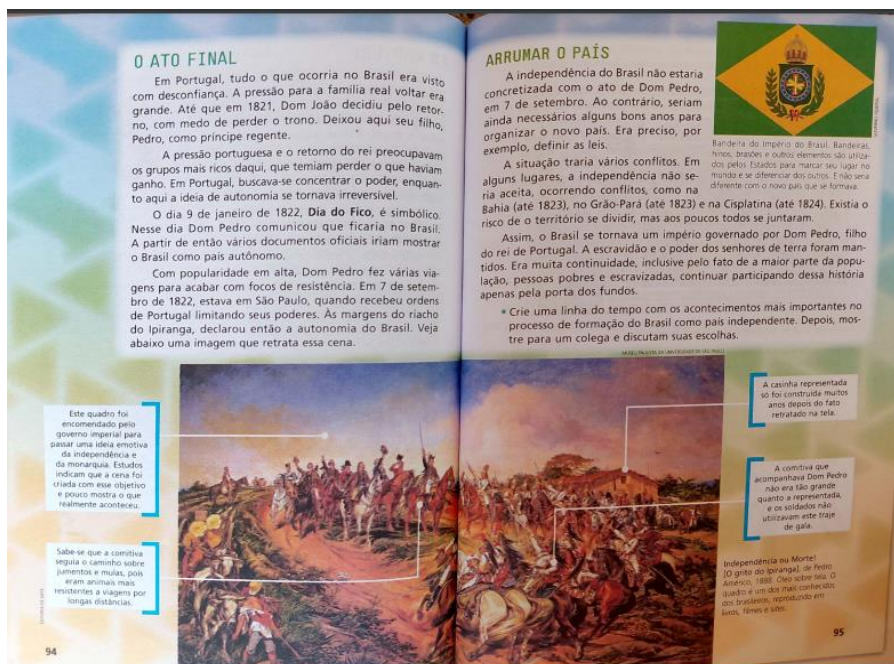
No livro ‘Encontros de História’ 5º ano (Grangeiro, 2018), a unidade 5 – ‘Brasil, Independente’ – apresenta, entre seus objetivos de aprendizagem, identificar atores envolvidos no processo de Independência do Brasil.

Assim, no capítulo 1, ‘Às vésperas da Independência’ (Grangeiro, 2018, p. 84 – 85), narra, em seus textos iniciais, como José Bonifácio não tendo sido bem-sucedido na tentativa de formar um império com Portugal e Brasil em pé de igualdade, começou a defender a Independência feita pelas mãos de D. Pedro com apoio da elite, evitando a participação popular neste processo, como proposto por Joaquim Gonçalves Ledo, jornalista e político que morava no Rio de Janeiro.

Neste capítulo, há ainda textos que discutem as revoltas que antecederam a Independência do Brasil como a Conjuração Mineira e a Conjuração dos Alfaiates, a vinda da família real para o Rio de Janeiro, a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil

e Algarves e o ato final: a Independência do Brasil. Desse modo, nas páginas 94 e 95, aborda o Dia do Fico e explica detalhes do quadro de Pedro Américo: Independência ou morte! (Figura 2).

Figura 2 - Independência do Brasil – Encontros história



Fonte: Grangeiro (2018, p. 94 - 95).

No Manual do Professor desta obra, abaixo da reprodução desta página do livro do estudante, há uma parte designada ‘Conexões para o professor’ que propõe que ele trabalhe com sua turma um vídeo sobre a Guerra da Independência na Bahia, e em seguida proponha atividades de pesquisa aos estudantes sobre Maria Quitéria (Grangeiro, 2018, p. 94). Outra seção presente no Manual do Professor denominada ‘Encaminhamento’ orienta o professor a explicar que muitas regiões do Brasil não aceitaram de imediato a Independência proposta por Dom Pedro, ocorrendo assim conflitos e resistências (Grangeiro, 2018, p. 95).

Quanto à sugestão de atividade com vídeo seguida de pesquisa, destacamos como ela constitui uma oportunidade de ir além do que está escrito apenas no texto base do livro didático, que muitas vezes silencia ou fragmenta acontecimentos históricos. Esta atividade complementar aproxima-se da proposta de Randy Bass (2022) de desenvolvimento de pesquisas escolares baseadas na recuperação e análise de documentos primários relativos à sociedade e à cultura que circulam pela *internet* – fotos,

pinturas, biografia de escritores. Ele argumenta que, quando o professor desenvolve com seus alunos uma pesquisa estruturada destas fontes, tais explorações podem construir nos alunos interesses por história e cultura.

No entanto, podemos observar que embora a obra traga, em notas para o professor, outros olhares e personagens sobre a Independência do Brasil, além de atividades que extrapolam a mera leitura e compreensão do texto, fica evidente que se isso não for abordado pelo professor em sala de aula, o aluno ficará restrito ao que foi informado nos textos de referência que mantêm a narrativa histórica que prioriza acontecimentos desencadeados no Sudeste do país.

Mesmo assim, observamos a inserção de abordagens históricas que vão além da história oficial que explica a Independência do Brasil como a vitória pacífica de um projeto único de separação entre Brasil e Portugal. São apresentados dois projetos de Independência do Brasil em disputa no início do século XIX nas páginas 84 e 85: o do grupo liderado por José Bonifácio bem próximo a D. Pedro e do grupo dominado por Joaquim Gonçalves Ledo que dialogava com algumas camadas populares (Granjeiro, 2018). Além disso, são contrapostos dois movimentos emancipatórios do século XVIII nas páginas 90 e 91: a Conjuração Mineira liderada pela elite que não colocava em questão o fim da escravidão, em contraposição com a Revolta dos Alfaiates (Salvador, Ba) que teve ampla participação popular e que reivindicava a abolição da escravatura (Granjeiro, 2018).

Por fim, nas atividades complementares sugeridas no Manual do Professor, a sugestão de um vídeo sobre guerra da Independência na Bahia com destaque para participação de uma mulher (Maria Quitéria) é uma possibilidade para discutir como a Independência do Brasil não se deu de forma pacífica, apenas com o grito de D. Pedro às margens do rio Ipiranga.

A obra ‘Conectados História’, 5º ano (Boulos Júnior, 2018), na Unidade 4 intitulada ‘Patrimônios da humanidade e marcos de memória’ aborda, no capítulo 2, os marcos de memória sobre a Independência do Brasil. Para isso, sugere na página 141 a observação de imagens de um desfile cívico do 7 de setembro em meados da década de 1980 e a foto do monumento da Independência em São Paulo (Boulos Júnior, 2018).

Em seguida, nas páginas 142 e 143, a obra trabalha dois textos. Um sobre o 7 de setembro, quando Dom Pedro ao receber cartas de José Bonifácio às margens do rio Ipiranga, alertando que Portugal exigia seu regresso, gritou ‘Independência ou morte!’.


Outro sobre aclamação de Dom Pedro com primeiro imperador do Brasil no dia 12 de outubro, quando ele comemorava seu aniversário.

A partir destas duas explicações, o texto do Livro do Estudante discute que, nos três anos que seguiram a Independência, o 7 de setembro não tinha tanta importância; na verdade o 12 de outubro era mais relevante. No entanto, nos anos seguintes, o 12 de outubro foi perdendo prestígio pelas atitudes autoritárias de Dom Pedro I, enquanto o 7 de setembro foi se firmando. Neste processo, o livro destaca a importância do quadro de Pedro Américo para consolidar o 7 de setembro como uma data importante para a memória da Independência (Figura 3). Logo abaixo do quadro, podemos observar que há perguntas destinadas aos alunos referentes ao quadro enaltecendo Dom Pedro I como um herói.

Figura 3 - Independência ou morte - Conectados História

DIALOGANDO

- A imagem é uma reprodução do quadro *Independência ou morte*, do pintor Pedro Américo (1843-1905). Trata-se de uma pintura histórica encomendada pelo governo de Dom Pedro II. A obra é uma versão oficial do episódio da nossa história conhecido como Grito do Ipiranga; por isso, o quadro é enorme (mede 4,15 m x 7,6 m). Observe-a com atenção e responda.



Independência ou morte, de Pedro Américo, 1888.

- Qual é o tema do quadro? O Grito do Ipiranga.
- Quem é o personagem principal do quadro?
Dom Pedro I, imperador do Brasil. Ele está representado ao centro do quadro, a cavalo e erguendo a espada com a mão direita. O pintor pintou o momento em que isto teria ocorrido.
- Como ele está sendo representado?
- Responda com base no quadro: pode-se dizer que Dom Pedro I foi representado como herói? Sim, a intenção do autor foi justamente enaltecer a figura de Dom Pedro I, transformá-lo em um herói guerreiro.
- O pintor do quadro presenciou a cena retratada?
Não. A cena se passa em 1822, e o pintor nasceu somente em 1843.

145

Fonte: Boulos Júnior (2018, p. 145).

Por meio desta discussão, é possível desenvolver a compreensão de como as datas comemorativas são escolhidas, por meio de disputas, entre várias datas possíveis,

vencendo aquela que mais atende aos interesses políticos de quem tem o poder de definir o calendário nacional em cada época.

Para incentivar esta compreensão, nas orientações ao professor, sugere-se que ele apresente para os estudantes as perguntas: “quando e por que o 7 de setembro foi transformado em feriado nacional e um marco de memória? Na Bahia, a Independência é comemorada em 2 de julho. Por que será que isso acontece? Como o Brasil tornou-se independente de Portugal? Será que a Independência pode ser resumida ao gesto de Dom Pedro I às margens do riacho Ipiranga? Ou a Independência foi um processo?” (Boulos Júnior, 2018, p. 141). Nas sugestões de como encaminhar a reflexão sobre estas questões, o Manual do Professor orienta que os professores expliquem para seus alunos que as datas comemorativas são marcos importantes na formação de uma memória coletiva oficial, evidencie que a Independência do Brasil foi um longo processo que envolveu diferentes interesses e grupos sociais, e estimule a reflexão sobre como as comemorações cívicas reforçam visões do passado como o culto ao heroísmo, no caso a D. Pedro I, omitindo as lutas de independência que se travaram em outras províncias brasileiras, como Bahia, Piauí e Pará.

Neste viés, assim como na obra anteriormente analisada, na obra ‘Conectados História’, as discussões sobre outros olhares e personagens da Independência do Brasil só serão amplamente desenvolvidas se o professor se sentir sensibilizado pelas orientações presentes no Manual do Professor. Conforme Franco; Zamboni (2013), as prescrições curriculares presentes nos livros didáticos serão mais ou menos efetivadas a partir das práticas concretas dos professores junto com seus alunos.

A obra ‘Vida de criança’, do 5º ano (Minorelli; Chiba, 2021), na unidade 3 – ‘A formação do povo brasileiro’ – tem como um dos objetivos “compreender o processo de Independência do Brasil, problematizando aspectos de continuidade e de ruptura, como identificar aspectos da população brasileira após a Independência” (Minorelli; Chiba, 2021, p. 85).

O capítulo 3, após abordar o processo de colonização do Brasil, explica, em poucas linhas, que D. Pedro I tornou-se o primeiro imperador do Brasil, após proclamar a Independência em 7 de setembro de 1822, com o apoio de grandes fazendeiros, comerciantes e políticos brasileiros (Figura 4). Ilustra o pequeno texto com a pintura de Debret ‘Aclamação de D. Pedro no Campo de Santana’, explicando que ela “representa a população saudando D. Pedro I pela Proclamação da Independência do Brasil” (Monorelli; Chiba, 2021, p. 126). Enfim, diferente dos três livros analisados

anteriormente, a narrativa deste simplesmente perpetua a narrativa oficial ao colocar D. Pedro I no centro da proclamação da Independência e transformar a elite do Sudeste que o apoiou como a elite brasileira.

Figura 4 - A Independência do Brasil

Cada vez mais distante de Portugal e com apoio de grandes fazendeiros e comerciantes, além de políticos brasileiros, em 7 de setembro de 1822, D. Pedro proclamou a **independência do Brasil**, permanecendo no poder ao ser nomeado imperador do Brasil, com o nome de D. Pedro I. O sistema político do Brasil independente continuou a ser a monarquia.



Aclamação de D. Pedro I no Campo de Santana, de Jean-Baptiste Debret. Aquarela, 48 cm x 70 cm. Século 19. Nessa imagem, o autor representa a população saudando D. Pedro I pela proclamação da independência do Brasil em 1822.

126

Fonte: Minorelli; Chiba (2021, p. 126).

Nas orientações aos professores, há pouco questionamento sobre a Independência do Brasil - somente uma pequena sugestão de reflexão com alunos considerando que a Independência também foi marcada por continuidades, como a manutenção da escravidão e a concentração de poder nas mãos da elite proprietária, por exemplo.

O mesmo acontece nos volumes do 4º e 5º anos da coleção Ápis mais. No volume do 5º ano, na página 46 (Chartier; Simielli, 2021b), a Independência também é abordada em poucas linhas, sendo mencionada apenas como uma data cívica, sem nenhuma problematização (Figura 5).

Figura 5 - Ápis mais: 5º ano- Independência do Brasil

Saiba mais

No Brasil, acontecem festas comemorativas durante o ano todo. Algumas são de origem religiosa, como a Páscoa, mas há também as celebrações cívicas, como o aniversário da declaração de independência do Brasil, o Dia do Índio e o Dia da Consciência Negra.

Fonte: Chartier; Simielli (2021b, p. 46).

No volume do 4º ano da mesma coleção (Chartier; Simielli, 2021a), a Independência é lembrada na página 31, nas orientações didáticas ao professor, sugerindo que este apresente aos estudantes monumentos comemorativos que existem no Brasil, citando como exemplo o monumento do Cristo Redentor construído na ocasião da comemoração dos 100 anos de Independência do Brasil

Em síntese, dos seis livros analisados, três vão além da História Oficial da Independência, produzindo abordagens históricas que podem mobilizar reflexões sobre como o processo histórico de Independência no Brasil envolve múltiplos sujeitos que lutam por diferentes projetos de nação (Oliveira, 2017; Granjeiro, 2018; Boulos Júnior, 2018) e três a perpetuam com imagens e breves palavras (Minorelli; Chiba, 2021; Chartier; Simielli, 2021a, 2021b). Este movimento se assemelha ao observado por Sandra Regina Ferreira de Oliveira e Luciana Fernandes de Aquino (2017), em pesquisa sobre como a Independência do Brasil foi narrada nos livros didáticos para crianças publicados entre as décadas de 1970 e 2000. Segundo elas, nas obras analisadas ainda é forte o investimento no constructo do personagem fundador do Brasil Independente, D. Pedro I, mas

Ao comparar os manuais ao longo das décadas, é notória a introdução de novos sujeitos históricos como resposta às leis de valorização das mulheres, dos índios⁶ e dos negros. Portanto, os protagonistas da Independência do Brasil – antes vistos como “míticos” (D. Pedro, D. João VI, a princesa Leopoldina e José Bonifácio) – dividem espaço, agora, na passagem para o século XXI, com novos “heróis” que lutaram pela emancipação do Brasil (Oliveira; Aquino, 2017, p. 177).

Estas mudanças tornaram-se mais evidentes a partir do final dos anos 1980, quando conquistamos a redemocratização do Brasil e mais liberdade para os movimentos sociais, culturais e educacionais lutarem pela ampliação de direitos sociais para toda a população brasileira, em sua diversidade. Lutas presentes ao longo de toda a história do Brasil e que começam a ocupar mais páginas dos livros didáticos de História, o que potencializa a compreensão de que todos/as nós fazemos história e não precisamos ser salvos/as por homens brancos da elite.

⁶ Apesar de o movimento indígena alertar para o preconceito inerente ao uso do termo índio, muitos textos historiográficos e leis ainda utilizam este termo, muitas vezes porque foram escritos antes destas discussões terem se fortalecido, o que inclusive resultou na promulgação da Lei nº 14.402/2022, que alterou o nome da data comemorativa de ‘Dia do Índio’ para ‘Dia dos Povos Indígenas’. Nesta dissertação, mantivemos o termo índio quando ele tiver sido utilizado por autores e normativas que estudamos.

No próximo tópico, vamos analisar representações de crianças sobre a Independência do Brasil, as quais circularam na *internet* durante as comemorações do Bicentenário.

2.3 Memórias de adultos e crianças sobre a Independência do Brasil na ocasião de seu Bicentenário

A memória de uma Nação, nos diz Citron (1984) é construída e transmitida por meio de festas, símbolos e monumentos nacionais. Contudo, outras memórias, além dos oficiais, circulam socialmente. Para observar este movimento entre essas memórias, analisaremos como crianças brasileiras referiram-se à Independência do Brasil na ocasião do seu Bicentenário, observando a relevância social deste marco da História Oficial no presente.

Em reportagem exibida pela TV Brasil no ano do Bicentenário da Independência (TV Brasil, 2022), na qual foram entrevistadas seis crianças de 11 e 12 anos e um professor de História de uma escola de Brasília, foi possível conhecer o que algumas crianças pensam sobre essa data.

Elas disseram que “quando você vira independente é porque você não precisa mais de depender de alguém”, demonstraram que gostam de falar de “como aconteceu, de como foi a vontade de D. Pedro I ficar no Brasil”, “das Guerras que Portugal travou contra o Brasil” (TV Brasil, 2022). Elas contaram que ouviram uma história de que D. Pedro I, no dia do Grito da Independência, não estava usando roupas pomposas, mas sim casuais, que estava em um burro e cheio de dor de barriga, mas para dar uma impressão séria de Independência, colocaram cavalos brancos e roupas formais, em uma referência ao quadro ‘Independência ou Morte’ de Pedro Américo (1888). Por outro lado, ao final da reportagem, uma menina afirmou que acha legal como o Brasil conserva a história da Independência do Brasil. Ao serem perguntadas sobre os principais nomes da nossa Independência, responderam D. Pedro I, José Bonifácio.

José Bonifácio, além da Princesa Leopoldina, D. Pedro e D. João VI, também foram lembrados em desenhos elaborados por estudantes do ensino fundamental de escolas públicas em concursos nacionais promovidos pelas Comissões Especiais Curadoras instituídas na Câmara dos Deputados, em 2017 e 2019, para organizar comemorações em torno do tema ‘A Câmara dos Deputados e os 200 anos da

Independência do Brasil’⁷. O destaque dado a estes personagens foi induzido pelos eventos escolhidos pelas Comissões para lembrar o processo de Independência da Nação até chegar na comemoração do Bicentenário em 2022; comissões estas compostas por deputados de partidos de centro-direita e de direita, inclusive pelo descendente da família real – deputado Luiz Phillipe de Orleans e Bragança (PSL-SP).

Em 2017, quando completaram 200 anos da chegada de Dona Leopoldina, futura imperatriz do Brasil, no Rio de Janeiro, o tema do concurso foi ‘Maria Leopoldina: a Mãe da Independência’; em 2018, homenageou-se D. João VI com o tema ‘A Aclamação de Dom João VI, a construção do Estado brasileiro durante seu reinado e o modo como esses eventos influenciaram a independência do Brasil’; e em 2019, o homenageado foi José Bonifácio de Andrada e Silva, considerado o Patriarca da Independência, com o tema ‘José Bonifácio – um homem da política e das ciências’.

Nos anos seguintes, não foram realizados concursos, apesar de, no calendário da Comissão Curadora, estar prevista a celebração, em 2020, da Revolução Constitucionalista do Porto e, em 2021, da eleição de deputados brasileiros para representar o Brasil nas Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa – eventos que, segundo a Comissão Curadora, abriram caminho para a independência do Brasil em 2022.

Os materiais de apoio para a participação de estudantes da Educação Básica nos concursos foram produzidos em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Ciências e Museus e publicados no *site* do Plenarinho – Portal Infantil Juvenil da Câmara dos Deputados, acompanhados de ilustrações e breves textos que davam um tom de contos de fada para o processo de Independência do Brasil (Brasil: Plenarinho, 2017, 2018, 2019).

Neste mesmo *site*, foram divulgadas as produções dos estudantes em formato de desenhos, vídeos, redações, nas quais observamos a perpetuação dos personagens da nobreza portuguesa como os responsáveis pela emancipação do Brasil de Portugal.

Em 2017, o desenho vencedor foi uma releitura da pintura da artista Georgina de Albuquerque, de 1922 (Figura 6).

⁷Disponível no *site*: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/sites-tematicos/200-anos-da-assembly-constituente/a-independencia-1/comissao-curadora>. Acesso em: 10 nov. 2023.

Figura 6 - Desenho da 1º colocado no concurso do Plenarinho em homenagem à Imperatriz Leopoldina - Igor Eduardo Machado, da Escola de Educação Básica Professora Araci Espindola Dalcenter (SC)



Fonte: Machado (2017).

A pintura e, conseqüentemente o desenho vencedor intitulado ‘Leopoldina redigindo o documento’, remetem à Sessão do Conselho de Estado de 2 de setembro de 1822 presidida pela Princesa Leopoldina. Segundo *site* do concurso,

Dom Pedro então viaja, em 1822, para São Paulo, em busca de apoio [para o movimento separatista de Brasil e Portugal]. Com isso, Dona Leopoldina assume a regência no lugar do marido, presidindo o Conselho de Estado. Assim, no dia 2 de setembro de 1822, dona Leopoldina assinou o decreto de independência do Brasil, 5 dias antes da independência oficial, que é comemorada no 7 de setembro (Brasil: Plenarinho, 2017).

Esta ênfase no protagonismo de D. Leopoldina também apareceu em outros desenhos produzidos para o concurso em que D. Pedro aparecia ao fundo e ela à frente ou dando sustentação aos atos de seu esposo⁸.

Em 2018, venceu o desenho em que D. João VI, ao lado de Carlota Joaquina, segura uma bandeira dividida em duas: do Brasil e de Portugal (Figura 7).

⁸ Disponível no *site*: <https://photos.google.com/share/AF1QipOPMlqk-wAIKMogB5V34oQpFIV5ByAd2m0jnj3mm95CkqZvyqwGZDyG31fRlKTL3w?pli=1&key=SWszX3pvNmZ1VFJjRkVTV0ZqbK8tRWZwcm1vQk5n>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Figura 7 - Desenho da 1º colocada no concurso do Plenarinho em homenagem à Dom João VI - Ana Eduarda Martins Stolarczk, da cidade de Major Gercino/SC



Fonte: Stolarczk (2018).

Ao observar o desenho, observamos como nele foi representada a concepção presente nos textos de divulgação do concurso que exaltam como os atos de D. João VI enquanto rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves plantaram a semente da formação do Império Brasileiro independente de Portugal:

Você, com certeza, já estudou a Independência do Brasil. Mas será que já leu sobre como a aclamação de D. João VI e os seus atos enquanto esteve em nosso País contribuíram para isso? Em 6 de fevereiro de 1818, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro estava em festa. Naquela data, D. João VI foi aclamado Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc. Uau! O título é tão grande em tamanho como em importância. A aclamação, somada a atos como a abertura dos portos e a transformação da colônia em reino, representaram a consolidação do Império que D. João quis fundar aqui, desde sua chegada ao nosso País, 10 anos antes (Brasil: Plenarinho, 2018).

O desenho vencedor do concurso de 2019 (Figura 8) que homenageava José Bonifácio como o Patriarca da Independência além de 'um homem da política e das ciências', representa-o exatamente desta forma: de um lado como pesquisador de mineralogia que ele era e, de outro, ligado às figuras reais de D. Pedro I e D. Leopoldina, segurando uma das cartas escritas por ele e D. Leopoldina para avisar D. Pedro da necessidade de proclamar a Independência do Brasil.

Figura 8 - Desenho da 1ª colocada no concurso Plenarinho em homenagem à José Bonifácio - Gabrielle dos Santos, da Escola Estadual Professor Fábregas, de Luminárias (MG)



Fonte: Santos (2019).

No desenho também podemos perceber Leopoldina ao fundo escrevendo uma carta para D. Pedro e a frente, José Bonifácio, então assessor e ministro do príncipe regente, segurando o decreto de Proclamação da Independência que fora assinado por D. Leopoldina, sob sua influência. Fato este que foi destacado nos textos de divulgação do concurso no *site* da Câmara voltado para crianças e jovens:

A Câmara dos Deputados [...], desde 2017, homenageia um personagem importante do processo de independência. Em 2019, é a vez de José Bonifácio de Andrada e Silva. Isto porque, há duzentos anos, na segunda metade do ano de 1819, José Bonifácio desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, então sede do Reino Unido de Portugal Brasil e Algarves. [...] Foi ele que, enquanto Dom Pedro viajava a São Paulo, reuniu-se com a princesa Leopoldina e com o Conselho de Estado para, em 2 de setembro de 1822, deliberar pela Independência do Brasil. É isso mesmo – o decreto de Independência foi assinado 5 dias antes da data oficial, que é comemorada no 7 de setembro! (Brasil: Plenarinho, 2019).

Em síntese, sobre as memórias de crianças sobre a Independência do Brasil na ocasião de seu Bicentenário, observamos tanto nas entrevistas da TV Brasil quanto no concurso de desenhos, permanências do ‘heroísmo da nobreza’ no processo de Independência, colocando no esquecimento diferentes projetos de Independência que estavam em jogo no início do século XIX e as guerras de Independência ocorridas depois de 1822 em diferentes regiões do Brasil (Pimenta, 2022).

Mas como produções historiográficas publicadas próximas ao Bicentenário nos ajudam a compreender sobre o processo do qual o dia 7 de setembro de 1822 faz parte e seu significado para a história do Brasil e para a constituição de nossa(s) identidade(s)?

2.4 A história da Independência do Brasil contada por historiadores/as

Para compreender, para além do saber histórico escolar e das memórias, o que o 7 de setembro, marco utilizado para comemorar o Bicentenário do Brasil, representou na história da Independência do Brasil, vamos dialogar com os historiadores Hendrik Kraay (2010) e João Paulo Pimenta (2022) e com as historiadoras Lucia Neves (2020) e Cecília Helena de Salles Oliveira (2022).

Pimenta (2022) afirma que o Grito da Independência ocorrido em 7 de setembro se tornou o principal marco da memória da Independência, porém ele é um marco de memória, e não da história. Muitos outros episódios aconteceram antes e depois do dia 7 de setembro, movidos por diversos e conflitantes projetos políticos, nas províncias da região Sudeste e fora dela, os quais constituíram o processo complexo da formação do Brasil como nação independente. Conforme o historiador:

O processo de Independência sempre contemplou em seu interior vários processos menores, várias independências. Essa pluralidade se referia a diversos projetos, regiões e agentes, o que implicava diferentes possibilidades de sujeição ou de ruptura: com as Cortes de Lisboa, com uma junta provincial, com uma autoridade local qualquer, eventualmente até com senhores de escravos⁹, proprietários de terras ou controladores de mão de obra. Em comum a todas essas independências possíveis e nem sempre convergentes. [...], Mas foi sem dúvida entre os meses de janeiro e outubro de 1822 que o Brasil, finalmente, se fez independente: isto é, separou-se de Portugal. Nada garantia que essa independência seria duradoura, é verdade, mas foi entre esses meses que ela se concretizou, exigindo esforços posteriores de consolidação; mas seriam antes esforço de reforço de algo que já existia do que a criação abrupta de algo novo (Pimenta, 2022, p. 94 - 95).

Segundo Neves (2020), os movimentos complexos e divergentes que estiveram presentes no contexto de Independência do Brasil mobilizaram diversos grupos sociais

⁹ Mantivemos o termo escravo nas citações de autores e leis que o usaram. Na nossa escrita, optamos por usar escravizados, considerando que as discussões contemporâneas trazem uma nova reflexão sobre o termo 'escravo' e a necessidade de sua substituição pelo termo "escravizado". Há o reconhecimento de que o termo escravo naturaliza a condição, ao criar a ideia de que a condição de submissão e inferioridade é inerente ao cativo. Já a expressão 'escravizado' é mais adequada para se referir aos sujeitos que sofreram o processo de exploração e desumanização, deixando claro que eles foram submetidos à escravização e não estão submetidos a ela de maneira natural (Carvalho; Botelho; Rassi, 2021).

que, nas conjunturas políticas e sociais de cada província e região do Brasil, foram protagonizados por outros personagens, não somente os ricos e poderosos, como por exemplo, grupos indígenas que defendiam seus aldeamentos, escravizados ou ex-escravizados que participaram de guerras pela independência e lutavam pela abolição da escravidão, mulheres que reivindicavam direitos civis, membros das classes populares e médias que, em panfletos, propagavam ideários políticos liberais. Personagens estes não valorizados pelos estudos dos projetos de independência levados adiante pela oligarquia agrária do Sudeste que apoiava que o fim do domínio português no Brasil acontecesse pelas mãos de D. Pedro.

Neste sentido, essas bases dominantes como os grandes proprietários de terras, comerciantes e senhores de escravizados viram na Independência e na autoridade de D. Pedro um meio de consecução de seus interesses. Cecília Helena Oliveira (2022) corrobora com essa discussão ao dizer que a interpretação do processo de Independência, que se sobrepôs às demais elaboradas no século XIX, foi a de que a Independência foi fruto do governo do então regente D. Pedro que conseguiu centralizar em torno de si a legitimidade para declarar ruptura com Portugal. Na verdade, trata-se de uma interpretação conservadora que tende ao apagamento de lutas que ocorreram nas províncias do Brasil, desencadeadas por outros personagens, as quais inclusive aceleraram a decisão da Corte local de proclamar a Independência.

Desse modo, não havia uma única Independência, mas várias a depender de cada lugar, província ou grupo. Tais lutas, batalhas, mobilizações que ocorreram na Bahia, Ceará, Piauí, Maranhão, Pará e Cisplatina convergiram para a criação desse Brasil que existe até hoje. Contudo, essas guerras foram condenadas a um certo esquecimento na História e na memória nacional, criando o mito de que nossa Independência foi pacífica em prol da unidade territorial, e que D. Pedro foi o grande herói desta conquista. Mito este que, muitas vezes, ainda é perpetuado na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, durante as comemorações do 7 de setembro.

No entanto, conforme Hendrik Kraay, a escolha do 7 de setembro como marco da Independência do Brasil não foi algo natural como parece ser hoje em dia:

Atualmente, é um axioma nacional a Proclamação da Independência brasileira por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, em São Paulo. Naquele ano, entretanto, o significado histórico de suas ações não era tão evidente e, pelo menos até o final de 1822, contemporâneos atribuíram pouco significado à data e ao Grito do Ipiranga, pois se ocupavam com a aclamação do imperador (12 de outubro) e sua coroação (1º de dezembro). Daí resultou um consenso

historiográfico de que demorou algum tempo para que o Sete de Setembro se tornasse o Dia da Independência do Brasil e de que a data não tinha grande significado senão bem depois de 1822 (Kraay, 2010, p. 53).

Segundo o autor, depois de controvérsias sobre o melhor dia para se comemorar a Independência do Brasil (o dia do Grito da Independência – 7 de setembro; o dia da aclamação de D. Pedro como imperador – 12 de outubro; o dia da coroação de D. Pedro – 1º de dezembro), foi em 1826 que a Câmara dos Deputados aprovou a introdução do dia 7 de setembro como ‘festividade nacional’ e foi, a partir dos anos 1840, que ocorre o engrandecimento das comemorações do 7 de setembro como data da Independência. Mas foi a partir da década de 1860 que as celebrações da Independência tiveram um peso decisivo na consolidação da história-memória nacional, com a inauguração de monumentos, produção de gravuras, pinturas e documentos pelo governo para imortalizar a figura de D. Pedro I como o fundador do Império brasileiro (Oliveira, 2022).

Mesmo assim, na Bahia, grande parte da população, desde os anos 20 do século XIX até hoje, dá pouca importância para o dia 7 de setembro e comemora o dia da Independência em 2 de julho, tendo como referência o fim da guerra da Independência do Brasil na Bahia, em 02 de julho de 1823, na qual, por mais de um ano, soldados das tropas brasileiras, negros, indígenas, mulheres lutaram para expulsar as tropas portuguesas do território brasileiro. Em 1828, patriotas baianos requereram ao parlamento que o dia 2 de julho fosse designado dia de festividade nacional, sustentando assim, que a vitória patriota e popular em 1823 é a verdadeira Independência brasileira (Kraay, 2022).

Enfim, a definição do dia 7 de setembro como marco da Independência do Brasil é uma invenção que envolveu disputas políticas e de interpretações históricas. Neste contexto, esta pesquisa busca compreender como, nas comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, este marco histórico, os processos de Independência do Brasil em suas diferentes dimensões e seus personagens foram celebrados e/ou problematizados nas produções que circularam na *internet* para crianças.

3 PRODUÇÕES SOBRE OS 200 ANOS DE BRASIL INDEPENDENTE PARA CRIANÇAS: CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE BUSCA E ANÁLISE

Nesta seção, vamos apresentar os referenciais teórico-metodológicos que delinearão a busca e análise das produções que circulam na *internet* sobre os 200 anos do Brasil independente para crianças, bem como os procedimentos utilizados para a composição do *corpus* documental de nossa pesquisa.

Inicialmente, discutiremos a contribuição dos Estudos Culturais e dos conceitos de cultura histórica e cultura de história para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Em seguida, justificaremos a opção de analisar as produções divulgadas na *internet*, por meio da compreensão da História e do ensino de História em tempos de cultura digital.

A partir da concepção de performatividade algorítmica e de fontes digitais, digitalizadas e impressas divulgadas digitalmente, vamos expor os caminhos trilhados para localizar e selecionar as produções sobre o Bicentenário da Independência do Brasil para crianças que circularam na *internet* entre os anos 2017 e 2023. Em anexo, apresentamos as fichas de cada produção encontrada, informando o tipo de produção, o resumo de seu conteúdo, os sujeitos, datas e marcos históricos que aborda, como foi encontrada na *internet*, seu link de acesso, sua data de produção e autoria, sua relação com a comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, a faixa etária do público a que se destina, e as áreas de conhecimento com as quais se relaciona. Após essa etapa, realizamos uma seleção daquelas produções que possuíam uma linguagem mais apropriada para crianças do ensino fundamental I para nossas análises e discussões.

3.1 Metodologia da pesquisa

Nossa pesquisa foi delineada pelos princípios da Pesquisa Qualitativa porque busca responder a questões que não podem ser quantificadas, ou seja, nosso objeto de pesquisa dificilmente poderá ser traduzido em números ou indicadores quantitativos. Isso porque ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes relacionados ao Bicentenário da Independência do Brasil. Esse conjunto de fenômenos faz parte da realidade social de brasileiros e brasileiras em sua diversidade e esse universo de produções humanas, para ser compreendido, precisa considerar

relações sociais, representatividades e intencionalidades que são os objetos da pesquisa qualitativa (Minayo *et al.*, 1994).

Na abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória tem o objetivo de conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou acontece no contexto em que está inserido (Gil, 2002). Desse modo, exploraremos as produções infantis publicadas no contexto do Bicentenário da Independência do Brasil que circularam na *internet*, para compreender e interpretar detalhadamente este fenômeno em suas manifestações escritas, orais, imagéticas e/ou audiovisuais.

Nesse sentido, nossa pesquisa será documental, embora seja muito comum restringir a pesquisa documental ao documento escrito. Conforme afirma André Cellard (2008), o documento nos permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social e observar percepções de uma fração particular da população sobre um determinado fenômeno.

Marson (1984) faz algumas indagações sobre o valor do documento em três níveis relevantes que consideramos na análise das fontes de nossa pesquisa. São eles:

1º *sobre a existência em si do documento*: o que vem a ser documento? o que é capaz de nos dizer? como podemos recuperar o sentido deste seu dizer? por que tal documento existe? quem o fez, em que circunstâncias e para que finalidade foi feito?

2º *sobre o significado do documento como objeto*: o que significa como simples objeto (isto é, fruto do trabalho humano)? como e por quem foi produzido? para que e para quem se fez esta produção? qual é a relação do documento (como objeto particular) no universo da produção? qual a finalidade e o caráter necessário que comanda sua existência?

3º *sobre o significado do documento como sujeito*: por quem fala tal documento? de que história particular participou? que ação e que pensamento estão contidos em seu significado? o que fez perdurar como depósito de memória? Em que consiste seu ato de poder? (Marson, 1984, p. 52).

Neste sentido, o autor aponta que o documento não é isolado, ele possui uma razão para existir, possui significações explícitas e implícitas e é uma representação do real. Assim, é possível revelar a historicidade das fontes, observando como registra o passado e porque o faz desta forma.

Jacques Le Goff (1990), em seu texto sobre documento /monumento, considera que o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação de uma certa memória, e o documento apresenta-se como prova histórica que precisa ser submetida a uma crítica radical.

Le Goff (1990) também aborda o alargamento da noção de documento. Se até meados do século XX, o documento era sobretudo escrito e oficial, a partir dos anos 1960, ocorreu uma ‘revolução documental’. Ele não precisa ter sido elaborado por uma autoridade política-institucional, e pode ser, além de escrito, oral, imagético, material.

Para que esta crítica radical seja possível, Le Goff (1990) argumenta que ele precisa ser analisado como um monumento, ou seja, como uma fonte histórica produzida para perpetuar algumas memórias e, portanto, silenciar outras. Segundo o autor,

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1990, p. 470).

Em seguida, discutiremos sobre os estudos culturais, o ensino de história e os 200 anos de Brasil independente.

3.2 Estudos culturais, ensino de história e os 200 anos de Independência do Brasil

Inserimos nossa pesquisa no âmbito dos Estudos Culturais por considerar que seus referenciais contribuem para a problematização de produções culturais em seus contextos históricos, ou seja, para a reflexão crítica sobre as diferentes interpretações construídas sobre a história do Brasil que circulam por meio de artefatos culturais, sua relação com os contextos históricos de sua produção, com seus produtores e suas finalidades. Esta reflexão torna-se imprescindível para selecionarmos conteúdos e abordagens históricas para trabalharmos em sala de aula, não para reafirmar uma ou outra, mas para confrontá-las, entender seus sentidos sociais e possibilitar a apropriação crítica das mesmas pelos/as estudantes.

Os Estudos Culturais contribuem para compreendermos que a escola não é o único espaço de formação cultural, histórica e identitária de crianças. Este lugar também é ocupado pelas mídias, pela Igreja, pela família, entre outros espaços. E tudo isso precisa ser considerado para entendermos a complexidade das culturas que habitam a escola e que devem por ela ser exploradas, não para reafirmá-las ou negá-las, mas para possibilitar diálogos críticos entre elas.

Deste modo, os Estudos Culturais podem subsidiar, no cotidiano da sala de aula, o diálogo entre professores/as e estudantes sobre suas identidades, como as mesmas são

constituídas, transformadas, interrelacionadas. Por meio deste processo de ensino e aprendizagem, a escola e o ensino de História, mais especificamente, podem desenvolver no/a aluno/a formas de atribuir significados aos saberes que circulam socialmente, advindos de múltiplas experiências culturais e que interferem na apropriação dos saberes escolares (Scheimer, 2012).

Os Estudos Culturais, nas pesquisas sobre o ensino de História, contribuem para problematizar e, portanto, abrir possibilidades para atuar no currículo, tornando-o mais significativo para estudantes de escolas públicas, na sua maioria, das classes populares, ativando o interesse e curiosidade do/a aluno/a pelas memórias e histórias de múltiplos sujeitos e grupos sociais, despertando o respeito pelo outro, de modo a desnaturalizar discursos dominantes impostos como verdades (Camilo; Franco, 2024). Discursos estes estabelecidos numa relação de poder, isto é, em relações sociais em que certos indivíduos ou grupos estão submetidos à vontade e à decisão de outro, e que têm seu protagonismo social silenciado, negligenciado por abordagens hegemônicas. Sobre isso, Santomé (1995, p. 161) nos diz que:

Quando se analisa de maneira atenta aos conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente atenção à arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular sua posição possibilidade de reação.

Neste sentido, se faz necessário analisar produções que circularam no espaço público da *internet* sobre os 200 anos de Independência do Brasil, quais sujeitos e ações são evidenciados ou secundarizados, suas aproximações e divergências, uma vez que, são produções importantes da escola trabalhar para possibilitar a compreensão e desnaturalização de culturas históricas (Gomes, 1996) e culturas de história (Pimenta, 2014) que permeiam o cotidiano dos estudantes.

A seguir discutiremos sobre as produções sobre os 200 anos de Brasil Independente entre a cultura de história e a cultura histórica.

3.3 As produções sobre os 200 anos de Brasil Independente entre a cultura de história e a cultura histórica

Conforme Pimenta *et al.* (2014), cultura de história é um conjunto de atitudes e valores que se expressam em noções, concepções, representações, conceptualizações, interdições e outras posturas, de uma determinada sociedade em relação a um passado que pode ser considerado como coletivo. Para os autores, tal fenômeno engloba também os silêncios e as recusas desses sujeitos em relação ao passado, seja por meio de atitudes deliberadas ou não, resultantes ou não de vontades coletivas. Na cultura de história há uma dimensão nacional de modo que o passado coletivo é pretexto especialmente forte para a constituição e reprodução de identidades nacionais, mas há também dimensões regionais com variações advindas dos diferentes modos de contar, evocar e silenciar conteúdo da história coletiva sem romper com a unidade que a engloba. Essa cultura de história é construída por representações que circulam nas mídias, nas escolas e em outros espaços sociais e, apesar de ser duradoura, pode ser transformada com a produção e circulação de outras representações.

Além disso, conforme Pimenta *et al.* (2014) abordaram, em uma pesquisa sobre a cultura de história dos brasileiros, a Independência do Brasil é tema fundador, desde sempre presente em processos de formação escolar básicos, na mídia, nas artes, na política, na opinião pública, nos espaços públicos, no senso-comum e na memória nacional. Assim, os autores, partindo deste conceito de cultura de história, demonstraram que neste fato histórico há uma dimensão nacional de modo que o passado coletivo é pretexto especialmente forte para a constituição e reprodução de identidades nacionais, que mesmo com variações regionais, não rompem com a unidade que a engloba.

Deste modo, os autores buscaram compreender como a Independência do Brasil era representada na memória de brasileiros entrevistados no estado de São Paulo, em programas de televisão, no cinema, em livros didáticos e em outros artefatos culturais. Constataram que são muitos os materiais impressos e audiovisuais e muitas as memórias individuais que fomentam o confronto entre valorização e desvalorização do 7 de setembro como o marco da Independência do Brasil, sendo possível encontrar desde a exaltação de suas referências mais convencionais à Independência, como a de seus personagens icônicos, entre eles D. Pedro I, até às menções jocosas sobre eles (menções que afirmam que D. Pedro estava com diarreia no ato glorificado como o Grito de Independência ou Morte; que ressaltam o fato do rio Ipiranga ser apenas um riacho; que

destacam o fato de D. Pedro trair sua esposa Leopoldina, entre outras) para destacar sua irrelevância.

Ângela de Castro Gomes (1996) aborda a cultura histórica ao analisar a revista *Cultura Política*, publicada entre 1941 e 1945 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Segunda a autora, é fundamental investigar o que os homens consideram em seu passado e qual o lugar lhe é destinado, em uma sociedade, em um determinado momento. Neste aspecto, referenciando Le Goff, ela define cultura histórica como:

a relação que uma sociedade mantém com seu passado [...] que envolve não só a disciplina histórica, como também outras formas de conhecimento e expressão cultural, que tenham como referência “o passado”. Literatura, arte, cultura popular, monumentos e muitas outras manifestações simbólicas que estabeleçam relações com o tempo e estão presentes na constituição dessa categoria (Gomes, 1996, p. 158).

A autora argumenta que a cultura histórica é um elemento fundamental de comunicação e coesão da sociedade, e participa da constituição da identidade nacional.

Apesar do conceito de cultura de história (Pimenta *et al.*, 2014) e de cultura histórica (Gomes, 1996) apresentarem diferenças, nos apropriamos do que há em comum entre eles para delinear a nossa pesquisa – a compreensão de que a relação que uma sociedade tem com seu passado é construída por meio de manifestações culturais diversas e de como esta relação constitui a identidade nacional por meio do destaque de alguns fatos e sujeitos históricos e exclusão de outros.

Esta compreensão justifica a importância de investigarmos quais personagens e fatos históricos foram enfatizados nas diversas produções elaboradas para comemorar o Bicentenário da Independência do Brasil, pois elas nos dizem muito sobre quais as identidades nacionais se querem forjar em crianças para as quais essas produções se destinam. Para isso, analisaremos se foram construídas produções que colocaram em evidência sujeitos subalternizados que também participaram da construção do Brasil Independente, nestes 200 anos, além daquelas que perpetuam a exaltação a personagens brancos, cristãos, da elite política, econômica e/ou intelectual, como heróis da pátria como José Bonifácio, Gonçalves Ledo, Januário da Cunha Barbosa, Diogo Feijó, a imperatriz Leopoldina e, especialmente, D. Pedro I. Optamos por analisar as produções divulgadas na *internet* por considerar imprescindível pensar a História e o ensino de História inserido na cultura digital, conforme discorreremos a seguir.

3.4 A História e o ensino de História em tempos de cultura digital

É preciso levar em conta que as redes de comunicação e informação digitais criaram outras formas de ação e interação na sociedade bem como alteraram radicalmente a organização espaço-temporal da vida social e constituíram uma sociedade em que se torna comum relacionar-se, trabalhar, trocar informações, opiniões, comprar, vender, ler, escrever e publicar online.

Nesse viés, Pierry Lévy (1999), ao definir o ciberespaço como um meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, destaca o universo oceânico de informações que ele abriga e que constitui a cibercultura que Lévy define como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Enfim, o ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica as formas de acessos às informações, modificando a transmissão de saberes e produção de conhecimentos de modo linear e centralizado.

Conforme Randy Bass (2022), nas aulas de História, precisamos nos atentar para o processo de ‘apropriação seletiva’ das abordagens históricas que circulam da *internet*. Para superar o analfabetismo histórico e cívico de estudantes que, muitas vezes, ficam restritos à memorização de nomes, datas e fatos históricos, ele propõe uma aprendizagem histórica baseada em pesquisa de materiais digitais disponibilizados na rede mundial de computadores, os quais podem suscitar interesse por história e cultura, e desenvolver habilidades de estudo e interpretação que vão além da leitura de materiais didáticos com interpretações históricas ‘pré-digeridas’. Segundo o autor, a *web* disponibiliza diversos materiais de pesquisa em História, como é o caso das produções sobre os 200 anos de Brasil Independente, os quais podem se tornar excelentes fontes para o desenvolvimento da compreensão de como as interpretações históricas são construídas socialmente.

Na era da reprodutibilidade informática, torna-se viável acessar documentos, memórias em suportes e repositórios diversos, ampliando possibilidades de construção e reconfiguração de fontes históricas, a partir de exploração de sons, músicas, vídeos, textos, imagens produzidas por diferentes grupos sociais, o que também complexifica a interpretação e compreensão de fatos históricos.

Diante do exposto, fica evidente que esta abertura e diversidade, alteram as condições de produção da História. Não obstante, uma produção feita por um blogueiro,

por exemplo, pode ser mais influente do que celebrados historiadores. Na rede, todos podem produzir conteúdo, produções, memórias, construindo assim, novas formas de escrever a História na Era Digital, as quais precisam ser confrontadas e analisadas na escola que perde seu *status* de centro de transmissão de conhecimentos, e adquire a responsabilidade de ser um núcleo crítico do dilúvio de informações efêmeras que circulam na *internet*.

Neste sentido, ao buscarmos as produções para crianças sobre os 200 anos de Brasil independente, visto essas amplificações do ciberespaço, consideramos como sugere Aléxia Pádua Franco (2010, p. 320), ao abordar produções audiovisuais relacionadas ao tempo histórico, que:

tais produtos precisam ser levados para a sala de aula não apenas para torná-la "mais interessante" ou para ilustrar uma informação, mas para discutir suas representações e confrontá-las com outras. O objetivo disso não é negá-las ou desqualificá-las como menos verdadeiras ou sérias, mas ajudar os alunos a perceberem que vivem em um jogo de representações que precisam ser entendidas criticamente para que eles possam construir um pensamento autônomo.

Desse modo, em tempos de cultura digital, analisar se as abordagens históricas presentes nas produções que circulam na *internet* sobre o Bicentenário da Independência do Brasil significam dialogar com nuances interpretativas que vão desde aquelas que perpetuam a ideia de que a Independência foi realizada por heróis da elite até as que dão visibilidade para diferentes movimentos e personagens que contribuíram para a conquista de independências diversas. Diálogo este que nos faz repensar nossa participação no fazer e ensinar história e, portanto, na formação de cidadãos críticos e atuantes que se sentem responsáveis pela construção de uma sociedade democrática, antirracista, antipatriarcal e de equidade social.

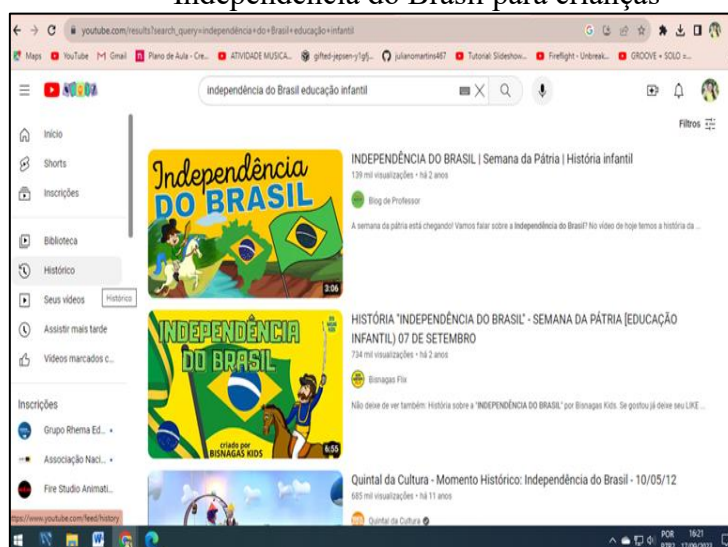
3.5 As buscas das produções para o público infantil elaboradas para o Bicentenário da Independência do Brasil: desafiando os comportamentos algorítmicos

Em nossa pesquisa, não pudemos deixar de considerar o entrelaçamento social e material, portanto, a materialidade digital que configura as experiências culturais vivenciadas no contexto de comemoração dos 200 anos de Brasil independente. Esta materialidade tem correlação com a performatividade algorítmica (Lemos; Pastor, 2018), agência não humana que interfere na maior ou menor visibilidade, na *web*, das produções sobre o Bicentenário da Independência do Brasil.

Neste sentido, o processo de localização, seleção, composição e organização do acervo documental de nossa pesquisa foi constituído pela relação entre agência humana e não humana. Humana enquanto produções elaboradas e divulgadas por profissionais da área de História e outros sujeitos sociais para celebrar e/ou problematizar os 200 anos de Brasil Independente. Não humana enquanto associação com os algoritmos das plataformas de busca e redes sociais que possibilitaram ou dificultaram a localização destas produções no dilúvio de abordagens históricas que circulam na *internet*. Em outras palavras, ao se fazer uma busca de conteúdos na *internet*, utilizando combinações de palavras chaves, observamos que os resultados apresentam variações, conforme o histórico de navegação de quem realiza a busca, interferindo assim na construção da memória cultural.

Observamos este processo, quando ao iniciarmos as buscas para o desenvolvimento desta pesquisa, encontramos diversos vídeos infantis postados no *YouTube* sobre as comemorações do 7 de setembro, os quais se relacionavam com o histórico de buscas por canções e histórias infantis para planejar atividades para crianças que estudavam em escolas da rede municipal de Uberlândia. A maioria dos vídeos indicados tinham como imagem representativa a figura de Dom Pedro em seu cavalo empunhando a espada ao lado da Bandeira do Brasil, conforme exemplificado na figura 9.

Figura 9 - Busca de vídeos no *YouTube* sobre a Independência do Brasil para crianças



Fonte: Busca realizada no *Google* em 17 set. 2023.

Este comportamento dos algoritmos demonstra a priorização dos tradicionais marcos da história do Brasil quando se trata dos primeiros resultados de pesquisas por materiais voltados para o público infantil. Resultados que perpetuam uma cultura histórica delineada pelo protagonismo de personalidades da nobreza e o marco do 7 de setembro, desconsiderando produções que colocam em destaque outros personagens e processos que também contribuíram para o processo de Independência do Brasil e para a conquista de outras independências que a emancipação do Brasil em relação a Portugal não possibilitou.

Para enfrentarmos este comportamento algorítmico, foi necessário olhar para além dos resultados apresentados nas primeiras páginas da busca e inserir *links* que direcionavam automaticamente para *sites* que rompiam com estas abordagens tradicionais, como o Portal do Bicentenário. Além disso, para além das palavras-chave pensadas no início das buscas, para encontrar produções que fossem além das abordagens históricas tradicionais, inserimos palavras-chave que possibilitassem a visualização de produções que considerassem outros personagens históricos e outros fatos para além do episódio do 7 de setembro.

Optamos por fazer a pesquisa no buscador *Google* porque, em 2023, quando fizemos o levantamento das produções que analisáramos, esta era a plataforma mais utilizada para realizar pesquisas na *internet*. Inicialmente, utilizamos a palavra-chave ‘Independência do Brasil’ associada à expressão ‘educação infantil¹⁰’. Em seguida, para especificar mais a busca, inserimos ‘Bicentenário da Independência do Brasil’, ‘200 anos de Brasil Independente’. Para verificar a existência de abordagens que não se restringiam aos personagens da história oficial da Independência e nem ao Grito da Independência, foi necessário buscar por ‘mulheres na Independência do Brasil’, ‘conflitos que contribuiriam para a Independência do Brasil’, ‘200 anos de lutas pela Independência para crianças’, ‘Inconfidência Mineira’, ‘Conjuração Baiana’, ‘Revolução de Pernambuco’, ‘2 de julho na Bahia’.

Além disso, para compormos nosso *corpus* documental com produções de diferentes linguagens, fomos cruzando as palavras listadas no parágrafo anterior com

¹⁰ Inicialmente utilizamos a palavra-chave educação infantil em nossas buscas, contudo verificamos que as produções encontradas para essa faixa etária eram produções sem vínculo com alguma instituição, em sua maioria elas eram produções próprias. Dessa forma optamos em permanecer com a faixa etária de 6 a 10 anos, no qual encontramos produções que condizem com o que objetivo desta pesquisa.

palavras-chaves como jogos, vídeo, animações infantis, desenho animado, História em Quadrinhos, todos acompanhados dos adjetivos ‘infantil/para crianças’.

Em todas as buscas, excluimos os resultados referentes a produções anteriores a 2017 (nosso recorte temporal) e que não se destinavam ao público infantil que frequenta a educação infantil (0 a 5 anos) e os anos iniciais do ensino fundamental (6 a 10 anos). Além disso, devido ao grande número de produções encontradas, incluindo vídeos sem edição postados, por exemplo, por escolas para divulgar suas atividades, selecionamos produções elaboradas ou chanceladas por instituições de pesquisa, coletivos e associações populares, órgãos públicos, editoras e similares. Enfim, produções com identificação explícita de quem produziu, editou, publicou e quando.

Encontramos e consideramos tanto produções digitais, quanto digitalizadas, e impressas divulgadas digitalmente. O produto digital é aquele que permite vários níveis de interação não linear entre texto, imagem, som, vídeos, *links*, ou seja, há uma interação entre o usuário e a tela, como exemplo, os jogos de computadores, os textos com *hiperlinks* externos que nos permitem acessar outros textos ou *hiperlinks* internos que possibilitam saltar de uma parte para outra do mesmo texto. Já o produto digitalizado é aquele que é uma cópia de material impresso e não possibilita nenhuma interação. Os produtos divulgados digitalmente são os produtos impressos que foram divulgados na rede, mas seu acesso completo, na *web*, não é possível.

Desse modo, criamos quadros para cada uma das produções encontradas de acordo com os critérios abordados anteriormente (apêndice) e com as seguintes informações: se é digital, digitalizado, ou divulgado digitalmente; sinopse; sujeitos abordados; datas e marcos históricos contemplados; onde se localiza (*link*); como foi encontrado; ano de produção, se menciona o Bicentenário da Independência do Brasil; autores; faixa etária para a qual se destina; áreas de conhecimento envolvidas. Depois criamos outro critério de seleção das produções encontradas que serão analisadas com maior profundidade na próxima seção. Buscamos analisar somente aquelas que possuem uma linguagem apropriada para as crianças que frequentam o fundamental I, ou seja, crianças de 6 a 10 anos.

Assim, na seção seguinte analisamos se entre as produções que circularam por meio de obras didáticas, literárias, paradidáticas escritas, audiovisuais, imagéticas, voltadas para o público infantil, há ainda aquelas que perpetuam a exaltação a ações de personagens da elite política e econômica do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo (nobreza e elite agrária) e que transformam a Independência num ‘conto de fadas’

povoado por príncipes e princesas, focando no 7 de setembro e se há também produções que procuraram ampliar a compreensão do processo de Independência do Brasil para além do marco do 7 de setembro e que buscam discutir outros projetos de Independência em discussão em outras regiões e os 200 anos de lutas por Independências no Brasil de grupos sociais não beneficiados pela Independência - negros escravizados, indígenas, mulheres, entre outros grupos subalternizados.

4 AS PRODUÇÕES SOBRE O BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS: ABORDAGENS PLURAIS E SEUS SENTIDOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Nesta seção, analisamos 15 produções sobre os 200 anos de Brasil independente divulgadas na *internet* que, em uma primeira análise, seriam adequadas para o público infantil.

Começamos por três produções impressas divulgadas digitalmente e publicadas no período da comemoração do Bicentenário, entre os anos de 2020 e 2022: o livro de literatura infanto juvenil ‘Independência ou ...confusão!’ (Saad, 2020); o livro acompanhado de jogo de memória ‘Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil’ (Rezzuti, 2021) e a história em quadrinhos ‘Finalmente, o Brasil Independente’ (Souza; Priori, 2022).

Em seguida, analisamos três histórias em quadrinhos digitais: ‘Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil’ (Instituto Cayapiá, 2022), ‘Recrutinha - 200 anos da Independência’ (Exército Brasileiro, 2022) e Contra Tempo: Uma viagem de 200 anos (Cardoso, *et al.*, 2022).

Compõe ainda nossas análises, os jogos produzidos para o Bicentenário da Independência, sendo eles três digitais e um digitalizado respectivamente: ‘Desafio da Independência - 200 anos’ (IBGE, 2022); ‘Caça- palavras: José Bonifácio e a Independência do Brasil’ (Oliveira; Souza; Vidal, 2022) produzido por alunos do curso de Engenharia da Universidade de Santa Cecília, São Paulo; ‘O jogo da Independência do Plenarinho’ (Plenarinho, 2022); ‘Na trilha da Independência’ (Domingues, 2022).

Também analisamos a animação Bicentenário da Independência do Brasil (Câmara dos Deputados, 2022); ‘A caixa da história - Independência do Brasil: a criação de uma nação’ (Teixeira, 2023a) e o livro infanto juvenil ‘Independência do Brasil: a criação de uma nação’ (Teixeira, 2023b).

Por fim, discutimos duas produções compartilhadas pelo Portal do Bicentenário: o cordel ‘Revoltas populares no cordel’ (Oliveira, 2021), e o *ebook* ‘Conhecendo o jongo’ (Martins, s/d). Para concluir esta seção, entrecruzamos as produções investigadas com nossos referenciais teórico-metodológicos para elaborar uma análise mais geral sobre as narrativas sobre o Bicentenário da Independência do Brasil e outras lutas por liberdade que constituíram nosso *corpus* documental.

4.1 Análises dos livros de literatura infanto juvenil

O livro ‘Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil’ foi escrito por Paulo Rezzutti que é formado em Arquitetura e Urbanismo e se intitula pesquisador independente da História de São Paulo e do Brasil. A partir de suas pesquisas, ele escreveu livros biográficos, muito vendidos no país, sobre D. Pedro I, D. Pedro II, D. Pedro IV, Maria Leopoldina, Marquesa de Santos, além de livros sobre czares, sobre a Imperatriz Sissi e a dinastia de Habsburgos. Em síntese, sua preferência é contar a história de representantes de monarquias.

Em seu canal no *Youtube*, ‘História não contada’, Rezzuti destaca a importância da *internet* para a concepção do livro que ora analisamos e para a divulgação de suas obras. Em suas palavras, a ideia do livro ‘Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil’ foi se formando no contato com leitores estabelecido em eventos realizados em 2019, quando lançou seu livro ‘D. Pedro II: a história não contada’, em várias cidades. Conforme seu relato em vídeo do *Youtube*, nestes lançamentos, ele observou a presença de muitas crianças que

estavam levando os pais para o lançamento, [...] por causa do canal do *youtube*. Que as crianças tomaram consciência que eu existia, consciência dos livros, consciência das histórias que eu conto aqui e começaram a se interessar. Ou então também os pais assistiam os vídeos e as crianças por tabela começaram a se interessar. E aí começou a chover várias perguntas, as crianças [...] querendo saber se elas podiam ser princesas, como era a princesa Isabel quando era pequena e outras coisas. E eu sabia que eu tinha material sobre isso pelos meus livros, minhas pesquisas ... E aí então foi tomando forma essa ideia de levar a nossa história [...] do Brasil para as crianças [...] de forma lúdica (Paulo Rezzuti, 2021).

Neste vídeo, ele também descreve que, para construir a narrativa do livro, partiu do universo lúdico dos contos de fadas centrados em princesas e príncipes, mas abordando as histórias da infância de príncipes e princesas do Brasil, desde seu nascimento até a idade de 14/ 15 anos.

Assim, a história do livro narra a vida infantil de Maria Francisca Isabel, filha de Dom José e Mariana Vitória (neta de Dom João V, rei de Portugal), que subiu ao trono como Maria I, sendo a primeira mulher a reinar em Portugal e a primeira rainha europeia a pisar na América quando a corte mudou-se para o Brasil, em 1808. Outro personagem narrado é Dom João VI, ‘o menino que tinha medo do trovão’, enquanto seu filho Dom Pedro I (Figura 10), não tinha medo de nada. Foi também contada a infância da esposa de

D. João VI, rainha Carlota Joaquina, e de D. Pedro I – Princesa Leopoldina (Figura 10). As filhas de D. Pedro I - Maria da Glória, Januária, Francisca, Maria Amélia também tiveram suas histórias narradas, além de seu filho, Pedro II.

Figura 10 - Dom Pedro e Leopoldina crianças



Fonte: Rezzutti (2021, p. 42 e 52).

Percebemos, assim, que a narrativa a princípio está voltada para a realeza de Portugal que depois viria para o Brasil e seus descendentes. O autor se baseia em uma genealogia da realeza europeia. Só ao final do livro, ele insere ‘príncipes e princesas’ africanos e indígenas. A princesa Muirá Ubi, filha do cacique Uirá Ubi, da nação Tabajara (PE) conhecida como a princesa do Arcoverde, e a princesa do Grande Rio, a Paraguaçu, filha do chefe de Taparica, da nação Tupinambá (Ba). Narra ainda histórias de personagens negros como a princesa do Congo, Aqualtune, que foi escravizada e trazida para o Brasil, mas que fugiu para Palmares, sendo a avó de Zumbi, amigo da Dandara. Outro personagem negro do livro é Custódio, príncipe que nasceu em Benin no Golfo da Guiné e veio para o Brasil, na região onde hoje fica o estado do Rio Grande do Sul, após os ingleses invadirem o território onde vivia.

Os personagens do livro que Rezzutti (2021) relaciona diretamente com a Independência do Brasil foram o príncipe D. Pedro e a princesa Leopoldina, na parte final do livro, onde o autor descreve “um pouco mais de história” dos príncipes e princesas, depois de sua infância. Sobre D. Pedro, nas páginas 159 e 160, Rezzutti narra que, em 1821, seu pai, Dom João VI, retornou para Portugal, deixando-o como príncipe regente no Brasil, o que desagradou a Assembleia Constituinte de Portugal, que exigiu seu retorno. Porém, no dia 9 de janeiro de 1822, o príncipe declarou que ficaria no Brasil, o

que culminou ainda mais a tensão entre os dois países e em, 7 de setembro de 1822, Dom Pedro declarou a independência brasileira.

Sobre Dona Leopoldina, nas páginas 157 e 158, Rezzutti (2021) a qualifica como ‘a princesa que se envolveu com a política brasileira’. Ele narra que coube à Princesa Leopoldina o protagonismo da Independência do Brasil, uma vez que, estando o príncipe D. Pedro, seu marido, em viagem a São Paulo, ela assumiu a regência e diante de pressões da Assembleia portuguesa, convocou o conselho de Estado em 2 de setembro de 1822. Nesta ocasião, decidiu enviar cartas a Dom Pedro, aconselhando-o a romper politicamente com Portugal e, assim, o príncipe, às margens do rio Ipiranga, declarou a Independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822.

Observamos, assim, que este livro, ao final, cultua a nobreza portuguesa como a salvadora da Pátria. O livro é acompanhado ainda de um jogo da memória com as imagens dos seus personagens (Figura 11).

Figura 11 - Jogo da memória



Fonte: Rezzutti (2021).

Conforme essas imagens mostram, apesar de ter incluído príncipes e princesas indígenas e africanos ‘para que todas as crianças se sentissem representadas’, prevaleceu a história de europeus ou deles descendentes (doze dos personagens do livro) e apenas

metade representam indígenas e africanos - três indígenas e três negros/as. Segundo Rezzuti (2021), no vídeo do *Youtube*, esta seria a “forma de levar um pouco da nossa história [para as crianças] e ter uma ideia melhor de pertencimento ou de nação”. Enfim, como permeia o conjunto de suas obras majoritariamente escritas para adultos, este autor compreende que são os personagens da nobreza portuguesa no Brasil que melhor simbolizam a nossa história.

Assim, esta obra possui uma aproximação com os contos de fadas. Embora haja a introdução de personagens indígenas e africanos, o foco está nos feitos da realeza. Desse modo, além da relação com príncipes e princesas da cultura europeia, os contos de fadas inicialmente eram contados de maneira oral e assim algumas histórias misturavam-se com outras. Todas foram modificadas pelo que o contador pensava ser de maior interesse para os ouvintes, pelo que eram suas preocupações do momento ou os problemas especiais de sua época. Contudo, ao serem redigidas, essas histórias pareciam definitivas, pois assim não estariam mais sujeitas à mudança contínua, como acontece na tradição oral.

Observamos uma similitude deste processo com o narrado por Oliveira (2022) e Pimenta (2022) para explicar como as representações da cena do ‘Grito de Independência ou Morte’, no dia 7 de setembro de 1822, se consolidaram e perpetuaram ao longo dos séculos XIX e XX. Eles analisam que estas representações foram elaboradas a partir de relatos sucintos de quatro testemunhas oculares sobre o suposto momento em que D. Pedro, estando próximo ao riacho Ipiranga e recebendo notícias de Leopoldina e José Bonifácio, rompe ligações com Portugal. Entre eles, o relato do padre Belchior Pinheiro de Oliveira, que foi publicado na imprensa fluminense em 1826, e o de Paulo Antônio do Valle. Em 1827, com a publicação da obra ‘Histórias dos principais sucessos políticos do Império do Brasil’, escrita por José da Silva Lisboa, a narrativa do padre Belchior ganhou estatuto de episódio histórico inquestionável. Os relatos do coronel Manuel Marcondes de Oliveira Mello, o tenente Francisco de Castro e Mello, tornaram-se públicas em 1860 e pouco se acrescentou à descrição do padre Belchior. Nesses relatos, D. Pedro desembainhando a espada, conclamou aos membros de sua comitiva, que era formada por 38 pessoas, que retirassem as insígnias portuguesas de seus uniformes (cores azul e branca) e jurassem defender a ‘Independência, a liberdade e a separação do Brasil’ (Oliveira, 2022; Pimenta, 2022).

Neste sentido, percebe-se que a memória histórica do processo histórico da Independência do Brasil supostamente se inicia a partir de depoimentos de pessoas que tinham vínculos pessoais e políticos com D. Pedro e que presenciaram o evento do dia 7

de setembro. Posteriormente, esses relatos foram redigidos e publicados pela imprensa valorizando o ato heroico do príncipe, desconsiderando os outros tantos agentes históricos desse processo.

Nas histórias dos contos de fada é muito comum palavras como reis, rainhas, príncipes, princesas, seja nos contos orais, escritos, analógicos ou digitais. Observamos que, em sua maioria, os personagens principais fazem parte da nobreza e que sempre são eles os heróis da história. Assim também é no ‘conto’ da Independência do Brasil, em que o grande feito resulta do ato heroico de D. Pedro e sua esposa Dona Leopoldina, que logo em seguida são coroados Imperador e Imperatriz do Brasil. Desse modo, como nos contos de fadas, são os heróis da história. Esta ênfase nos príncipes e princesas que fizeram parte da História do Brasil foi observada então no livro para crianças publicado, em 2021, na ocasião do Bicentenário da Independência do Brasil – ‘Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil’, de Paulo Rezzutti, pois conta a história da infância de figuras da realeza brasileira.

Outra fonte que compõe o nosso corpo documental é uma História em Quadrinhos (HQ) da Turma da Mônica de Mauricio de Sousa, com coautoria da historiadora Mary Del Priore, a qual foi divulgada pela própria historiadora em sua página do *Facebook*, em novembro de 2022¹¹, ano em que foi lançada. Intitulada ‘Finalmente, o Brasil Independente’, a HQ conta a história de Milena (a única criança negra entre os tradicionais personagens das histórias de Maurício de Souza), Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali no dia em que assistiram, na escola, uma palestra com a historiadora Mary sobre a Independência do Brasil.

Na sua palestra, depois de falar brevemente sobre movimentos contrários a colonização do Brasil desde o fim do século XVIII, como a Inconfidência Mineira, a Revolta dos Alfaiates na Bahia e as diversas revoltas em Pernambuco, a historiadora narrou a história do Brasil no século XIX, por meio de uma narrativa linear, destacando os fatos que envolveram a família real portuguesa desde a sua vinda para o Brasil em 1807, passando pelo casamento de D. Pedro e Leopoldina, o Dia do Fico em janeiro de 1822, o Grito da Independência em setembro, a aclamação de D. Pedro I em outubro, a outorga da primeira Constituição do Brasil em 1824, a assinatura do Tratado de Paz e Aliança em 1825, por D. João VI que reconhecia a Independência do Brasil e o Império Brasileiro, a abdicação de D. Pedro I ao trono brasileiro e sua volta para Portugal, 1831, o

¹¹ Disponível no *site*: <https://www.facebook.com/marydelpriore.ofc/videos/3264182117164978/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

período regencial (1931-1840) e o segundo reinado de D. Pedro II (1840 - 1889), até a proclamação da República em 1889.

Durante sua palestra, a historiadora fez questão de destacar o protagonismo da princesa Leopoldina que defendia, junto com José Bonifácio de Andrada, que a única forma de evitar a queda total da monarquia no Brasil era D. Pedro declarar a Independência, já que a oligarquia brasileira não aceitava mais ser colônia de Portugal que pressionava para o príncipe regente voltar para a metrópole. Podemos observar uma relação direta entre este destaque e vários dos livros de História escritos pela coautora da HQ, representada na história em quadrinhos pela palestrante Mary, que abordam a história de mulheres de diferentes regiões e grupos sociais do Brasil entre 1500 e 2000¹², entre elas mulheres da monarquia portuguesa e brasileira – D. Maria I; Imperatriz D. Leopoldina; Marquesa de Santos, Condessa de Barral.

O enredo da narrativa da palestrante Mary privilegia os atos políticos administrativos da monarquia portuguesa e brasileira durante o processo de Independência do Brasil e do Brasil Império. Tanto é assim que, ao falar da HQ em suas redes sociais digitais, o que a historiadora Mary Del Priore ressalta são estes atos (a vinda da família real, D. Pedro, Leopoldina, o Fico, o grito a beira do Ipiranga) que, segundo ela, são ‘momentos absolutamente fundamentais do nosso passado e da nossa história’¹³.

Por outro lado, a história narrada na HQ distancia-se da narrativa tradicional de que a Independência do Brasil foi conquistada de forma pacífica e garantindo a unidade territorial. Ela contou sobre os conflitos armados que aconteceram, entre 1822 e 1823, em províncias que eram a favor da monarquia portuguesa - Pará, Maranhão, Piauí, Ceará - e sobre a guerra de Independência do Brasil na Bahia responsável pela expulsão definitiva

¹² Entre estas obras de Del Priore estão: *Sobreviventes e guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000* (2020); *D. Maria I: As perdas e as glórias da rainha que entrou para a história como "a louca"* (2019); *A Carne e o Sangue. A Imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a Marquesa de Santos* (2012); *Condessa de Barral, a paixão do Imperador* (2008); *História das mulheres no Brasil* (1997).

¹³ Vídeo disponibilizado no canal de Youtube de Mary Del Priore, em 6 de fevereiro de 2023, para divulgar a HQ para professores, pais, avós (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QSgY-YVCbBM&ab_channel=MarydelPriore-ClubedaHist%C3%B3ria. Acesso em: 06 nov. 2024). Além deste vídeo, ela postou outro em sua página no Facebook, em novembro de 2022 (disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1085530059605434&set=pcb.1085530222938751>. Acesso em: 06 nov. 2024). A autora continua fazendo a divulgação no ano de 2024, quando no Dia das Crianças, ela divulgou o livro mais uma vez em seus facebook, desta vez, colocando em destaque *print* do quadrinho da HQ em que Maria Leopoldina assina o decreto da Independência, fazendo jus a uma das temáticas pela qual seus trabalhos ficaram mais conhecidos – A história das mulheres no Brasil (disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1085530059605434&set=pcb.1085530222938751>. Acesso em: 6 nov. 2024).

das tropas portuguesas do Brasil, em 2 de julho de 1823. Também fez referência às revoltas que ocorreram em diferentes regiões do Brasil durante o Brasil Império.

Neste quesito, a HQ de Maurício de Souza e Mary Del Priore (2022) se aproxima das discussões historiográficas de Pimenta (2022) sobre como não houve uma separação pacífica entre Brasil e Portugal, apesar das guerras de Independência do Brasil terem sido, por vezes, condenadas ao esquecimento na História e na memória nacional.

Outro livro de literatura cujo conteúdo se aproxima do narrado na HQ de Maurício de Souza e Mary Del Priore, é o do autor Sergio Saad, *Independência ou ...confusão! História ilustrada do Brasil*, publicado em 2020. Apesar de não termos encontrado sua divulgação na *internet*, a não ser em sites de livrarias, vamos inseri-lo em nossas análises para, na relação com as obras impressas anteriormente apresentadas, confirmar a forte presença da memória histórica oficial da Independência do Brasil, durante a comemoração do Bicentenário.

A obra narra as aventuras de quatro crianças brancas - Gabito, Johnny, Lulu e Pedrinho - que foram passar o feriado do dia da Independência do Brasil, 7 de setembro, na casa de sua avó Nina, onde encontram uma banheira que funcionava como uma máquina do tempo.

Após descobrirem como funcionava a banheira, as crianças viajam por diversos momentos da História do Brasil: o descobrimento (sic!) do Brasil em 1500; a fundação da Vila São Vicente em 1534; a prisão de Tiradentes em 1789; o Grito do Ipiranga em 1822; a assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel, em 1888; a proclamação da República por Marechal Deodoro da Fonseca, em 1889.

Durante a viagem até 1822, Pedrinho pega a espada de Dom Pedro e corre para a banheira antes do príncipe declarar “Independência ou morte!”, depois de ter lido as cartas enviadas por José Bonifácio e Princesa Leopoldina. As crianças só percebem a proeza de Pedrinho quando voltam da viagem no tempo e percebem que não existe mais o feriado de 7 de setembro. Então logo eles voltam em 1822 para devolver a espada e não alterar o futuro novamente.

Enfim, o livro escrito por um engenheiro da computação e chancelado pelo Ministério da Cultura do governo conservador de Jair Bolsonaro¹⁴ reforça a cultura de história do Brasil (Pimenta, 2014), ao mencionar diferentes fatos históricos de forma fragmentada, e privilegiar a ação de um único sujeito histórico, representante da elite.

¹⁴ Na sua contracapa há a logo do Ministério da Cultura.

Reforça, assim, a tradição das datas comemorativas que ainda hoje permeiam os currículos escolares. Por exemplo, na viagem para a Inconfidência Mineira, não é feita nenhuma relação entre este movimento e a futura Independência do Brasil. Há apenas o relato de que Joaquim Silvério da Silva Xavier foi importante na luta contra os altos impostos de Portugal, e que, por isso, foi preso e enforcado no dia 21 de abril que depois foi considerado feriado nacional. Por outro lado, observamos o estabelecimento da relação entre Tiradentes e a República, quando Gabito, ao chegar no ano da Inconfidência Mineira (1789), fala que ainda levará 100 anos para o Brasil se tornar uma República. Observamos, neste trecho uma relação com a escolha de Tiradentes, esquecido durante todo o Brasil Império, como o herói do Brasil República.

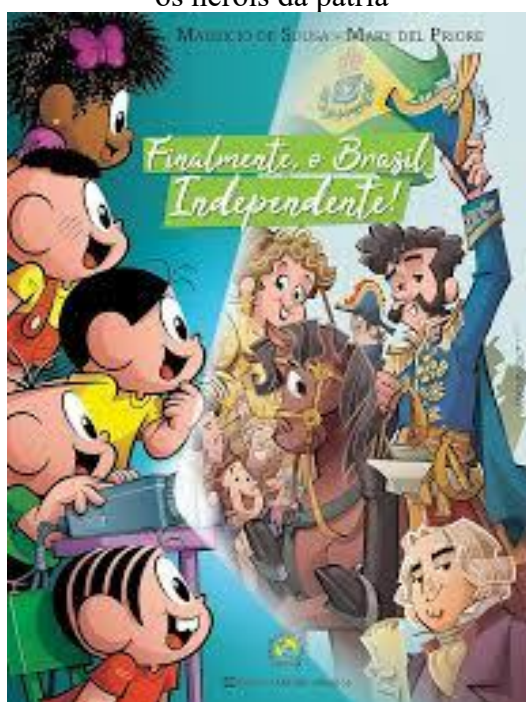
Podemos observar aproximações entre a HQ da turma da Mônica (Souza; Del Priore, 2022) e o livro *Independência ou confusão!* (Saad, 2020). Na capa de ambos, o personagem central é Dom Pedro I (Figuras 12 e 13).

Figura 12 - Dom Pedro como o herói da Independência



Fonte: Saad (2020).

Figura 13- Dom Pedro e a nobreza como os heróis da pátria



Fonte: Souza; Del Priore (2022).

De maneira análoga, as imagens referentes a Tiradentes em ambos os livros (Figuras 14 e 15) se assemelham e reproduzem nossa cultura de história, construindo a imagem de mártir preso (Saad, 2020) e enforcado (Souza; Del Priore, 2022), cuja aparência lembra Jesus Cristo.

Figura 14 - Prisão de Tiradentes



Fonte: Saad (2020, p. 54 e 55).

Figura 15 - Condenação de Tiradentes



Fonte: Souza e Del Priore (2022, p. 19).

D. Pedro, no momento do Grito do Ipiranga (Figuras 16, 17), é representado nos dois livros conforme imaginado na pintura de Pedro Américo, ‘Independência ou Morte!’ encomendada por D. Pedro II, nos últimos anos do Brasil Império.

Figura 16 - Brado retumbante de Dom Pedro I:
Independência ou morte!



Fonte: Saad (2020, p. 72).

Figura 17- Declaração da Independência
por Dom Pedro I



Fonte: Souza e Del Priore (2022, p. 49).

Ao considerar as categorias que elaboramos para compor a análise de nosso *corpus* documental, compreendemos que todos estes livros, mesmo inserindo alguns personagens que não estão na memória institucional (Citron, 1990) mais tradicional – príncipes e princesas negros e indígenas (Rezzuti, 2021), D. Leopoldina (Souza; Del Priore, 2022; Saad, 2020), estão entre as abordagens históricas que naturalizam o marco oficial do 7 de setembro e restringem o Bicentenário da Independência do Brasil e aos atos político-institucionais que levaram a emancipação do Brasil em relação a Portugal.

Nesta perspectiva, perpetuam a ideia de que poucos heróis da elite fazem a história, contribuindo para a formação de cidadãos e cidadãs que não se identificam como protagonistas da história.

A seguir, ainda neste aspecto de produções de Histórias em Quadrinhos (HQ), analisaremos as produções: ‘Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil’ (Instituto Cayapiá, 2022), ‘Recrutinha - 200 Anos da Independência’ (Exército Brasileiro, 2022) e ‘Contra Tempo: Uma viagem de 200 anos’ (Cardoso *et al.*, 2022).

4.2 Análises das histórias em quadrinhos (HQ)

A QH ‘Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil’ (Instituto Cayapiá, 2022), foi dedicada às comemorações do Bicentenário da Independência e contou com recursos arrecadados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. A terceira HQ compõe uma coleção de nove exemplares que foram publicadas trimestralmente nos seguintes anos: 2022, 2023 e 2024. As nove HQs (Figura 18) fazem parte do projeto Ciência na escola e assim foram distribuídas e apresentadas em escolas públicas do município de Tiradentes (MG) que por meio de atividades pedagógicas desenvolvidas por professores e estudantes, elas foram trabalhadas dentro do contexto da ciência¹⁵.

Figura 18 - Coleção: Velosinho & Joaquim e as plantas medicinais brasileiras



¹⁵ Em resposta ao email enviado dia 25/02/25 ao Instituto Cayapiá para verificarmos qual foi a participação das escolas nos projetos, a Profa. Maria das Graças Lins Brandão, presidente do Instituto Cayapiá, no dia 28/02/25, explicou que “Velosinho & Joaquim é uma coleção que visa divulgar a importância da obra do Frei Veloso, botânico Tiradentino do século 18, e as plantas medicinais nativas do Brasil. No número 3 falamos da Independência do Brasil devido às comemorações da data e em si, e também da passagem do D. Pedro por Tiradentes, sede do nosso projeto. D Pedro foi importante na valorização da obra do Frei Veloso (“...o Brasil tem um grande cientista...”), conforme citado na historinha. Quanto à escola, o evento organizado por ela foi estritamente relacionado às plantas medicinais do Frei Veloso. Não teve correlação com as comemorações da Independência do Brasil”.

Figura 18 - Coleção: Velosinho & Joaquim e as plantas medicinais brasileiras (continuação)



Fonte: Instituto Cayapiá (2022)

Velosinho e Joaquim é elaborado pela Dra. Maria das Graças Lins Brandão, professora aposentada da Faculdade de Farmácia e Ceplamt da UFMG/ BH, ex-professora residente do *campus* cultural da UFMG (Tiradentes). Presidente do Instituto Cayapiá de defesa de cultura e conservação das plantas usadas pelos brasileiros. Velosinho é o personagem referente a Frei Veloso, o Frei José Mariano da Conceição Veloso, batizado como José Veloso Xavier (1741-1811) e Joaquim de nome José Joaquim da Silva Xavier (1746-1792), o Tiradentes. Eles foram escolhidos para serem os personagens principais por fazerem parte do contexto histórico da região onde está o Instituto Cayapiá, com sua sede no município de Tiradentes (MG). Tiradentes, portanto, é também a terra natal do Frei Veloso e de seu primo Tiradentes.

José Ribeiro do Valle (1985) descreve sobre a vida de Frei Veloso em um artigo publicado na Revista Brasileira de História da Ciência (RBHC). O autor afirma que a vinda da família real para o Brasil trouxe um impulso nacionalista e posteriormente junto com a princesa Dona Leopoldina (Maria Leopoldina da Áustria, 1797-1826), a chegada de muitos naturalistas estrangeiros contribuiu para o avanço das ciências naturais. É nesse contexto que Frei Veloso se destaca ao escrever a obra *Flora Fluminenses* em 1779. José Ribeiro destaca ainda que Frei Veloso era primo de Tiradentes e nasceu na antiga cidade São José Del Rei, hoje Tiradentes (MG). Velosinho e Joaquim são os personagens principais e aparecem nos 9 volumes. Ao viajarem no tempo, encontram-se com diferentes pesquisadores e figuras históricas. Em cada viagem, os personagens aprendem um pouco mais sobre a rica biodiversidade brasileira e conhecem diferentes projetos botânicos. Ao final das histórias, a HQ traz a biografia dos personagens que vão surgindo ao longo dos nove volumes, principalmente botânicos e biólogos, agrônomos, naturalistas, outros da área da gastronomia, farmácia, educação artística, direito, História que realmente viveram ou vivem no Brasil, especialmente, no estado de Minas Gerais e na cidade de Tiradentes.

Destacamos, a seguir, a biografia de personagens que compõe a HQ e têm relação com a área de História que é o nosso foco. Olinto Rodrigues dos Santos Filho nasceu e vive em Tiradentes. Dedicou-se ao estudo da história local e história da arte. Trabalhou no Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) por décadas e atualmente está aposentado. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Escreveu diversos livros sobre história e barroco mineiro. Além de ser um dos personagens da HQ foi um dos revisores das informações históricas e textos dos quadrinhos em discussão.

Na quarta HQ há presença dos personagens Luiz Cruz, tiradentino, professor e historiador e pós-doutor em História pela UFMG. Na quinta, Cida e Rubens Chaves são moradores de Coronel Xavier Chaves-MG e estudiosos da Inconfidência Mineira. Na sétima HQ, Ângelo Santos do Carmo, indígena Pataxó, professor municipal em Porto Seguro BA, mestre em educação das relações étnico raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia - Campos Sosígenes Costa.

No primeiro volume da coleção, a história vivida por Velosinho e Joaquim, ao longo dos nove volumes, se inicia em 1775 na Villa de São José Del Rey. Ao se cumprimentarem, Joaquim chama Velosinho de primo e conta que ele e vários amigos continuam lutando pela Independência do Brasil. Velosinho, por sua vez, responde que

está aprendendo no convento sobre plantas medicinais com um grupo indígena de São Paulo e assim apresenta a planta cayapiá. Ambos decidem fazer um passeio no caminho da serra, pela trilha da mãe d'água até chegarem a uma gruta onde brincavam quando criança. Velosinho fica admirado ao ver tantas plantas perto da gruta, Joaquim então pergunta qual era o nome da planta que Velosinho havia mostrado e, ao falarem o nome da planta algo acontece, parecendo uma ventania.

Depois desse momento decidem voltar para casa, mas percebem que a vila está diferente e assim encontram com Ravi que explica que eles estão na cidade de Tiradentes no ano de 2021. Joaquim pergunta a Ravi se alguém na cidade poderia contar sobre os últimos acontecimentos. Ravi então responde para procurarem pelo Olinto, que trabalha no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHA). Intrigado Velosinho pergunta se o Brasil é uma nação independente e Ravi responde que é desde 1822. Ao encontrarem com Olinto, Ravi apresenta Joaquim e Velosinho e diz que eles vieram do passado. Ao explicarem para Olinto que estão em busca da planta cayapiá e que desejam voltar para casa, descobrem que a planta ao longo dos tempos mudou de nome e agora chama-se carapiá. Joaquim pergunta, já que o Brasil é uma nação independente, o que aconteceu com ele. Olinto responde que ele se tornou um herói nacional e que Frei Veloso tornou-se uma referência nas pesquisas sobre Botânica.

Olinto, então, fala aos personagens que dona Maria faz remédio com cayapiá e assim eles vão ao seu encontro. Ao encontrarem dona Maria, ela relata que não possui a planta, mas possui algumas amostras e assim as entrega para eles. Os personagens então saem a caminho de Bichinho, lugar onde nasceu Velosinho.

No segundo volume, os personagens chegam a Bichinho e percebem que tudo está diferente. Joaquim pergunta para Velosinho o que ele fez para eles viajarem no tempo. Velosinho responde que pegou a planta e falou alto o seu nome e nesse momento eles viajam novamente no tempo e chegam a 1822. Joaquim deseja voltar para a sua época e sugere voltarem para a gruta, pois talvez lá estaria o segredo da viagem no tempo. No caminho encontram o príncipe Dom Pedro.

No terceiro volume, os personagens chegando a 1822 percebem uma movimentação e perguntam a um soldado o que está acontecendo e ele responde que estão acompanhando o príncipe Dom Pedro em sua jornada em busca de apoio pela independência. Joaquim, entrando no diálogo, diz que “meu grupo de amigos também trabalha pela Independência do Brasil”. Chega então o príncipe e ao perguntarem quem são eles, Frei Veloso se apresenta, mas quando Joaquim vai ser apresentar, D. Pedro

interrompe para mostrar sua admiração por Velosinho e por sua obra sobre a flora e a fauna (Figura 19).

Figura 19 - Velosinho e Joaquim se apresentam ao Príncipe Dom Pedro I



Fonte: Instituto Cayapiá (2022, p. 01)

Durante este diálogo sobre a biodiversidade do Brasil, há a apresentação de José Bonifácio de Andrada e da princesa Leopoldina como defensores das florestas brasileiras. Um soldado interrompe o diálogo e chama o príncipe para continuarem com a viagem. Ao se despedir Joaquim diz: “Alteza! A Independência vai acontecer!”, Joaquim teve essa certeza, visto que no primeiro volume ao chegarem em 2021, descobrem que o Brasil já é independente. O príncipe então pergunta como Joaquim tem certeza disso. Depois que D. Pedro segue sua viagem, Joaquim diz para seu Velosinho que precisa contar essa novidade para seus amigos em Vila Rica e eles então decidem viajar no tempo.

Mas, ao invés de irem para o século XVIII, acabam parando no século XXI e reencontram o senhor Olinto, visto que eles se conheceram no primeiro volume, e contam sobre suas aventuras. Olinto relata que naquele ano estava acontecendo as comemorações do Bicentenário da Independência e que “hoje em dia é possível saber de tudo que aconteceu pela *internet*”. Assim, chama Ravi para mostrar para Velosinho e Joaquim como se navega na rede e eles vão para a biblioteca municipal e pesquisam sobre plantas medicinais.

Joaquim pergunta a Ravi o que a *internet* fala sobre ele, se ele é um herói, e a resposta foi: “Você é um herói sim Joaquim, mas... aconteceu tanta coisa...que é melhor deixar para vermos depois...”. Abaixo da resposta de Ravi, há uma imagem de Joaquim

preso, conforme figura 20. Velosinho, então, interrompe o diálogo falando para continuar a pesquisarem sobre as plantas.

Figura 20 - Joaquim: herói ou não



Fonte: Instituto Cayapiá (2022, p. 08)

Esta imagem de Tiradentes da HQ Velosinho e Joaquim é análoga as imagens dele nos livros de Saad (2020) e Souza; Del Priore (2022) analisados anteriormente. Todas elas remetem à sua prisão e condenação, quando está com barba, roupas brancas e mãos amarradas lembrando, como dito anteriormente, Jesus Cristo. Importante notar que mesmo citando Joaquim da Silva Xavier, o Joaquim na HQ, sua participação no enredo é sempre interrompida e o foco sempre se volta para a nobreza, como salvadora da pátria.

José Murilo de Carvalho em seu texto ‘Tiradentes: um herói para a República’ no livro ‘A formação das almas’ (1990), descreve como a República teve dificuldades em estabelecer um herói para o novo regime, visto que no Império, os heróis eram da nobreza/monarquia como é o caso da própria Independência ‘proclamada por Dom Pedro’. Carvalho (1990, p. 61) assim descreve: “A luta entre a memória de Pedro I, promovida pelo governo, e a de Tiradentes, símbolo dos republicanos, tornou-se aos poucos emblemática da batalha entre Monarquia e República”. Isso porque, o novo regime precisava legitimar um herói que representasse a nação, uma vez que, segundo o autor, os heróis são símbolos poderosos, bem como encarnações de ideias e aspirações de uma identificação coletiva. Desse modo, colocar Tiradentes como símbolo republicano, era de certo modo, uma provocação a monarquia, isso porque, a Inconfidência era um tema delicado para a elite do Segundo Reinado, uma vez que, Dom Pedro era neto de D. Maria I e o proclamador da Independência, enquanto a Inconfidência refere-se a uma manifestação contrária aos antepassados de D. Pedro I e D. Pedro II.

Entre candidatos que representassem o novo modelo político como Deodoro, Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Tiradentes foi o escolhido. Assim, a construção do

mito de Tiradentes teve uma simbologia religiosa e se aproximou da imagem de Cristo. A tradição cristã do povo facilitava a transmissão da imagem de um Cristo cívico, Tiradentes como o herói republicano. Assim, Tiradentes se aproximou da imagem de Cristo, o mártir da crucificação. Para os republicanos ambos os eventos se aproximavam: o cerimonial de morte, os soldados em volta, a multidão expectante, a violência dos carrascos, traídos por seus companheiros, outros acovardaram, a incorporação da culpa e depois a salvação. Tiradentes e Cristo, com seu manto branco derramaram seu sangue em prol de uma causa maior: a salvação. Desse modo, a figura de um herói nacional e republicano foi aceita pelo povo. O dia 21 de abril foi declarado feriado nacional em 1890, em homenagem a esse herói (Carvalho, 1990).

Embora a HQ considere a participação de Joaquim em movimentos pela emancipação do Brasil em relação à Portugal e Dom Pedro como o libertador da pátria, não há nenhuma imagem ou citação de Dom Pedro às margens do rio Ipiranga, em seu cavalo, empunhando uma espada e gritando ‘Independência ou morte’. No entanto, na capa, esta imagem é lembrada, pois ela mostra Dom Pedro, em seu cavalo, com a mão levantada num ato de cumprimentar Velosinho e Joaquim. Apesar de dialogar com a História, a obra foca mais na temática das plantas medicinais, visto que as publicações das HQs Velosinho e Joaquim buscam, segundo o Instituto Cayapiá, divulgar a importância da obra do Frei Veloso, botânico tiradentino do século 18 e as plantas medicinais nativas do Brasil.

Na quarta edição, ainda no século 21, os personagens exploram a Serra de São José -MG com o guia Luiz Cruz e na volta conhecem uma mulher negra e a benzedeira da cidade, Dona Erci, que os convida para entrarem em sua casa. Ao adentrarem eles se deparam com um altar religioso, típico da tradição do benzimento e acham magnífico. Iniciam um diálogo sobre plantas medicinais. Na quinta edição eles viajam no tempo e param em outubro de 1819, na Fortaleza da Barra, capital da província de Rio Negro e ali exploram as plantas nativas da região.

Em seguida, viajam novamente e param em 2023, em Manaus (AM), e exploram a vegetação ao longo do Rio Negro. Na sexta edição, ainda em 2023, os personagens viajam para o Rio de Janeiro (RJ) e conhecem o Jardim Botânico e posteriormente para o sul da Bahia. Na sétima edição, a viagem foi para o Monte Pascoal, em 2023, e encontram um indígena que conversa com eles sobre a chegada dos portugueses no Brasil e como isso afetou seu povo e a natureza e depois percorrem sobre o desmatamento.

Viajam mais uma vez e, ainda em 2023, param em Belo Horizonte (MG) e encontram uma mulher negra, Isabel Cupertino, defensora da cultura e arte africana e que valoriza a ancestralidade através das plantas sagradas. Ao final da Hq viajam por outras regiões do Brasil: parque Cavernas do Peruaçu (MG), Brasília (DF), Pantanal Ouro Preto (MG) e, só depois assim, retornam para sua época, no século XVIII.

Quando Velosinho e Joaquim decidem ir para Ouro Preto (MG) chegam na praça Tiradentes e se deparam com o monumento à Joaquim José da Silva Xavier, que hoje é um marco na paisagem ouropretana. Com a Proclamação da República, o primeiro congresso mineiro deliberou erguer um monumento em homenagem a Tiradentes. Em 21 de abril de 1892, foi lançada a pedra fundamental do monumento em comemoração ao primeiro centenário da execução de Tiradentes. Dois anos após, a estátua foi inaugurada. Na HQ, Joaquim indaga: “Quem será este enforcado?”, conforme figura 21. Percebemos que em toda a HQ, Joaquim não descobre que ele seria enforcado e esquartejado.

Figura 21- Velosinho e Joaquim em Ouro Preto (MG)



Fonte: Instituto Cayapiá (2022, ed. 08, p. 10)

Desse modo, ao lermos os nove volumes da coleção, percebemos que a história de cada volume da HQ depende da anterior para a construção do enredo. Embora nossa análise tenha como foco o volume 3, se fez necessário perpassar por todos os números que compõem a HQ, em busca de outras menções ao processo de Independência do Brasil e seus protagonistas. Observamos que foram mencionados diversos sujeitos históricos que participaram dos 200 anos de Brasil Independente com seus saberes ancestrais que contribuem para a ciência: povos indígenas, mulheres negras, saberes populares, e não somente brancos e personagens da realeza.

No entanto, ao analisarmos a coleção como um todo, incluindo as atividades propostas em alguns volumes, observamos que ela dá mais destaque para os personagens

da realeza e para homens brancos. No último volume, ao relembrares suas viagens pelo Brasil, Velosinho e Joaquim citam os seguintes personagens ‘importantes’ para eles: Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), o alemão Carl Von Martius (1794-1868), o austríaco Emmanuel Pohl (1782-1834), o italiano Giuseppe Raddi (1770-1829), José Bonifácio (1763-1838), Princesa Leopoldina (1847-1871) e Dom Pedro (1798-1834). Além disso, a HQ dá grande ênfase a Dom Pedro quando, neste balanço da viagem pelo tempo, Joaquim lembra com entusiasmo o encontro que tiveram com o príncipe e o elogio que ele fez a Veloso: “Veloso: vou mostrar sua obra ao mundo, para confirmar que o Brasil pode ser independente, pois temos um grande cientista!”.

Além disso, no volume 3 da coleção, quando acontece o encontro de Veloso e Joaquim com D. Pedro, estes são os personagens históricos colocados em destaque na atividade que convida o leitor a associar a descrição de um personagem da Independência do Brasil, com um dos nomes listados na página 18 e uma das imagens registradas na p. 19 (figura 22).

Figura 22 - Jogo da associação

JOGO DA ASSOCIAÇÃO

PERSONAGENS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Associe os números da primeira coluna com os personagens da terceira coluna

Nº	Descrição do personagem	Nº	Personagens
1	Herói da independência		Princesa Leopoldina
2	Ministro e conselheiro do Príncipe		Emmanuel Pohl
3	Naturalista e botânico austríaco		Giuseppe Raddi
4	Naturalista e botânico francês		José Bonifácio
5	Naturalista e botânico italiano		Joaquim José da Silva Xavier
6	Naturalista, botânico e médico alemão		Frei Veloso
7	Naturalista, e botânico brasileiro		Karl von Martius
8	Princesa da Áustria, esposa de Dom Pedro		Auguste de Saint-Hilaire
9	Príncipe regente do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve		Dom Pedro

JOGO DA ASSOCIAÇÃO



Fonte: Instituto Cayapiá (2022, p. 18 - 19)

Outra HQ que também organiza a história contada por meio de uma viagem no tempo é a ‘Recrutinha - 200 anos da Independência’ (Exército Brasileiro, 2022). O ilustrador e autor da revista em quadrinhos Recrutinha é Luiz Fernando Vieira, a revisão pedagógica foi realizada por Ten. Cel. Cristiane, texto de Cap. Leciane e ela é produzida

pelo Centro de Comunicação do Exército Brasileiro que, em 2022, publicou uma edição para comemorar o Bicentenário.

A história inicia-se com um soldado, o Recrutinha, vestindo sua farda para participar do desfile de 7 de setembro em 2022, mas ao chegar no local não encontra ninguém. Chega então o doutor Babé e fala para Recrutinha que eles precisam voltar para 1807, pois a família real não tinha vindo para o Brasil e isso ocasionou um problema no fluxo contínuo do tempo e assim, Dom Pedro não proclamou a Independência.

Doutor Babé possui um carro, tipo jipe usado pelo exército, que é uma máquina do tempo, e assim eles viajam para Portugal, ano de 1807. Vestidos como soldados da época, Recrutinha e o Doutor avisam Dom João que as tropas francesas comandadas por Napoleão Bonaparte iriam invadir Portugal, porque o rei não havia aderido ao Bloqueio Continental imposto contra a Inglaterra.

Recrutinha deseja voltar para 2022, mas o doutor Babé o indaga se ele quer ver o grito da independência às margens do rio Ipiranga e assim eles viajam mais uma vez no tempo e chegam em 1821. Nesse contexto, a história mostra Dom João retornando para Lisboa e deixando Dom Pedro, como o príncipe regente do Brasil. Na despedida de Dom João, aparece José Bonifácio, e Babé comenta com Recrutinha que ele foi um importante aliado de Dom Pedro na busca pela independência e que apoiou a autonomia do Brasil em relação à Portugal. Meses depois, há a descrição do Dia do Fico, que ocorreu em 9 de janeiro de 1822, e da organização da viagem do príncipe a São Paulo, que segundo a HQ, duraria de 20 a 30 dias entre os meses de agosto e setembro. Nesse momento Recrutinha e Babé, decidem acompanhar a comitiva e comentam que precisam trocar de farda, pois irão como Dragões da Independência¹⁶.

Durante a viagem que Velosinho e Dr. Babé acompanharam, já em São Paulo e às margens do rio Ipiranga, em 7 de setembro de 1822, Dom Pedro recebe a carta de Bonifácio onde estava escrito: “De Portugal nada mais temos a esperar senão escravidão e horrores. Decida-se vossa alteza. Cada momento perdido é ruim. Só existem dois caminhos: partir para Portugal e se entregar como prisioneiro da corte ou ficar no Brasil e declarar a Independência” e assim declara “Independência ou morte!” (Figura 23). Enquanto aconteciam as comemorações da proclamação, os personagens decidem voltar

¹⁶ Os Dragões da Independência são oriundos da 'Guarda de Honra', instituída em 1808 pelo rei de Portugal, Dom João VI, quando chegou ao Brasil fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte. Os Dragões da Independência, foram criados para fazer a guarda e a segurança do chefe do executivo, mas atualmente esse papel é apenas simbólico.

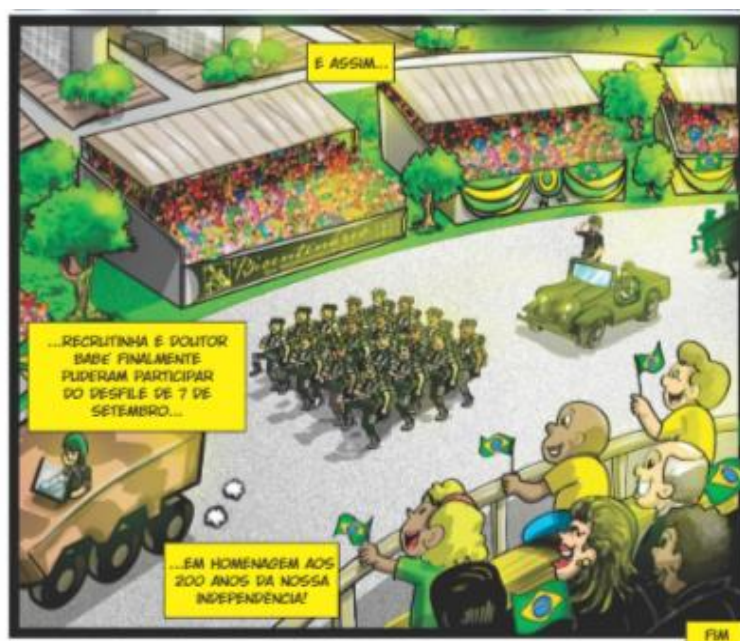
para 2022 e participam do desfile cívico-militar em homenagem aos 200 anos de independência (Figura 24).

Figura 23 - Recrutinha e a Independência do Brasil



Fonte: Exército Brasileiro (2022, p. 16).

Figura 24 - Recrutinha e o desfile de 7 de setembro



Fonte: Exército Brasileiro (2022, p. 17).

A figura 23 reproduz o quadro de Pedro Américo, ‘Independência ou morte!’ pintado entre 1886 e 1888, a pedido de D. Pedro II. Pimenta (2022) afirma que essa obra não se trata da imagem fiel da história do 7 de setembro de 1822, que, no contexto da crise do Império, visava a glorificação de Dom Pedro como o principal responsável pelo fim da colonização portuguesa no Brasil. Isso pode ser visto na obra em que o príncipe

aparece ao centro, levantando a espada, no momento em que grita ‘Independência ou Morte!’. No canto esquerdo do quadro é possível ver uma casa simples. Pimenta (2022) considera que Pedro Américo a acrescentou para representar o povo, na verdade ‘o povo caipira’. Assim, o povo no quadro foi incluído no processo de Independência, mas em uma imagem que o inferiorizava e inviabilizava.

Desse modo, o quadro trata-se de um monumento que sustenta uma memória coletiva perpetuada até hoje. Na figura 24, que representa os desfiles cívico militares, observamos como o povo continua na posição de mero espectador, assim como foi imaginado por Pedro Américo.

Além desse fato, verifica-se que na HQ os protagonistas são todos homens, brancos e da nobreza. A participação das mulheres é limitada a poucas falas como quando Dom João VI pede para Carlota fazer as malas e quando Dom Pedro conta para sua esposa, a Princesa Leopoldina, que Portugal exigia seu retorno, e ela comenta que devia ser uma desculpa para o Brasil se submeter a Portugal. Outro fato interessante é que na HQ Recrutinha e a Independência, Dom Pedro às margens do rio Ipiranga recebe a carta escrita por José Bonifácio, enquanto que na HQ Turma da Mônica, quem escreve a carta é a princesa Leopoldina.

A HQ Recrutinha começa e termina fazendo menção à comemoração do Bicentenário no desfile cívico-militar de 7 de setembro de 2022. Esta escolha tem estreita relação com a instituição que produziu a HQ - o Exército Brasileiro que é um dos principais organizadores da festa cívica que comemora oficialmente a Independência do Brasil anualmente, em todo o território nacional. O dia 7 de setembro foi escolhido, entre várias outras datas possíveis, para marcar o fato de o Brasil ter deixado de ser colônia de Portugal, a partir de 1822. Ela foi escolhida com base no grito “Independência ou morte” de Dom Pedro às margens do rio Ipiranga, perpetuando uma perspectiva oficial da História do Brasil que privilegia os atos da nobreza portuguesa e da elite agrária do Sudeste, resguardados por militares, e silencia outros movimentos por independência que ocorreram em diversas regiões do Brasil e a participação popular neste processo.

Conforme discutem Leal e Chaves (2022), as datas cívicas são processos complexos de construção e que se baseiam nas lutas políticas de seu tempo, recuperando elementos do passado. Na verdade, são frutos de disputas simbólicas e culturais marcadas por aquilo que deve ser dito ou não dito, em um determinado momento. Segundo estes historiadores,

[...]os Estados nacionais modernos, em sua missão de educar o povo no culto à pátria, voltam-se para o passado de forma seletiva, pinçando eventos e personagens, datas comemorativas e símbolos capazes de contar determinada narrativa fundamental e coesora da nação. Heróis, efemérides e o próprio ato de comemorar são escolhidos, a partir das demandas e disputas do tempo presente, como elementos capazes de trazer legitimidade ao Estado ou a determinado regime, sobretudo em momentos de ruptura institucional (Leal; Chaves, 2022, p. 194).

No Brasil, as datas comemorativas que, em sua maioria homenageiam atos de heróis do sexo masculino, brancos, cristãos e da elite econômica ou política (22 de abril – ‘Descobrimento do Brasil’, 21 de abril – Tiradentes, 7 de setembro – Independência do Brasil, 15 de novembro – Proclamação da República) permeiam o calendário e o contexto escolar seja por meio de eventos e murais, de livros didáticos, de livros de literatura, de produção de atividades para os estudantes realizarem e, muitas vezes, não estimulam o pensamento crítico sobre o que elas significam, quais memórias querem enfatizar e quais silenciam, de modo a possibilitar o questionamento do ‘tradicional’ e de quais identidades estas datas pretendem construir entre cidadãos e cidadãs do Brasil.

Muitas vezes o dia escolhido pela elite para marcar a Independência do Brasil é tratado, por muitos brasileiros, apenas como um feriado nacional, não mobilizando reflexões sobre os significados do país ter se emancipado da metrópole portuguesa e se tornado uma nação independente. Do mesmo modo, as comemorações do Bicentenário da Independência, apesar de ter sido tema de destaque em publicações e eventos científicos, em ações da Câmara dos Deputados e do Senado e em outras entidades desde 2017, não se tornou um evento público relevante para a maioria da população.

Para finalizar a análise de histórias em quadrinhos, trazemos para o escopo do nosso trabalho a publicação “Contra Tempo: Uma viagem de 200 anos” (Cardoso; *et al.*, 2022) do projeto Ciência na Rua, um projeto jornalístico, com plataforma digital multimídia, ambientada totalmente no virtual. Seu conteúdo tem o intuito de fazer, por meio de uma linguagem acessível para o público juvenil, divulgação da ciência nas áreas de tecnologia, inovação, cultura, meio ambiente, ciências exatas, biológicas, humanas e sociais. A idealizadora do projeto é Mariluce Moura, jornalista, pesquisadora e atual presidente do Instituto Ciência na Rua.

A publicação da HQ conta com a assessoria histórica de João Paulo Garrido Pimenta, historiador da Faculdade de História da USP e especialista em processos de Independência do Brasil. Teve outros autores como: Ana Cardoso, Hyna Crimson, Igor Marques. A HQ estreou com quatro páginas iniciais em novembro de 2021,

posteriormente, publicou duas páginas semanais até o maio de 2022 e na sequência três páginas por semana até 2 de setembro de 2022.

Nessa HQ, Bia, uma estudante de história, negra, volta ao passado em 1817 na Revolução de Pernambuco, depois passa por 1822 e acompanha o centenário da Independência (1922) e avança para 1972, ano do sesquicentenário e período da ditadura militar.

Nas cenas iniciais, são apresentadas imagens de Bia em uma rua com igrejas cristãs, banco, comércio de armas, policiais revistando pessoas e um *outdoor* em um prédio com os dizeres ‘Deus, armamento e liberdade’ ao lado da imagem de um homem. É bem notório aqui, a crítica ao governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (Figura 25)

Figura 25 - Governo de Jair Bolsonaro



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 1).

Verifica-se na imagem acima que a HQ foi produzida no período em que o ex-presidente Jair Bolsonaro governava o Brasil. Pimenta (2022) considera que em 2021 os festejos nacionais do 7 de setembro foram sendo substituídos por manifestações partidária governamental, isso porque, o então presidente denunciou, sem provas, supostas fraudes nas eleições do país tentando influenciar o resultado da eleição de 2022, mesmo antes de sua realização. Presidente este que exaltava a Ditadura Militar e seus torturadores, desrespeitava a laicidade do Estado ao associá-lo à Deus, apoiava o uso de armas e, diante da devastadora pandemia do SARS-CoV-2, violava Direitos humanos com um discurso negacionista que defendia ‘a liberdade acima da vida’.

Nas cenas seguintes Bia diz estar atrasada e corre para entrar em um ônibus. No ônibus, um homem sentado ao seu lado está lendo um jornal e na capa está o título de uma reportagem com os dizeres: Governo destrói mais um centro de pesquisa e Bia se pergunta como chegamos a isso. Ao sair do ônibus Bia é revistada por dois policiais que encontram em sua bolsa um caderno com anotações e a questionam qual é seu trabalho

pois as anotações poderiam ser consideradas uma ameaça. Nas próximas imagens há cenas do centro de pesquisa destruído, o que dá a sensação para o leitor de que a personagem não contou seu verdadeiro trabalho para os policiais.

Bia consegue sair da revista e volta para o centro de pesquisa e encontra seu professor de história. O professor pergunta para Bia se ela foi seguida e ela conta da revista dos policiais e que conseguiu ‘dar uma enrolada neles’. No diálogo o professor relata a Bia que o país está aquela bagunça e que o trabalho deles é explicar os duzentos anos de história e que já houve um tempo em que as pessoas estavam abertas a novas ideias como as que geraram as revoluções na França (1789), Estados Unidos (1776), Haiti (1804), América espanhola e também aqui no Brasil como em Minas Gerais (Inconfidência Mineira entre 1788 e 1789), Bahia (Revolta dos Alfaiates entre 1798 e 1799) e Pernambuco (1817).

Pimenta (2022) considera esse período como a ‘Era das revoluções’. O primeiro movimento foi a Independência das treze colônias britânicas da América do Norte, que, em 1776 resultou na formação dos Estados Unidos. A Revolução Francesa (1789) culminou na queda da Monarquia Absolutista. Já a Revolução do Haiti (1804) foi uma revolução antiescravistas, ou seja, ela foi liderada por escravizados negros da colônia de São Domingos contra a colonização Francesa o que culminou na emancipação e formação do Haiti. Em seguida vieram a emancipação das colônias da América espanhola e só em 1822-1823, o Brasil alcançou esse objetivo. Mas para isso acontecer, houve revoluções no país como é o caso da Inconfidência Mineira, no qual contestavam a cobrança de impostos injustos e abusivos, a Revolução de Pernambuco (1817) no qual aprofundou descontentamentos e fissuras da presença do Reino Unido português, e a Conjuração Baiana (1798/1799) que também lutava contra a separação de Portugal. Contudo, essas três revoluções ocorridas em Minas Gerais, Pernambuco e Bahia não buscavam em si uma independência do país, mas sim a independência de suas províncias. No entanto, esses movimentos impactaram na futura emancipação do Brasil de Portugal.

Na continuidade no diálogo entre Bia e seu professor, o professor comenta ainda que muitos registros que poderiam ajudar a entender os 200 anos de Independência do Brasil foram apagados e que ele precisa de Bia para ajudar a verificar alguns registros encontrados sobre a revolução de 1817, já que professores não podiam andar livremente sem ser perseguidos.

Conforme as instruções de seu professor, Bia chega a um lugar com a descrição de ‘depósito de lixo’ e é recebida por um homem que a guia pelo local e lhe entrega uma

chave com um chaveiro contendo informações sobre outro local. No depósito Bia encontra documentos antigos, mas as informações não estão completas e ela decide ligar para o professor quando o homem lhe mostra a notícia que o centro de pesquisa foi destruído.

Bia então decide ir ao outro local para verificar o que a chave abriria e encontra uma sala com artigos, documentos, quadros antigos. No meio desses objetos, ela encontra uma máquina do tempo, uma espécie de mala, e viaja no tempo. Não há especificado na HQ o ano para o qual Bia voltou ao passado, mas os fatos levam para 1817, e ela é confundida com uma escrava por guardas que aprisionam quem tivesse algum documento revolucionário. Bia é ajudada por uma mulher negra (supostamente uma escrava liberta pois ela apresenta um papel ao soldado) que a leva para um lugar onde pessoas estão reunidas em prol da independência de Pernambuco (Figura 26).

Figura 26 - Independência de Pernambuco



Figura 26 - Independência de Pernambuco (continuação)



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 27).

Sobre o contexto de Pernambuco no início do século XIX, Leal e Chaves (2022) relatam os fatos ocorridos nesse período. Com a transferência da Corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, ocorreu o processo de ‘interiorização da metrópole’, ou seja, parte da colônia virou metrópole e ocorreu a exploração do Norte do Brasil pelo Sudeste. Isto culminou na Revolução de 1817, que eclodiu em 6 de março em Recife, ganhando toda a capitania de Pernambuco e alastrando para Paraíba, Rio Grande do Norte e parte do Ceará. Assim, instalou-se uma República, inspirada na Revolução Francesa, que durou 75 dias.

Contudo, o envio de tropas da Bahia, conforme nos diz Leal e Chaves (2022), desencadeou uma série de rendições, prisões, confisco de bens ou fim trágico de alguns rebeldes de 1817, como o suicídio de seu mentor intelectual, o padre João Ribeiro. Mas

os ideários de 1817 permanecerão como referência dos comportamentos políticos nas províncias do Norte durante o processo de Independência. A figura 25 da HQ analisada demonstra bem essa repressão aos revolucionários e trazem nas entrelinhas, o que Leal e Chaves (2022) nomeiam de ‘uma memória ressentida contra o *despotismo*’, ou seja, um rancor em relação à negação da liberdade praticada por governantes arbitrários. Bia então resolve viajar no tempo novamente para entender porque tentam apagar fatos sobre 1817 e comemoram tanto 1822. A máquina do tempo a leva para 1922, nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil (Figura 27).

Figura 27 - Centenário da Independência do Brasil



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 33).

Por ocasião do Centenário, conforme Oliveira (2022), as lutas políticas e simbólicas entre o início da República e a década de 1920, afetaram a história da Independência, pois, predominavam interpretações que valorizavam o legado do Império à nação e, ao mesmo tempo, criticavam o regime republicano pelo não cumprimento de suas promessas. Os anos de 1920 e 1930 foram marcados pela expansão do ideário nacionalista e a História ensinada nas escolas foi considerada essencial para formar um sentimento coletivo de pertencimento ao Brasil.

Neste mesmo período, ainda segundo Oliveira (2022), ocorreu a valorização dos museus, obrigatoriedade do hasteamento da bandeira nacional nas escolas nos dias de comemorações cívicas. Ainda na ocasião do Centenário, o Governo Federal suspendeu o

exílio da família imperial e seus descendentes e realizou a transferência dos restos mortais de D. Pedro II e da imperatriz Teresa Cristina para o Rio de Janeiro.

Em 1922, Bia encontra Lima Barreto que expõe sua indignação à exposição em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil (1822-1922), que aconteceu no Rio de Janeiro, dizendo que ela desmancha a história e em seu lugar mostra a mentira de um ‘país moderno’ (Figura 28). Para a preparação dessa exposição, ocorreu a demolição do morro do Castelo, e deu lugar à construção dos pavilhões e palácios nacionais e estrangeiros. Bia conhece alguns desses pavilhões como o do saneamento e saúde pública, da agricultura, seção de sementes e de aviação e no diálogo com Lima Barreto ele comenta sobre essa construção dizendo que para construí-lo foi necessário a expulsão de 5 mil pessoas daquele lugar entre eles, negros, indígenas e pobres.

Figura 28 - Lima Barreto e Centenário da Independência do Brasil (1822-1922)



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 39).

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor carioca que fez críticas às comemorações do centenário da Independência em 1922. Sob o governo republicano, a Exposição Internacional do Centenário da Independência, buscava demarcar a posição do Brasil como um país moderno. Mas, nesse período também ocorria no país uma instabilidade política e social. Lima Barreto enviava crônicas para a revista *Careta* ao longo do ano de 1922, demonstrando seu olhar crítico sobre os preparativos e as festas cívicas. Em sua crônica ‘Centenário’, o autor descreve que as festividades eram estranhas ao povo da cidade do Rio de Janeiro, que as acompanhava sem grande entusiasmo (Fonseca; Bahiense, 2022).

Percebe-se assim uma preocupação com o que se legitimava para representar o passado do país, ou seja, qual a memória estava sendo construída naquele período. Bittencourt (2009) afirma que a construção de monumentos e estátuas era necessária para consolidar as ‘tradições nacionais’ e no caso de 7 de setembro, ocorreu uma disputa regional entre São Paulo e Rio de Janeiro. No ano do centenário da Independência, essa disputa política entre os dois maiores centros urbanos do país teve mais força.

Lima Barreto, portanto, não reconhecia o progresso do país que a Exposição do Centenário da Independência Política do Brasil queria exaltar. Assim, ele chamava a atenção dos leitores de suas crônicas para a situação precária da população em geral, questionando os ‘rituais criados’ para a comemoração do centenário (Noronha, 2017).

Lima Barreto no diálogo com Bia, relata que há várias pessoas envolvidas no projeto de construção de um ‘país moderno’ e mostra a ela o organizador do evento. Bia percebe que o homem também possui uma mala do tempo e, assim, começa a vigiá-lo. Descobre que ele influencia as pessoas com ideias para que o futuro seja alterado. Bia segue o homem e ouve ele dizer em um fone para alguém que ele esteve em 1817, 1922 e 1972 e que já cuidou das ameaças à linha do tempo. Bia sussurra “1972!? e é assim descoberta. Ela sai correndo e é então perseguida pelo homem misterioso que descobre que ela também tem uma máquina do tempo. Bia, para fugir do homem, rapidamente viaja no tempo e chega no período da Ditadura Militar no Brasil (Figura 29).

Figura 29 - Viagem de Bia ao período Ditadura Militar no Brasil



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 50).

Ainda segundo a HQ analisada, nesse período ocorriam os festejos do Sesquicentenário da Independência, os quais foram organizados conforme uma interpretação ‘conciliadora’ entre os Governos Brasileiro e de Portugal, com a transferência dos restos mortais de D. Pedro I para o Brasil (Oliveira, 2022; Leal e Chaves, 2022). Esse fato foi abordado na história em quadrinhos quando Bia lê um jornal com a notícia da transferência (Figura 30), acompanhada da imagem do príncipe empunhando sua espada no ato do grito ‘Independência ou morte!’.

Figura 30 - Comemorações da Independência do Brasil e a Ditadura Militar



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 52).

Bia vai então ao desfile com os restos mortais de Dom Pedro I em São Paulo (Figura 31) e lá conhece algumas pessoas que também conhecem o ‘homem do tempo’, que se chama Geraldo.

Figura 31 - Desfile com os restos mortais de Dom Pedro I em São Paulo



Figura 31 - Desfile com os restos mortais de Dom Pedro I em São Paulo
(continuação)



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 53).

Bia segue essas pessoas para saber quem elas são, mas elas a capturam, colocam um capuz em sua cabeça, colocam em um carro para levá-la para um esconderijo. Chegando lá a questionam porque ela possui uma máquina do tempo igual à do Geraldo. Geraldo acaba encontrando Bia e seus novos amigos e destrói com um tiro a máquina do tempo dela e diz: “Você é esperta. Deve saber que a Independência do Brasil, foi muito mais do que aquele grito de Dom Pedro... que aliás nem existiu!”.

Com a ajuda de seus amigos Bia consegue fugir e pegar a mala do tempo do homem. Geraldo acaba preso pelos militares. Bia resolve viajar para 1822 para saber sobre a independência, sem mitos e distorções. Ela percebe que a Independência não foi um movimento pacífico, que “houve guerra e muita luta para conquistar a nossa liberdade de Portugal” e ao final conclui que “a Independência não é a história de Dom Pedro e seu grito do Ipiranga”, isso porque “o povo sempre lutou por seus interesses, por seus direitos” e “essa é nossa verdadeira identidade”. Por fim, a personagem volta para casa em 2022 e reencontra seu professor.

Nesse retorno podemos verificar na penúltima imagem da HQ que Bia volta na rua com o nome de Marielle Franco (1979 - 2018) (Figura 32), uma vereadora negra, criada em uma favela do Rio de Janeiro, LGBT, socióloga e defensora dos direitos

humanos que foi brutalmente assassinada por desejar uma sociedade mais justa. Também observamos que, na parte inferior direita da imagem, há em um edifício a identificação do centro de pesquisa, que diferente do início da HQ, era um local que precisava ser escondido para evitar invasões do governo.

Figura 32 - Retorno de Bia a 2022



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 64).

Diferente das outras histórias em quadrinhos analisadas anteriormente, percebemos que essa produção, um pouco mais extensa, com 64 páginas, demonstra uma abordagem que rompe com o heroísmo da realeza e demonstrando as várias faces da independência do Brasil ao longo dos 200 anos. Desse modo, bem mais do que uma separação política entre Brasil e Portugal, a Independência é uma história de indivíduos e grupos, cujas ações, projetos e ideias políticas contribuíram para a emancipação do país e foi, ao longo do tempo, constituindo a sociedade brasileira (Pimenta, 2022).

Ao final, a HQ desconstrói o principal monumento da Independência do Brasil - o quadro de Pedro Américo, ao mostrar Bia observando uma imagem de D. Pedro sozinho, em uma estrada de terra, sem sua comitiva, e em um cavalo que, ao invés de estar com a cabeça erguida, está com ela abaixada comendo capim (Figura 33). No último quadro, quando Bia reencontra seu professor, em 2022, ela fala que não pode deixar que as pessoas pensem que foi só o grito de Dom Pedro e o 7 de setembro que garantiram a Independência do Brasil e seu professor responde prontamente: “Por isso estudamos história”.

Figura 33 - HQ Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos e Dom Pedro



Fonte: Cardoso, *et al.* (2022, parte 63).

Esta fala do professor nos remeteu a afirmação feita por Pimenta no início de seu livro ‘Independência do Brasil’: “nos últimos 200 anos, seja por sua história, por sua historiografia ou por sua memória, a Independência do Brasil foi e voltou, ao sabor das circunstâncias” (Pimenta, 2022, p. 10). Isto é, a história da nossa Independência tem sido contada e recontada, conforme os usos políticos que se quer fazer do passado. É preciso estudar História, a partir de referenciais teórico-metodológicos rigorosos e críticos, para se analisar as diferentes memórias interpretações da Independência que circulam socialmente e, assim, reconhecer que o estudo da história é um exercício de compreensão da pluralidade humana, da diversidade social e da diferença.

Mas então o que difere a HQ *Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos* das demais analisadas anteriormente? Oliveira (2022, p. 2017) nos indica o caminho para elaborarmos a resposta para essa pergunta: “relações de poder marcam a produção, a sobrevivência e a circulação de registros”.

Nas HQ ‘*Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil*’ (Cayapiá, 2022) e ‘*Recrutinha - 200 anos da Independência*’ (Exército Brasileiro, 2022), a imagem de Dom Pedro I se sobrepôs à de muitos outros sujeitos históricos, promovendo silenciamentos. Na HQ de *Velosinho e Joaquim*, podemos inferir que isto aconteceu porque foi elaborada por um instituto que não tem como foco a ciência da História e, portanto, se baseia nos fatos já consagrados por nossa História Oficial. Na HQ do *Recrutinha*, fica evidente que

D. Pedro I e suas tropas são enfatizados, porque foi uma história escrita por órgãos do Exército Brasileiro que conta a história do Brasil, conforme uma versão militarizada. Para Oliveira (2022), é preciso questionar as fontes de modo a entender por que alguns fatos, datas, personagens foram escolhidos para compor circunstâncias históricas e outros não. Foi o que a personagem Bia, realizou ao viajar no tempo, tentando entender a ausências de evidências de 1817 e como isso afetou as mudanças no Brasil.

A seguir analisaremos alguns dos jogos produzidos para crianças, na ocasião do Bicentenário da Independência do Brasil, sendo eles: ‘Desafio da Independência -200 anos’ (IBGE, 2022); ‘Na trilha da Independência’ (Domingues, 2022); ‘Caça- palavras: José Bonifácio e a Independência do Brasil’ (Oliveira; Souza; Vidal, 2022) e por fim o ‘Jogo da Independência’ (Brasil: Plenarinho, 2022).

4.3 Jogos e o Bicentenário da Independência do Brasil

O jogo ‘Desafio da Independência -200 anos’ compõe uma das produções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) elaborada no âmbito do projeto ‘O IBGE e o Bicentenário da Independência do Brasil - Uma história do Brasil e dos brasileiros em 200 anos’¹⁷. O projeto une a história do IBGE, das estatísticas e das geociências nos 200 anos de história do Brasil independente. Vale destacar que, ao mesmo tempo em que o IBGE participa das comemorações do Bicentenário, ocorre o Censo 2022, ano em que se comemora o sesquicentenário da primeira operação censitária realizada no país (1872). O jogo também está presente no *site* IBGE educa, o portal do IBGE voltado para a educação formado por três áreas específicas: para crianças, jovens e professores.

¹⁷ Disponível no *site*: <https://bicentenario.ibge.gov.br/#page-start>. Acesso em: 10 jan. 2025. No *site*, além do jogo ‘Desafio da Independência: 200 anos’, encontram-se produções publicadas em 2022 como o livro ‘As estatísticas nas comemorações da Independência do Brasil’, o ‘Almanaque do censo demográfico’, e artigos escritos por especialistas e pesquisadores da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Há também uma linha do tempo que começa no dia 7 de setembro de 1822 e termina em 2022. Nela são entremeados acontecimentos da história do Brasil com dados sobre população e território. Em ‘Acontece no Brasil’ são enfatizados atos político-institucionais da História Oficial, além de serem citados acontecimentos relacionados aos meios de transporte e comunicação, ao cinema, carnaval, esportes (futebol e tênis), literatura. Alguns movimentos populares são citados, especialmente os ocorridos na região Sudeste (Tenentismo, ‘Revolução Constitucionalista de 1932’, passeata contra o governo militar, em 1868, Rio de Janeiro). Em ‘População e território’, são apresentados dados estatísticos da população brasileira (número de habitantes, número de escravizados, imigrantes, população rural e urbana, taxa de natalidade e mortalidade), do cooperativismo, do meio ambiente. Toda postagem é acompanhada por uma postagem, mapas, gráficos, e fotos de pessoas de destaque. Entre elas, apenas três de mulheres: Chiquinha Gonzaga, Maria Esther Bueno e as atrizes Tônia Carrero, Eva Wilma, Odete Lara, Norma Bengell e Cacilda Becker juntas à frente da passeata contra o regime militar, em 13 de fevereiro de 1968.

O jogo é composto por diferentes missões relacionadas a vários momentos dos 200 anos do Brasil independente, e a cada missão resolvida o jogador, ganha um selo para compor o caderno de selos (Figura 34).

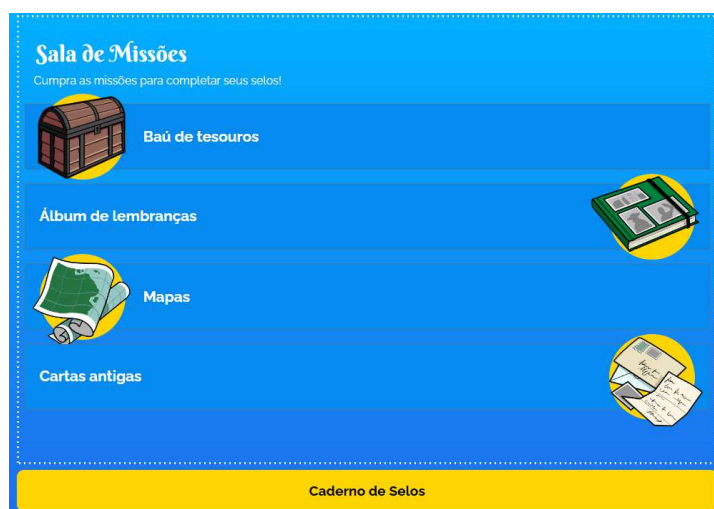
Figura 34 - Caderno de selos -Jogo da Independência IBGE



Fonte: IBGE (2022).

Ao iniciar o jogo, o jogador é levado para a sala de missões onde deverá cumprir quatro etapas: Baú de tesouros, Álbum de lembranças, Mapas e Cartas antigas (Figura 35).

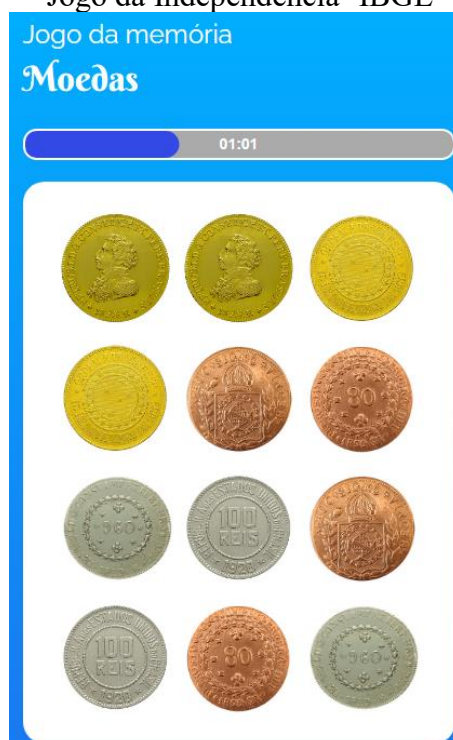
Figura 35 - Sala de missões-Jogo da Independência IBGE



Fonte: IBGE (2022).

Na aba Baú de tesouros, há uma introdução com informações sobre o sistema monetário brasileiro ao longo dos 200 anos de Brasil independente explicando que o país teve vários padrões monetários e que as cédulas e moedas de sistemas extintos deixam de ter valor de troca e passam a ter valor histórico, como é o caso das notas apresentadas no jogo: duzentos mil reis (1897), dez mil cruzeiros (1942), um cruzeiro (1970). Após a introdução, sem abordar o atual sistema monetário, são apresentados dois desafios ao jogador. No primeiro, ele precisa acertar o ano de início de utilização de cada uma das cédulas anteriormente mencionadas. No segundo, o principal, ele deve resolver o jogo de memória de moedas antigas (Figura 36). Após vencer os dois desafios, o jogador ganha o selo, passando para a segunda missão.

Figura 36 - Baú de tesouros -
Jogo da Independência -IBGE

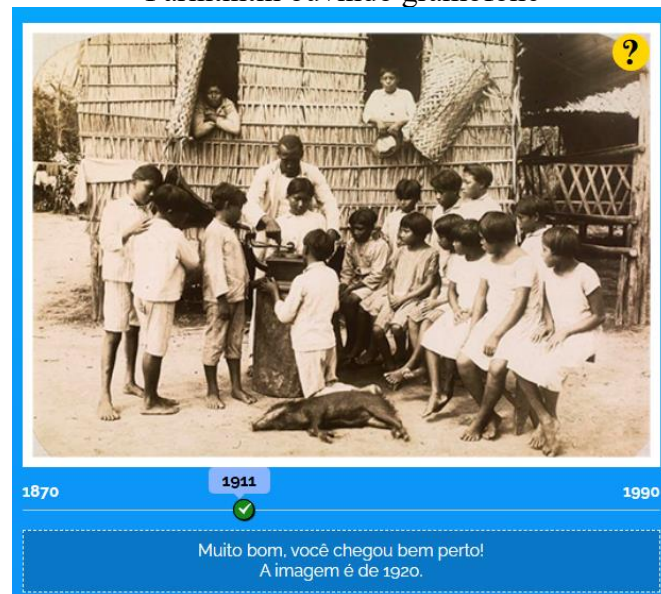


Fonte: IBGE (2022).

Na missão Álbum de lembranças, a parte introdutória mostra três imagens em preto e branco: uma fotografia tirada na Amazônia em 1926, intitulada ‘Posto Antônio Paulo, crianças Parintintin ouvindo gramofone’ (Figura 37); outra, de 1953, intitulada ‘Escolinha de arte (RJ)’ que mostra uma criança negra, pintando (Figura 38); e, por último, uma fotografia de 1960, intitulada ‘Serviço Nacional de Recenseamento: setor de protocolo’ (Figura 39), que registra mulheres que ali trabalhavam. Em cada imagem desta, tinha um ponto de interrogação na parte superior à direita com os créditos da imagem e

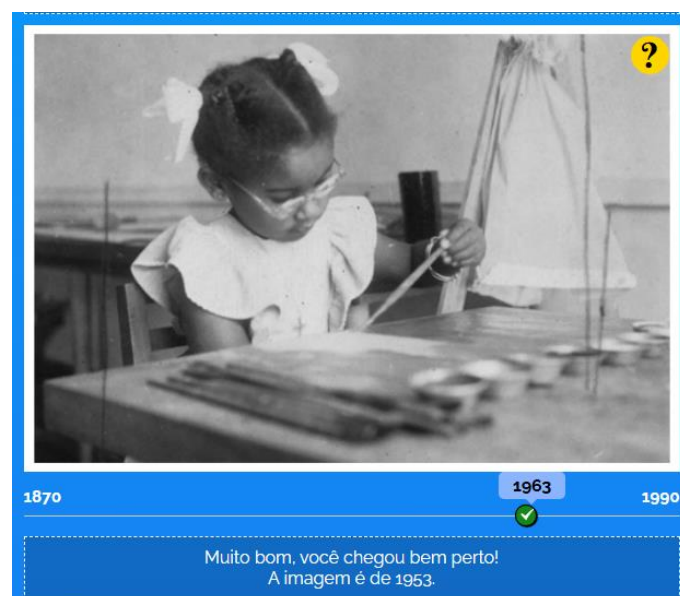
link para o acessar o repositório onde a fotografia está preservada - Arquivo Nacional ou Biblioteca Nacional.

Figura 37 - Posto Antônio Paulo, crianças Parintintin ouvindo gramofone



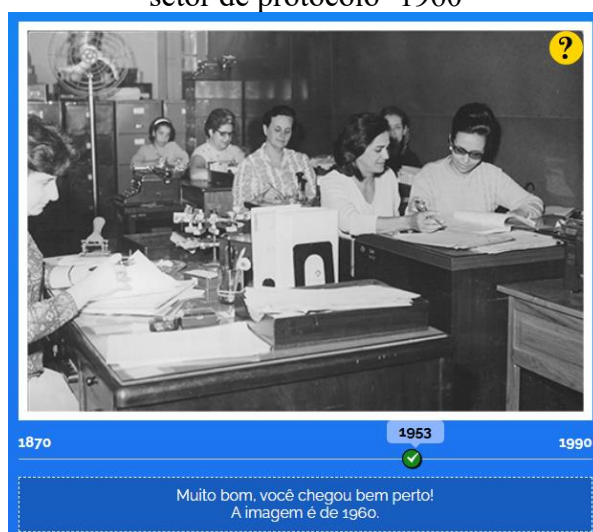
Fonte: IBGE (2022).

Figura 38 - Escolinha de arte (RJ-1953)



Fonte: IBGE (2022).

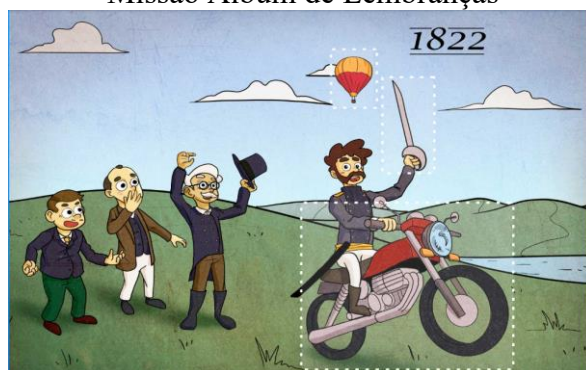
Figura 39 - Serviço Nacional de Recenseamento:
setor de protocolo -1960



Fonte: IBGE (2022).

Para cumprir a segunda missão, inicialmente, o jogador precisa acertar as datas em que foram feitas as fotografias, pelo menos de forma aproximada. Feito isso, é apresentado o desafio que ele deve enfrentar. São mostradas três ilustrações e o jogador precisa marcar qual o objeto que, apesar de compor a cena desenhada, não existia na época representada. A primeira imagem remete a 1922, e o objeto que não existia nesta época é um ‘orelhão’ (telefone público). A segunda imagem se refere a 1822, e o objeto a ser marcado é uma moto. A terceira imagem representa o ano de 1970 e o objeto fora do contexto é o celular. Enfatizamos a segunda imagem (Figura 40), uma vez que ela recorda o quadro de Pedro Américo no qual Dom Pedro com sua espada, às margens do rio Ipiranga, declara a Independência do Brasil.

Figura 40 - Desafio da Independência IBGE-
Missão Álbum de Lembranças



Fonte: IBGE (2022).

Cumprida esta missão, a terceira está na aba Mapas. Sua parte introdutória informa que “nos últimos 200 anos, o mapa do nosso território mudou e também a quantidade de pessoas que vivem no País”. Em seguida, desafia o jogador a acertar qual era a população do Brasil nos seguintes anos: 1823, 1872, 1920, 1970. Ao final, explica que, "em 2022, o Brasil já tem mais de 214 milhões de pessoas".

Apesar de a escolha destas datas não serem explicadas no jogo, descobrimos, em nossas buscas no site Agência IBGE notícias¹², uma publicação de abril de 2022 sobre a história sobre os 150 anos do censo no Brasil, que indica a relação entre as datas e os censos realizados no Brasil. Em 1823, um ano após a independência do Brasil, iniciou-se a contagem populacional. Em 1872, foi realizada a primeira pesquisa censitária que perguntava, entre outros itens, se o entrevistado era ‘livre’ ou ‘escravo’. No ano de 1920, foi feito outro recenseamento geral da população, cujos resultados foram apresentados na Exposição Universal realizada, em 1922, para comemorar o Centenário da Independência do Brasil. Em 1970, o censo que, pela primeira vez, perguntou cor/raça e religião, foi realizado em momento de euforia nacional por causa Copa do Mundo de Futebol.

No desafio, há quatro mapas no qual o jogador deve escolher, entre quatro opções, qual era o mapa correspondente a 1822, 1920, 1970 e o mapa atual (Figura 41).

Figura 41 - Mapas do Brasil - Jogo Independência do Brasil- IBGE



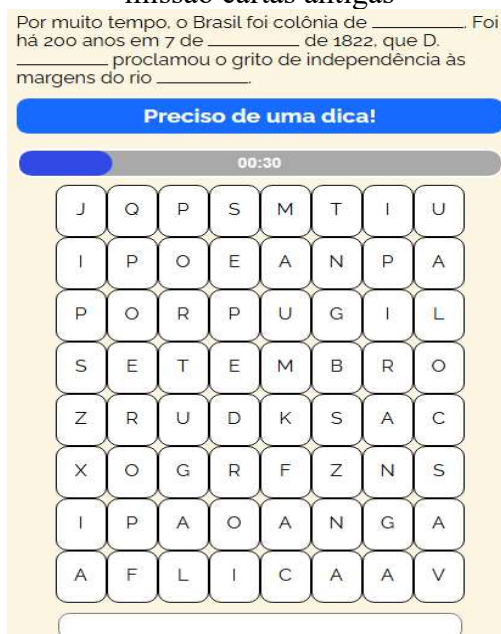
Fonte: IBGE (2022).

Quando o jogador acerta a resposta, aparece a mensagem ‘Resposta correta’, acompanhada de informações sobre Estados e territórios que existiam no mapa do Brasil

daquele período. Ao ler as informações de cada mapa, o jogador pode compreender que o Uruguai já fez parte do território nacional com o nome de Província da Cisplatina, que o Acre só foi anexado ao Brasil no século XX, que estados brasileiros foram subdivididos (Mato Grosso e Goiás), que Fernando de Noronha, Amapá, Rondônia e Roraima já foram Territórios Federais, que o distrito federal mudou do Rio de Janeiro para Brasília.

Por fim, a última missão está na aba Cartas antigas cuja introdução explica que cartas e cartões antigos podem trazer pistas sobre um tempo histórico, contando sobre os fatos e sobre pessoas de uma época. Abaixo desta explicação, são reproduzidos dois cartões postais: um do Palácio da Justiça em Brasília de 1965 e o Teatro Municipal de Guanabara no Rio de Janeiro em 1957. Depois de observar os postais, o jogador é convidado a completar as lacunas de uma suposta carta "para conhecer mais sobre um momento importante para nossa história". Ele deve procurar as palavras que completam a frase no caça palavras, conforme mostrado na figura 42.

Figura 42 - Desafio da Independência IBGE -
missão cartas antigas



Fonte: IBGE (2022).

Em termos gerais, o jogo 'Independência: 200 anos' produzido pelo IBGE faz um movimento, encontrado em poucas das produções analisadas nesta pesquisa, de abordar os 200 anos de Brasil independente e não apenas o processo de emancipação do Brasil em relação à Portugal, explorando diferentes fontes históricas (moedas e cédulas, mapas, fotografias, cartões postais). Por meio de suas missões, informa sobre transformações no

padrão monetário do Brasil, na configuração do território nacional. Na missão ‘Álbum’, possibilita reflexões sobre mudanças nos hábitos cotidianos da população, dando destaque para personagens desvalorizados pela história oficial: crianças indígenas, estudante negra, trabalhadoras.

No entanto, nesta mesma missão ‘Álbum’ e na missão ‘Cartas Antigas’, ao abordar o processo da Independência ocorrido no início do século XIX, a figura de Dom Pedro I prevalece como o grande herói da libertação do Brasil contra a opressão colonial. Enfim, perpetua a cultura de história sobre a Independência (Pimenta, 2022) baseada na ação de poucos homens da elite econômica e política. Assim, concordamos com Oliveira (2022) que mesmo se passando duzentos anos, a Independência ainda possui contradições interpretativas que estão associadas à memória e à imaginação histórica incorporadas na cultura do país.

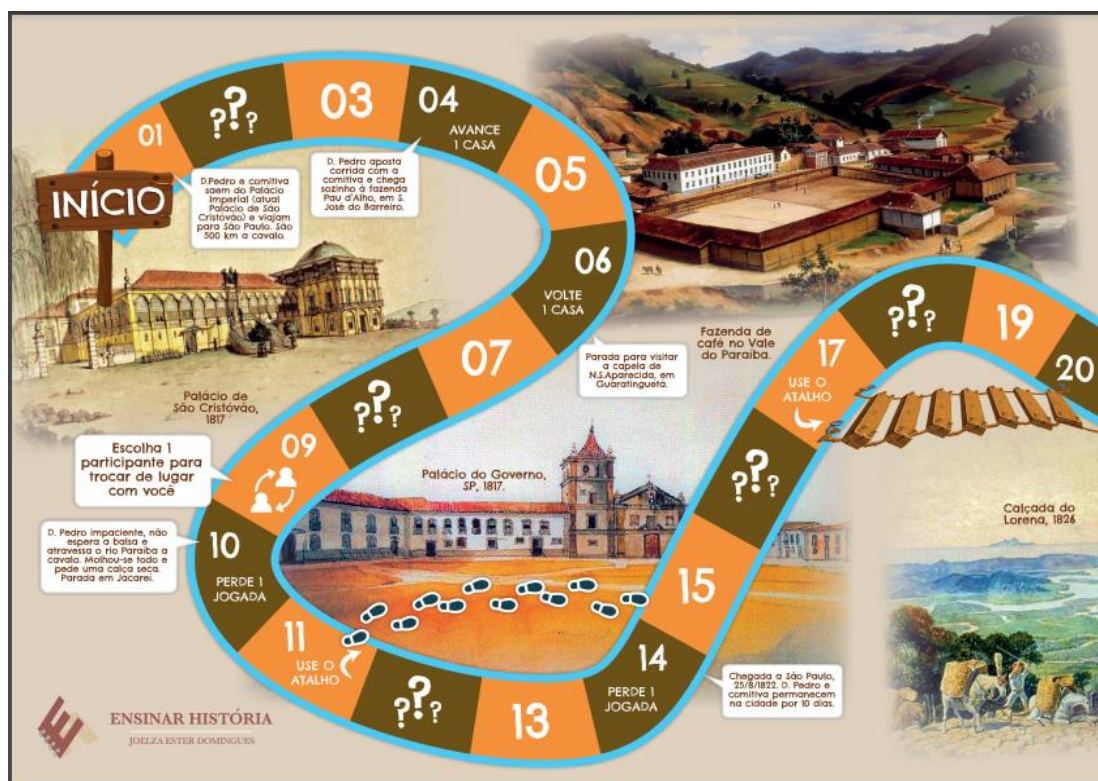
Outro jogo importante para nossas análises é o jogo de tabuleiro ‘Na trilha da Independência’ disponível no *blog* ‘Ensinar História’¹⁸ criado e mantido pela professora Joelza Ester Domingues, e dirigido a estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Esta professora, segundo seu currículo Lattes¹⁹, possui mestrado em História Social, participou da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como professora formadora junto a professores redatores de currículo do Ensino Fundamental e Médio. Além disso, ela é autora de livros didáticos muito vendidos no Brasil pela editora FTD, os quais também são distribuídos pelo PNLD: ‘História em Documento’; ‘Athos – História’.

O jogo, de acordo com as orientações, tem por objetivo conhecer o caminho percorrido por D. Pedro do Rio de Janeiro até a colina do Ipiranga (Figuras 43 e 44).

¹⁸ Em 2023, quando iniciamos a busca das produções para analisar, o jogo estava disponível para download gratuito. A partir de meados de 2024, o acesso a ele só pode ser feito mediante pagamento.

¹⁹ Disponível no *site*: <http://lattes.cnpq.br/1821002212953305>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Figura 43 - Na trilha da Independência - parte 1



Fonte: Domingues (2022).

Figura 44 - Na trilha da Independência - parte 2



Fonte: Domingues (2022).

A trilha é composta pela passagem de Dom Pedro e sua comitiva por alguns lugares. Eles partem do Palácio Imperial (Palácio de São Cristóvão-1817), depois o príncipe aposta corrida e chega na fazenda de café ‘Pau d’Alho’ em São José do Barreiro no Vale do Paraíba, seguindo a trilha para visitar a capela de N. S. Aparecida em Guaratinguetá, em seguida Dom Pedro atravessa o rio Paranaíba de cavalo e fazem uma parada em Jacaré. O príncipe chega a São Paulo em 25/08/1822 e permanece na cidade por 10 dias. Depois viaja para Santos e visita a família de José Bonifácio. Na madrugada de 07/09/1822, a comitiva e Dom Pedro atravessam de barco o rio Cubatão, iniciando o retorno a São Paulo. Montado em mulas o grupo sobe a serra pela calçada do Lorena, passa por São Bernardo do Campo e visitam a capela de N.S. da Boa Viagem. Em seguida, cruza o ribeirão dos Meninas, quando, segundo descreve a trilha, Dom Pedro começa a passar mal, com cólicas intestinais e diarreia. Ao chegar na colina próxima ao riacho do Ipiranga, o príncipe recebe as cartas²⁰ trazidas do Rio de Janeiro e declara a independência. Todas essas descrições são acompanhadas pelas suas respectivas imagens no tabuleiro do jogo. Ao final da trilha é reproduzida a parte do quadro de Pedro Américo que mostra D. Pedro com a espada erguida, como se fosse o momento em que ele grita ‘Independência ou Morte!’.

O jogador caminha pela trilha, conforme o número indicado nos dados. Caso ele pare nas casas com pontos de interrogação, ele escolhe uma das 24 cartas com perguntas que ele deve responder (Figuras 45 e 46).

Ao contrário da trilha do tabuleiro que representa apenas a viagem de D. Pedro e seu ato heroico no dia 7 de setembro de 1822, as cartas do jogo (Figuras 45 e 46) trazem questionamentos sobre o processo da independência que vão além do que aconteceu na viagem do príncipe. Apesar da maioria das perguntas se referir aos fatos ocorridos entre 1815 e 1824, que envolvem a Corte Portuguesa no processo da Independência (os atos de D. João VI enquanto morou no Brasil, sua volta para Portugal depois da Revolução do Porto, o Dia do Fico, a participação de Princesa Leopoldina, os atos de D. Pedro I nos primeiros anos do Império Brasileiro), há algumas questões sobre Pernambuco como a província que liderou um movimento separatista e republicano por duas vezes, em 1817 e 1824; sobre a Guerra da Independência do Brasil na Bahia e suas protagonistas Maria Quitéria e Maria Felipa; sobre Pará, Piauí, Maranhão e Ceará como outras províncias onde o movimento pela independência resultou em conflitos armados.

²⁰ Cartas de Leopoldina e José Bonifácio, transmitindo notícias sobre as imposições de Portugal ao Brasil.

Figura 45 - Cartas do jogo na trilha da Independência - parte 1



Fonte: Domingues (2022).

Figura 46 - Cartas do jogo na trilha da Independência - parte 2



Fonte: Domingues (2022).

Segundo Starling; Pellegrino (2022), Maria Quitéria de Jesus rompeu com o confinamento imposto às mulheres do século XIX, lutando com homens e com armas no espaço que era reservado apenas ao universo masculino. Na guerra pela independência do Brasil na Bahia para expulsar as tropas portuguesas que tentavam retomar a colônia, ao ouvir sobre o recrutamento de soldados, a jovem conseguiu uma farda de seu cunhado com sua irmã e foi para a vila de Cachoeira disfarçada. Assim, conseguiu se alistar e participou de muitas lutas. Em 1823, Maria Quitéria foi identificada pelos seus

companheiros e superiores que expediram uma ordem, permitindo, permitiu que a cadete usasse um saiote adaptado a sua farda. Segundo as autoras, Maria Quitéria conseguiu romper com uma tradição pela qual

não poderia sequer provar seu mérito em defesa de Independência do Brasil na qual acreditava. Precisaria ser homem ou pelo menos se passar por um. [...] a calça é um representante visual dos privilégios reservados aos homens, um dos marcadores de identidade de gênero mais poderosos da história moderna, principalmente ao ocupar o cerne das disputas por quem teria o direito de vesti-las (Starling, Pellegrino, 2022, p. 134).

Em síntese, uma mulher que se distinguiu em combate e apresentou grandes feitos heroicos, precisou ser identificada como homem para depois ser reconhecida por suas ações. Outra mulher que protagonizou as lutas pela Independência do Brasil na Bahia foi Maria Felipa de Oliveira, mulher negra que, junto com Maria Quitéria, tem reconhecimento no panteão dos heróis do 2 de julho na Bahia. Maria Felipa atuou juntamente com 40 mulheres no Batalhão das Vedetas responsável pelo abastecimento alimentício dos soldados das tropas brasileiras. Também ajudou a monitorar e impedir que barcos inimigos navegassem pelo recôncavo da Ilha de Itaparica (Starling; Pellegrino, 2022).

Verificamos, portanto, que este jogo mantém uma aproximação com os livros didáticos analisados na seção 2, uma vez que a abordagem das diferentes lutas de independências do nosso país não é o foco central e depende das escolhas que professores/as e estudantes fizerem durante os estudos ou jogadas. No caso dos livros, fica à mercê do professor abordar ou não esse viés, que está registrado em boxes complementares ao texto principal do livro. No jogo, fica à mercê das cartas que os jogadores irão tirar para responder as perguntas.

Outro jogo que dialoga com nosso objeto de trabalho é o desenvolvido pelos os alunos do curso de Engenharia de Computação da Universidade Santa Cecília (Unisantia), uma instituição particular localizada na cidade de Santos - SP, e que está disponível para ser baixado no computador. É o caça palavras sobre José Bonifácio e a Independência do Brasil. A primeira página do jogo informa que ele foi desenvolvido para homenagear os 200 anos de Independência do Brasil (Figura 47). A escolha de José Bonifácio como personagem central pode ter relação com o fato de o jogo ter sido criado em universidade de Santos, cidade onde nasceu José Bonifácio de Andrada e Silva (1763 - 1838).

Figura 47 - Jogo Caça- palavras



Fonte: Oliveira; Souza; Vidal (2022).

Segundo o site da Prefeitura de Santos²¹ que divulgou o jogo, o *game* foi produzido por Alexsander de Oliveira, Rudney Forti Souza e Suyan Rocha Vidal, alunos do segundo ciclo do curso, na disciplina Programação Visual e Games, sob orientação da professora Dorotéia Vilanova Garcia. Contou ainda com a colaboração do professor da Unisanta e historiador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos (IHGS), João Inácio da Silva Filho.

O jogo é composto por três níveis, -fácil, médio e difícil - e o que distingue os níveis é o número de termos que compõe o caça palavras. O jogador pode escolher entre dois assuntos para jogar: 1) José Bonifácio de Andrada e Silva; 2) Independência do Brasil.

O texto de abertura do jogo (Figura 47) e sua tela inicial (Figura 48) têm uma perspectiva oficial da independência do Brasil, ancorada na data de 7 de setembro de 1822 e nos representantes da Corte - José Bonifácio, Maria Leopoldina e D. Pedro. As duas pinturas escolhidas para indicar as histórias que o jogador pode escolher seguir são as mesmas trabalhadas nos livros didáticos *Ligamundo 5º ano* e *Conectados História 5º ano*. A primeira reproduz a pintura de Georgina de Albuquerque, de 1922, e a segunda reproduz a pintura de Pedro Américo, de 1888. Observamos que, na elaboração do jogo, seus criadores não tiveram cuidados básicos exigidos pela ciência da História, como

²¹ Disponível no *site*: <https://noticias.unisanta.br/educacao/site-da-prefeitura-de-santos-divulga-jogo-desenvolvido-por-alunos-de-engenharia-de-computacao-da-unisanta>. Acesso em: 03 abr.2025.

legendar a imagem, trazendo informações de quem pintou, quando, título original, em que local estão expostas as obras.

Figura 48 - Caça palavras



Fonte: Oliveira; Souza; Vidal (2022).

A pintura de Georgina Albuquerque, intitulada ‘Sessão do Conselho de Estado’, destaca a participação da Princesa Leopoldina no processo de Independência do Brasil. Ela foi produzida para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, quando houve, por parte do Estado, um incentivo para a criação de obras que contassem a história desse fato. Conforme as normas do edital lançado em 1921, a pintura foi escolhida para compor a Exposição de Arte Retrospectiva e Arte Contemporânea, uma das atrações da Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência, realizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, em 1922.

Embora Georgina Albuquerque trouxesse para sua obra o protagonismo feminino, no jogo caça-palavras, o título escrito acima da imagem, José Bonifácio de Andrada e Silva, coloca em destaque o conselheiro da princesa Leopoldina e não ela mesma que está sentada à mesa para assinar o Decreto de Proclamação da Independência, ao lado de José Bonifácio.

A pintura que representa no jogo a Independência do Brasil, trata-se da obra de Pedro Américo ‘Independência ou morte!’ de 1888. Pimenta (2022) relata que o célebre quadro ‘Independência ou morte!’ é a imagem mais utilizada para representar este acontecimento, embora a pintura não seja uma descrição exata do ocorrido, mas uma recriação do quadro *Friedland*, pintado em 1807, na França, por Ernest Meissonier

(Figura 49), para retratar a vitória de Napoleão Bonaparte na Batalha de *Friedland*, que ocorreu em 14 de junho de 1807, na atual Pravdinsk, na Rússia, e opôs exércitos russos e franceses. O quadro que retrata o 7 de setembro foi encomendado por Dom Pedro II para simbolizar seu pai, D. Pedro, como o herói da Independência, o que é reforçado, na pintura, pelos gestos de braços e espadas levantadas. Além disso, buscava celebrar a memória da monarquia e a fundação do Brasil, além de exaltar o solo paulista, onde D. Pedro teria proclamado a Independência.

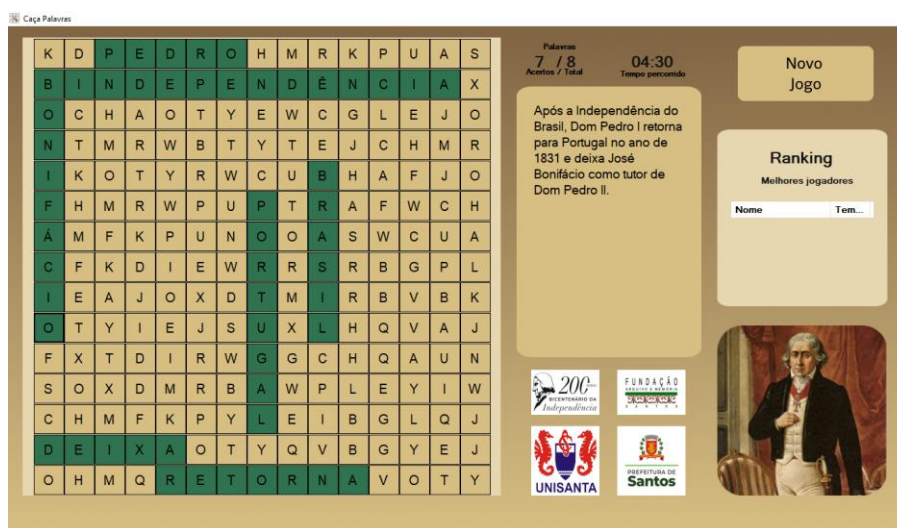
Figura 49 - ‘Independência ou morte!’ de Pedro Américo e Batalha de Friedland de Ernest Meissonier, (1807)



Fonte: Braises (2019).

Após escolher seu nível e qual história jogar, a próxima etapa é encontrar de oito a dez palavras que formam as frases informativas sobre diferentes momentos da Independência do Brasil ou da biografia de José Bonifácio (Figura 50).

Figura 50 - Jogo caça - palavras



Fonte: Oliveira; Souza; Vidal (2022).

Desse modo, quando o jogador escolher a história de José Bonifácio, ele se deparará com frases que juntas compõem a biografia de José Bonifácio desde seu nascimento, estudos, participação de ações para defender o reino de Portugal e o Brasil, destacando-o como o patrono da Independência e tutor de Pedro II.

Se escolher a história da Independência do Brasil, o jogador vai se deparar com várias cartas que juntas narram a história da Independência do Brasil e do Brasil Império, pela ótica da Corte, desde a vinda da família real para o Brasil em 1808 até a Proclamação da República em 1889. Cartas onde estão registradas frases como: “Dom Pedro arrancou então a brçaadeira azul e branca que simbolizava Portugal e disse ‘Tirem suas brçaadeiras, soldados. Viva independência, à liberdade e à separação do Brasil’”.

Observamos, assim, que este jogo sobre a Independência do Brasil e José Bonifácio reproduz a história oficial, retratando personagens da nobreza e seus feitos. Desconsidera, por exemplo, a participação de Leopoldina, mesmo ela estando na pintura escolhida para simbolizar a história de José Bonifácio. Desconsidera também as muitas lutas que culminaram na emancipação do Brasil de Portugal, restringindo-se a exaltar o ato heroico de Dom Pedro às margens do rio Ipiranga.

Destacamos também como, neste jogo elaborado por engenheiros da computação e em outras produções como a HQ do Velosinho e Joaquim produzida por um Instituto de Botânica, o conhecimento histórico foi apropriado por outras áreas, com a assessoria de historiadores que reproduzam a cultura de história da Independência (Pimenta, 1822).

Outro jogo similar ao caça palavras é o do Plenarinho (Figura 51), da Câmara dos Deputados que também foi responsável pelos concursos de desenhos discutidos em seção anterior. Apesar do concurso de desenhos priorizar personagens individuais e da elite (D. João VI, Leopoldina, José Bonifácio), o jogo da Independência do Plenarinho amplia esta discussão, conforme explicação a seguir.

Figura 51- Primeira Carta do Jogo da Independência



Fonte: Brasil: Plenarinho (2022).

A estética do jogo é inspirada na exposição ‘O movimento da Independência’, de José Theodoro Mascarenhas Menck e organizada pelo Centro Cultural da Câmara dos Deputados. José Theodoro é Doutor em História das Relações Internacionais, possui mestrado em História Social pela Universidade de Brasília, pós-graduação e graduação na área do direito. Publicou diversos livros, mas vamos destacar aqueles que fizeram parte das publicações realizadas para o projeto ‘A Câmara dos Deputados e os 200 anos de Independência do Brasil’: José Bonifácio de Andrada: comemorações do Bicentenário da Independência (2019); A imprensa no processo de Independência no Brasil - Comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil (2022); D. Leopoldina, Imperatriz e Maria do Brasil (2022); A imprensa no processo de Independência no Brasil (2022); D. João VI e a construção das bases do Estado Nacional (2020); D. Pedro I: Entre o Voluntarismo e o Constitucionalismo (2022). Estes sujeitos históricos que intitulam as obras de José Theodoro são os mesmos que aparecem em destaque nas cartas que

explicam as regras do jogo: Dom Pedro I, Dom João VI, José Bonifácio, D. Leopoldina e o quadro de Pedro Américo.

Figura 52 - Segunda Carta do Jogo da Independência



Fonte: Brasil: Plenarinho (2022).

Conforme explicado na segunda carta do jogo (Figura 52), ele é baseado em frases que resumem acontecimentos do final do século XVIII e início do século XIX, na Europa (Portugal, Espanha, França) e no Brasil, que fizeram parte do processo de Independência do Brasil. Ao final destas frases, o jogador é instigado a tomar uma decisão sobre que rumo a história deve tomar. Abaixo desta frase, há cartas com imagens de personagens relacionados à história que está sendo narrada. O jogador, ao arrastar a carta para direita ou para esquerda, consegue ler, no canto dela, uma possível solução para o desafio. Do lado direito a resposta é uma e do lado esquerdo a resposta é outra. O jogador desliza a carta para um dos lados para finalizar a jogada. Se ele deslizar para o lado cujo desfecho da história não é o correto, o fundo da tela do jogo irá escurecendo – do amarelo, para laranja, até o marrom. Assim, ele continua a decidir para que lado deslizar as próximas cartas, conforme perguntas feitas e respostas indicadas do lado esquerdo e direito, até

vencer a rodada (chegar ao final correto da história) ou perder (chegar a um final que não aconteceu realmente).

Algumas cartas, apesar de respostas diferentes do lado esquerdo e direito, têm o mesmo sentido e por isso encaminham a história para o mesmo desfecho até chegar um momento de decisão do jogador que pode levar ao final correto ou incorreto. Outras possibilitam que o jogador siga histórias diferentes. Por exemplo, na carta de 1789, Revolução Francesa, o jogador, se arrastar a carta para esquerda, vai conhecer o que aconteceu no Brasil (Inconfidência Mineira). Se escolher ir para direita, vai conhecer o que aconteceu no mundo: a Revolução do Haiti e a relação dela com a Conjuração Baiana.

Nas cartas referentes à Conjuração Baiana, aparece o governador da província baiana, Fernando José. A partir dela o jogador pode escolher dois caminhos: “fugir da confusão” ou “ir atrás dos líderes”. Se escolher a primeira opção, aparecem os líderes pobres e negros da Conjuração Baiana e será contada uma história que não aconteceu: os revoltosos vencem, tornam a Bahia independente, instalam uma República governada por um dos líderes negros – Lucas Dantas e, assim, conforme o texto escrito acima da carta final, o Brasil Independente nunca existirá. Se o jogador escolher a opção “ir atrás dos líderes”, a carta dos líderes negros da Conjuração Baiana também aparece, mas a história contada acima dela é outra e a que de fato ocorreu: eles são presos, enforcados e esquartejados, a Conjuração acaba, ‘mas não o desejo de Independência’.

O jogo é organizado por marcos temporais que organizam a narrativa desafios, não o processo de Independência do Brasil. Ao alcançar cada marco, o jogador, se escolher a opção errada nos desafios, não precisa reiniciar o jogo todo, mas continuar do marco que já conquistou. O primeiro marco é o ano de 1755 – ano em que um terremoto destrói Lisboa e Portugal intensifica a exploração do ouro em Minas Gerais para obter recursos para reconstruir sua capital. O último marco é o ano de 1822 com o Grito da Independência, seguido de algumas lutas que ocorreram no Brasil até 1823 para consolidar a Independência (conforme opção escolhida pelo jogador, ele conhece as guerras da Independência do Brasil na Bahia com destaque para atuação de Maria Quitéria, ou a ação dos mercenários ingleses para acabar com a resistência de alguns grupos das províncias do Norte para aderir à Independência) e de negociações com diferentes países para o Brasil ser reconhecido como país independente (conforme escolha do jogador, ele pode conhecer os acordos com os EUA ou com a Inglaterra) até o reconhecimento de Portugal a partir de mediação inglesa. A história termina com uma imagem do quadro de Pedro Américo, ‘Independência ou Morte!’, enfatizando como D.

Pedro I conseguiu manter a unificação do território da ex-colônia portuguesa, diferente das colônias espanholas que se fragmentaram em várias repúblicas, e informando a continuidade da escravidão que só seria abolida no final do século XIX. Por fim, o jogo termina com a imagem de Dom Pedro dentro de uma taça de campeão (figura 53). Ou seja, mesmo inserindo na narrativa, ações de mulheres, negros, pessoas pobres que lutaram pela Independência do Brasil, D. Pedro I é o que é colocado em evidência nas duas últimas imagens do jogo.

Figura 53 - Fim do jogo da Independência



Fonte: Brasil: Plenarinho (2022).

A seguir organizamos um quadro que nos ajuda a reconhecer e analisar as datas, fatos, localidades, personagens destacados na história da Independência do Brasil, contada no jogo do Plenarinho:

Quadro 1 - Narrativa do Jogo da Independência - Plenarinho

Marcos	Fatos Relacionados	Localidades	Personagens
1755 Terremoto em Lisboa	Aumento dos impostos sobre exploração do ouro de Minas Gerais para reconstruir Lisboa	Lisboa Minas Gerais Salvador	Coroa Portuguesa: Marques de Pombal D. José I
1763 Mudança da capital do Brasil Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro	Conflitos e acordos entre Portugal e Espanha	Portugal Espanha	Coroa Portuguesa e espanhola: Marques de Pombal D. José I D. Mariana Vitória Carlos III D. Maria I D. João VI Carlota Joaquina
1789 Revolução Francesa	Reconstrução de Lisboa Derrama em Minas Gerais Movimentos Emancipatórios de colônias da América: Opção 1- no Brasil: Inconfidência Mineira Opção 2 - no mundo: Revolução Haitiana com Independência de São Domingos e influência na Conjuração Baiana	França Portugal Espanha Minas Gerais Colônia francesa de São Domingos Bahia	Marques de Pombal Se opção 1- Corte portuguesa: D. Maria I Visconde de Barbacena Delator: Joaquim Silvério Inconfidentes: Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) Se opção 2- Negros do Haiti: Toussaint Louverture Corte Portuguesa na Ba: Fernando José de Portugal e Castro Revoltosos negros na Ba: Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luis Gonzaga e João de Deus
1799 - 1807 Guerras Napoleônicas	Fuga da família real portuguesa para o Brasil	França Portugal Brasil/Salvador	Napoleão Bonaparte D. João VI D. Pedro (criança)
1808 Família real chega ao Brasil	Elevação do Brasil Colônia a Reino Unido de Portugal e Algarves	Brasil/Rio de Janeiro Portugal	D. João VI
1817 D. Pedro e Leopoldina se casam	Opção 1- Revolução Liberal do Porto – fim da Regência Inglesa em Portugal – instalação de Monarquia Constitucional – retorno de D. João VI para Portugal Opção 2 - Revolução de Pernambuco de 1817 – governo provisório dos revolucionários	Brasil – Pernambuco, Rio de Janeiro Portugal – Porto	Corte portuguesa no Brasil: D. João VI D. Pedro Maria Leopoldina Opção 1 - Governantes em Portugal: General William Beresford Deputados Continua...

Marcos	Fatos Relacionados	Localidades	Personagens
			<p>Opção 2: Representantes da Coroa em PE: General Gomes Freire de Andrade Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro Brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa e Castro</p> <p>Revoltosos: Padre João Ribeiro Domingos José Martins Frei Caneca Capitão José de Barros Lima</p>
1820 Revolução Liberal do Porto	Este marco só aparece se o caminho escolhido anteriormente, tiver sido a Revolução de Pernambuco	Portugal	Deputados portugueses
1821 D. Pedro nomeado Príncipe Regente	<p>D. Pedro nomeado Príncipe Regente no Brasil Dia do Fico</p> <p>Opção 1- se escolher Rio de Janeiro: repressão Motim em Niterói pela volta de D. Pedro para Portugal - José Bonifácio nomeado ministro por D. Pedro – Assembleia Constituinte no Brasil</p> <p>Opção 2- se escolher PE: Revolução de PE em 1821</p>	Portugal Brasil – Niterói Pernambuco	<p>Corte Portuguesa no Brasil: D. Pedro Maria Leopoldina José Bonifácio</p> <p>Opção 1: General português Jorge de Aveliz Tavares</p> <p>Opção 2: Governador de PE: Luís do Rego Barreto Gervásio Pinto</p>
1822 Independência ou Morte!	<p>7 de setembro – Grito de Independência ou Morte Aclamação de D. Pedro I como Imperador do Brasil Tentativas das tropas portuguesas de recolonizar o Brasil Revoltas nas províncias contrárias à Independência do Brasil</p> <p>Opção 1 - Batalhas em Grão Pará para forçar a adesão à Independência</p> <p>Opção 2) Batalha de Pirajá na Bahia – expulsão das tropas portuguesas – condecoração de Maria Quitéria</p>	Rio de Janeiro Bahia Maranhão Grão Pará Piauí Portugal Inglaterra	<p>D. Pedro I</p> <p>Opção 1 Mercenário inglês John Grenfell</p> <p>Opção 2: Thomnas Cochrane (mercenário inglês) Continua...</p>

Marcos	Fatos Relacionados	Localidades	Personagens
	Reconhecimento da Independência do Brasil por diferentes países Opção 1: negociações com EUA Opção 2: negociações com Inglaterra e Portugal		Soldado Medeiros (Maria Quitéria)

Fonte: elaborado pela autora a partir do Jogo do Plenarinho.

Como podemos observar no Quadro 1, os marcos temporais são eurocêntricos e protagonizados, majoritariamente, por homens brancos da elite europeia. Algumas mulheres da Corte Portuguesa são mostradas nas imagens e o papel da princesa Leopoldina na proclamação da Independência do Brasil é exaltado.

Os movimentos de emancipação no Brasil, organizados por membros da elite local, representantes das classes subalternizadas (escravizados, pobres) ou com menos poder (padres, militares de baixa patente), que aparecem no jogo não são o fio central da narrativa. Conforme as escolhas do jogador durante a rodada, ele obterá ou não informações sobre estes movimentos e seus agentes (ele escolherá entre Inconfidência Mineira ou Conjuração da Bahia influenciada pela Revolução do Haiti; entre Revolução Pernambucana de 1817 ou Revolução do Porto; entre Revolução de Pernambuco de 1821 ou o motim português no Rio de Janeiro; entre Guerra da Independência do Brasil na Bahia e a atuação de Maria Quitéria ou a ação de mercenários ingleses nas províncias do Norte que resistiam em aderir à Independência).

Observamos que esse jogo se aproxima da produção ‘Na trilha da Independência’ da historiadora e professora Joelza Ester Domingues, pois, as escolhas do jogador durante a partida, possibilitarão ou não que ele conheça acontecimentos do processo de Independência do Brasil, para além daqueles protagonizados por D. Pedro I e sua corte. O jogador pode passar pelo jogo, por exemplo, sem conhecer Maria Quitéria - primeira mulher a ingressar no Exército Brasileiro para lutar nas guerras da independência - dependendo se ele escolher saber mais sobre a luta no Grão Pará (Figura 54) e não na Bahia.

Figura 54 - Possibilidades de jogada na carta



Fonte: Brasil: Plenarinho (2022).

O jogo procura valorizar a participação das mulheres no processo de Independência, por meio da Princesa Leopoldina e de Maria Quitéria (Figura 55).

Figura 55 - Leopoldina e Maria Quitéria



Fonte: Brasil: Plenarinho (2022).

No entanto, como analisamos anteriormente, o jogador pode não conhecer Maria Quitéria se escolher ir para Grão Pará ao invés de ir para Bahia. Por outro lado, independente das escolhas que faça, o jogador terá a chance de ler sobre a influência da Princesa Leopoldina na decisão de D. Pedro I de proclamar a Independência; o que é mais um exemplo de como o jogo coloca em primeiro plano as ações política-institucionais da corte portuguesa no nosso processo de Independência, perpetuando a história oficial.

O destaque dado para a Princesa Leopoldina e outros integrantes da corte portuguesa, nas produções da Câmara dos Deputados para a comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, também é observado na animação analisada no próximo tópico.

4.4 Animação em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil

Como parte dos trabalhos da Comissão Especial do Bicentenário da Independência do Brasil da Câmara dos Deputados, foi produzida a animação ‘Bicentenário da Independência do Brasil’, apresentada tanto no site da Câmara dos Deputados, quanto no seu canal do *Youtube*, com a descrição:

Em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil, uma animação artística apresenta alguns personagens importantes da nossa História, como a Imperatriz Leopoldina, Dom João VI, José Bonifácio e Dom Pedro I, para contextualizar os fatos que antecederam a emancipação política do país (Brasil, 2022).

Realizada pelo Centro Cultural Câmara dos Deputados²², a animação tem roteiro de Marcy Reis, direção de arte e ilustração de O Silva e animação de Mallo Ryke, com coordenação técnica da Coaud – órgão técnico-científico da Câmara. A animação foi baseada em cinco exposições exibidas no Congresso Nacional, entre 2017 e 2021: em 2017, a Casa promoveu a exposição Leopoldina – Imperatriz e Maria do Brasil; em 2018, Dom João VI e a construção do Brasil; em 2019, José Bonifácio de Andrada e Silva; e em 2021, foram feitas duas mostras — Revolução do Porto e O Brasil nas Cortes de Lisboa. Ela foi projetada, de 28 de junho a 30 de setembro de 2022, no *Hall* da Taquigrafia – anexo II da Câmara dos Deputados.

²² Disponível no *site*: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/historia-arte-e-cultura/exposicoes-2022/200-anos-da-independencia-do-brasil>. Acesso em :15 mai. 2025.

O vídeo de 1min42s é composto por oito cenas, conforme figuras a seguir²³. Aqueles que não têm um conhecimento anterior sobre os ‘fatos que antecederam a emancipação política do Brasil’ não conseguem, pela animação, identificar e compreender quais são eles, mas para nossa análise fizemos esta identificação com base em historiadores e historiadoras que escreveram sobre os acontecimentos e personagens representados na animação.

A primeira cena (Figura 56), com a legenda ‘Salvador - Brasil, 22 de janeiro de 1808’, começa com um som de mar e pássaros e mostra caravelas portuguesas chegando no litoral brasileiro, o que deduzimos indicar a chegada da família real ao Brasil. Nada é mencionado sobre o que desencadeou este acontecimento, ou seja, sobre a fuga da família real de Portugal, depois que o país foi invadido pelas tropas de Napoleão Bonaparte.

Figura 56 - Bicentenário da Independência do Brasil- chegada da família real no Brasil



Fonte: Brasil (2022)

A segunda cena (figura 57), intitulada D. João VI, representa a Corte Portuguesa instalada no Rio Janeiro a partir de 1808. Apesar de a animação não trazer nenhuma informação sobre a fonte das imagens que a compõem, identificamos que o pano de fundo desta cena reproduz o quadro pintado, em 1839, por Jean-Baptiste Debret, um dos artistas que integrava a Missão Artística Francesa que chegou ao Brasil em 1816. A pintura representa os festejos da aclamação de D. João VI como Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, celebrada no Rio de Janeiro em 6 de fevereiro de 1818, no Largo do Paço. À frente deste cenário, vão passando nobres e escravizados negros recortados de outras pinturas de Debret.

²³ As figuras referentes a animação foram printadas do vídeo para análise deste trabalho.

Figura 57 - Bicentenário da Independência do Brasil -
Dom João VI



Fonte: Brasil (2022)

A animação restringe a narrativa dos fatos que antecederam à Independência àqueles relacionados às ações da Corte no Sudeste, desconsiderando outros processos e projetos de Independência que também movimentavam as tensões entre Brasil e Portugal, os quais inclusive demonstravam insatisfação com o governo de D. João VI, cujas medidas beneficiavam apenas a elite do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (Pimenta. 2022, p.85-90). Apenas na última cena representa a Guerra da Independência do Brasil na Bahia, e fica evidente uma contraposição entre a visão romantizada da Corte da primeira a sétima cena e um olhar barbarizado para esta oitava cena.

A animação, em sua terceira cena (Figura 58), ilustra a ‘Imperatriz Leopoldina’ (sic!) caminhando em uma paisagem bucólica, rodeada de pássaros, no estilo de uma imagem de Conto de Fadas. A legenda desta cena, ‘Imperatriz Leopoldina – Rio de Janeiro, Brasil, 5 de novembro de 1817’ apresenta um erro histórico, pois, na data registrada, Leopoldina chegou ao Brasil, vinda da Áustria, onde nasceu, após se casar por procuração com o príncipe Pedro, filho de D. João VI, em Viena, no dia 13 de maio de 1817. Ela só se tornou imperatriz em 1822, após declarada a Independência do Brasil.

Figura 58 - Bicentenário da Independência do Brasil -
Imperatriz Leopoldina



Fonte: Brasil (2022)

Starling e Pellegrino (2022) consideram que Leopoldina enxergava o Brasil e suas relações com Portugal sob o ângulo de sua educação política, isto é, de uma mulher nascida em uma família real absolutista da Áustria e educada para se casar com o futuro governante do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, D. Pedro. Enfim, foi educada para manter o vínculo Brasil e Portugal, para fortalecer a monarquia e não para tornar o Brasil Independente, como aconteceu posteriormente.

Leopoldina entrou para a política brasileira após a partida de Dom João VI (Figura 59) para Lisboa devido à pressão de deputados portugueses após a Revolução do Porto de 1820, quando seu marido, D. Pedro, se tornou o príncipe regente do Brasil, membro do Reino Unido. Ao identificar os movimentos pela independência, alguns deles republicanos, ela sentiu-se responsável por, junto a D. Pedro, ministros, diplomatas e conselheiros de Estado, articular uma independência que assegurasse “a manutenção do Brasil dentro de um sistema monárquico” (Starling e Pellegrino, 2022, p. 164), baseado em um governo constitucional. Como o vídeo narra uma história linear da independência do Brasil, centrada nas ações da família real portuguesa, estes outros projetos de independência como de movimentos de Pernambuco são ignorados para criar uma ideia de independência sem conflitos ideológicos.

A figura de Leopoldina foi bastante destacada nas comemorações do Bicentenário organizadas na Câmara dos Deputados que se iniciaram justamente, no ano de 2017, para celebrar os 200 anos de sua chegada ao Brasil e enfatizar seu papel na proclamação da Independência. Observamos que este e outros projetos conservadores de comemoração do Bicentenário escolheram sua figura para representar a participação das mulheres no processo de Independência, sem tirar o foco da importância da monarquia nesta conquista.

No entanto, segundo Starling e Pellegrino (2022), ela não pode, ser comparada com Maria Quitéria, vestida com farda masculina para lutar na guerra da Independência na Bahia (mencionada rapidamente ao final desta animação), entre 1822 e 1823, ou com Maria Felipa, que também na Bahia, entrou no mar para combater com soldados portugueses.

Figura 59 - Bicentenário da Independência do Brasil -
Revolução do Porto



Fonte: Brasil (2022).

Na cena seguinte (Figura 60), intitulada ‘Brasil nas Cortes de Lisboa – 97 deputados brasileiros e suplentes eleitos’, a caravela de D. João VI que saiu de viagem, na cena da figura 58, sob aplausos e acenos felizes do casal D. Pedro e Princesa Leopoldina, chega à Portugal. O cenário da figura 59 é baseado no quadro ‘Cortes Constituintes de 1820’, pintado pelo português Roque Gameiro, em 1917, para representar o momento da história de Portugal em que deputados se reuniram para elaborar a primeira Constituição portuguesa após a Revolução Liberal do Porto. Na pintura original, o trono ao fundo da mesa está vazio, enquanto na animação ele está ocupado por D. João VI que voltou a governar o Reino Unido, de Portugal, mas com seus poderes limitados pela Constituição. O narrador, em português de Portugal, fala: "Que se façam as eleições dos deputados para representarem o reino do Brasil nas cortes gerais extraordinárias e constituintes em Lisboa". Segundo Pimenta (2022, p. 85 - 90), os trabalhos das Cortes de Lisboa iniciaram-se em 24 de janeiro de 1821 e a atuação dos representantes de províncias do Brasil nas Cortes de Lisboa perante as discussões e deliberações, foram dando sinais de divergência de interesses entre deputados do Brasil e de Portugal, os quais não são representados na cena que, como as outras da animação,

constrói uma narrativa harmônica e pacífica do processo de Independência do Brasil liderado pela família real portuguesa.

Figura 60 - Bicentenário da Independência do Brasil -
Brasil em Lisboa



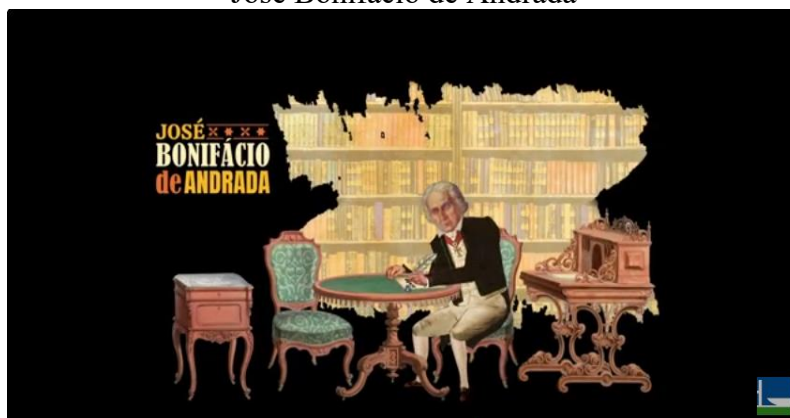
Fonte: Brasil (2022).

Com a nova conjuntura inaugurada pela Revolução do Porto, e os debates e embates ocorridos em Lisboa, surgiu um argumento de que as Cortes queriam ‘recolonizar’ o Brasil. Diante disso, e com os muitos decretos das Cortes de Lisboa, grupos políticos de algumas províncias brasileiras passaram a apoiar o governo de Dom Pedro no Rio de Janeiro e diante da solicitação de seu retorno para Portugal, em 9 de janeiro de 2022, o príncipe declarou sua desobediência às Cortes, ficando no Brasil (Pimenta, 2022, p. 85 - 90).

Seguindo a animação, a próxima cena, intitulada José Bonifácio de Andrada, representa o Ministro do Reino e dos Negócios Estrangeiros nomeado por D. Pedro, escrevendo uma carta (Figura 61), em um cenário que lembra a pintura de Georgina Albuquerque, intitulada ‘Sessão do Conselho de Estado’ (Figura 48). No entanto, enquanto no quadro de Georgina José Bonifácio está ao lado da Princesa Leopoldina e rodeado de ministros e conselheiros do Estado, nesta cena ele está sozinho.

Segundo Starling e Pellegrino (2022), esta reunião do Conselho aconteceu, em 2 de setembro de 1822, sob a presidência da Princesa Leopoldina que ocupava o cargo de Regente enquanto seu marido fazia uma viagem para São Paulo para resolver problemas de apoio ao seu governo. As deliberações da reunião apontavam para a emancipação do Brasil, já que as novas medidas das Cortes de Lisboa exigiam o retorno do Príncipe Regente para Portugal. Foi então que José Bonifácio, com apoio de Leopoldina, escreveu para D. Pedro, bem como ela também, reafirmando as decisões tomadas na reunião.

Figura 61 - Bicentenário da Independência do Brasil -
José Bonifácio de Andrada



Fonte: Brasil (2022).

Apesar de Leopoldina ter sido apagada desta cena, ela reaparece na cena seguinte (Figura 62), intitulada ‘Independência do Brasil’, na garupa do cavalo de Dom Pedro. Enquanto Leopoldina ergue o braço, a narradora fala uma frase que estava escrita na carta que ela escrevera para D. Pedro, “o pomo está maduro, colhe-o já, senão apodrece”. Em seguida, D. Pedro levanta sua espada, lembrando o momento em que ele teria gritado ‘Independência ou Morte!’. Diferente das outras cenas da animação que foram baseadas em pinturas históricas, esta, ao invés de reproduzir o clássico quadro de Pedro Américo ‘Independência ou Morte!’, cria uma representação romântica para este momento que mantém o heroísmo de D. Pedro, mas agora ao lado de sua esposa Leopoldina.

Figura 62 - Bicentenário da Independência do Brasil -
Dom Pedro e a princesa Maria Leopoldina



Fonte: Brasil (2022).

A última cena da animação (Figura 63), sem nenhuma legenda ou título, reproduz, em seu plano de fundo, o quadro ‘Batalha de Pirajá’ pintado pelo artista Hector Julio Páride Bernabó (Carybé) em 1978, para representar uma das batalhas da guerra da independência do Brasil na Bahia que aconteceu, entre 1822 e 1823, para expulsar as tropas portuguesas do território brasileiro. À frente deste cenário, passam diferentes personagens históricos que lutaram na guerra. Em primeiro lugar, aparece Maria Quitéria, representada como na pintura produzida por Domenico Failutti, em 1920, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, correndo e dando tiros com sua arma de fogo. Ela é seguida por soldados uniformizados, brancos pobres e negros armados.

Figura 63 - Bicentenário da Independência do Brasil - outros personagens



Fonte: Brasil (2022).

Ao final da animação (Figura 64), a tela fica toda vermelha, como se estivesse ensanguentada.

Figura 64 - Bicentenário da Independência – Fecha a Cortina



Fonte: Brasil (2022).

Apesar desta última cena fazer menção a eventos posteriores ao grito de ‘Independência ou Morte!’ que aconteceram fora do eixo Rio de Janeiro -São Paulo e foram protagonizados por soldados originários de camadas populares (negros escravizados e libertos, homens brancos pobres, e até mesmo uma mulher que se vestiu de homem para poder participar da guerra – Maria Quitéria), a animação reforça a memória histórica oficial ao destacar e nomear, tanto nas legendas de cada cena, quanto na descrição do vídeo, os personagens da elite política da Corte instalada no sudeste: Dom João VI, José Bonifácio, Dom Pedro I. Maria Leopoldina. Ao contrário disto, apesar de termos reconhecido Maria Quitéria na cena final, em nenhum trecho, seu nome é apresentado.

Mesmo que esta animação pouco informe sobre os acontecimentos e personagens que ela representa, ela cria no seu espectador a imagem romantizada da realeza, que proclamou a Independência de forma pacífica e ordeira, enquanto os demais personagens da cena final parecem bárbaros envolvidos em lutas sangrentas não explicadas nem pelos narradores, nem pelas legendas e títulos.

Isto é corroborado pela trilha sonora da animação. Uma mesma música instrumental de estilo barroco europeu, tocada em um cravo, sofre pequenas e significativas alterações. Quando personagens da corte aparecem ela é acompanhada de sons de pássaro. Na última cena, ela é mixada com grunhidos de homens lutando.

4.5 Caixa da História: Independência do Brasil - a criação de uma nação

A Caixa da História ‘Independência do Brasil: a criação de uma nação’ é resultado da participação no Edital Retomada Cultural RJ 2, na ocasião das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, com patrocínio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Foi produzida pelo Projeto Histórias de Pindorama²⁴, destinado a contação de histórias ao público infanto juvenil, sendo desdobramento do trabalho de pesquisa, reflexão, criação de brinquedos e produção de atividades educativo-culturais desenvolvido no âmbito da Emabrinq Serviços e Brinquedos Educativos.

O projeto envolveu a participação de pessoas de diversas áreas do conhecimento como história, *web design*, jornalismo, ciências contábeis, sociologia, pedagogia, música,

²⁴ Disponível no *site*: <https://historiasdepindorama.com.br/#oprojeto>. Acesso em: 20 mai. 2025.

arquitetura. Seu objetivo é contar sobre a História do Brasil para crianças e adolescentes, relacionando leitura, literatura e História por meio dos materiais como vídeos, rodas de conversa, *podcast*, livros de referência e infantojuvenis.

A ‘Caixa da história: Independência do Brasil’ (Figura 65) está disponível no *site* Histórias de Pindorama²⁵ e é composta por um livro digital de referência, um livro digital infantojuvenil acompanhado de um vídeo-livro, um *podcast*, um minidocumentário e por imagens para imprimir, recortar e montar para a contação de histórias. Optamos por analisar o livro digital infantojuvenil e as imagens da Caixa de História, por terem um formato mais adequado para estar mais crianças do ensino fundamental I.

Figura 65- Site ‘Caixa da História: Independência do Brasil’



Fonte: Caixa [...] (2022).

A Caixa de história ‘Independência do Brasil: a criação de uma nação’ é, na verdade, um livro com imagens para imprimir, recortar e montar, acompanhadas de textos explicativos, as quais representam três cenários e oito pranchas com personagens da história do Brasil, além da imagem para fazer a dobradura da caixa onde serão guardadas as imagens depois de recortadas.

Nas primeiras páginas do livro é apresentado o processo de elaboração da Caixa de História por uma equipe multidisciplinar, seus objetivos e os acervos em que foram feitas as pesquisas históricas e iconográficas que embasaram a criação das imagens, a escrita de suas explicações, bem como os materiais de apoio como o livro de referência, o minidocumentário e o *podcast*. Foram consultados acervos digitais (Teixeira (2023a, p. 4) organizados por entidades privadas (Instituto Moreira Salles, Itaú Cultural) e públicas

²⁵ Disponível no *site*: <https://historiasdepindorama.com.br/independencia-do-brasil/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

(Fundação Biblioteca Nacional, Pinacoteca de São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da USP e Museu do Ipiranga também da USP).

Os autores da Caixa de História reconhecem que as imagens que eles produziram se basearam em “de gravuras e pinturas feitas por estrangeiros: franceses, ingleses ou portugueses, entre outros, que retrataram os que aqui viviam de acordo com o seu olhar entre a admiração, o estranhamento e a superioridade” (Teixeira, 2023a, p. 12). Assim, incentivam as pessoas que estão tendo contato com a Caixa a, além de brincarem com os cenários e imagens nela disponibilizadas, fazerem pesquisas e novos desenhos que deem visibilidade para imagens e histórias que não foram guardados em acervos oficiais. Para isso, sugerem outras fontes de pesquisa como Memorial dos Povos Indígenas, a Apib — Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, o Museu do Índio do Rio de Janeiro, o Instituto Socioambiental, a Casa da Tia Ciata, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, a Casa Sueli Carneiro, o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira, o Museu Bispo do Rosário - Arte Contemporânea, o Instituto Pretos Novos Museu Memorial, o Museu do Samba (Teixeira, 2023a, p. 13).

Apesar da temática da Caixa de História ser a Independência do Brasil, a sua apresentação justifica que a história a ser contada começará antes da chegada dos portugueses no Brasil, para que se possa compreender as origens da nação formada após a Independência e ‘quem somos como povo brasileiro’:

[...] tendo a palavra Independência como palavra-chave e o ano de 1822 como marco temporal, além das leituras e da pesquisa histórica que fizemos, mergulhamos nos acervos digitais de diferentes instituições, buscando imagens que compusessem um panorama do Brasil do século XIX e mais que isso: que esse conjunto de imagens fornecesse uma perspectiva desse processo que não se efetivou, somente, no momento mesmo do “Grito da Independência”, mas se iniciou muitos anos antes, no momento em que os portugueses “descobriram” o Brasil, ou como também podemos afirmar: no momento em que Pindorama — como essa terra era chamada pelos povos que aqui viviam — foi invadida (Teixeira, 2023a, p. 3).

Assim, os três cenários da caixa são de Pindorama (Figura 66), da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Figura 67) e das margens do Rio Ipiranga (Figura 68).

O primeiro cenário, conforme o texto explicativo que o acompanha, refere-se aos povos originários que aqui viviam e que foram mortos, explorados, escravizados, silenciados pelos portugueses e outros europeus que aqui chegaram, culminando no apagamento e destruição de seus modos de ser e viver, da sua cultura, do seu conhecimento sobre o mundo ao redor e sobre aqueles que o habitavam.

Figura 66 - Cenário 1: Pindorama



Fonte: Teixeira (2023a, p. 6).

O segundo cenário (Figura 67) representa a paisagem da Baía da Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, o que condiz com o fato da Caixa de História ter sido produzida e financiada por entidades do estado do Rio de Janeiro. O texto explicativo deste cenário relata o processo de formação da cidade, a partir de 1565, depois de disputas pelo território entre franceses, portugueses e os indígenas tamoios e tupinambá. Também informa que a cidade foi sede do governo colonial (1763 - transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro), capital da corte portuguesa com a chegada da família real no Brasil (1808 - 1821) e, depois, capital do Império do Brasil (1822 - 1889).

Figura 67 - Cenário 2: Cidade de São Sebastião do Rio De Janeiro



Fonte: Teixeira (2023a, p. 8).

O terceiro cenário (Figura 68) ilustra as margens do Rio Ipiranga ocupada por diferentes representantes do povo brasileiro. Seu texto descritivo intitulado para o ‘Independência ou Morte!’ ou ‘O Brado do Ipiranga’, analisa que a Independência do

Brasil foi um processo que se efetivou de acordo com os interesses da própria corte portuguesa e que na verdade o nosso processo de emancipação foi capitaneado pelo próprio herdeiro da Coroa Portuguesa, o herói da nação. O texto também explica como o processo de independência do Brasil foi diferente do restante da América, afirmando que “o Brasil não vivenciou esse processo de forma revolucionária e a participação popular foi nula” (Teixeira, 2023a, p. 9).

Em relação a esta afirmação, há controvérsias entre os historiadores. Leal e Chaves (2022, p. 126) consideram que:

Entender as formas pelas quais a população negra escravizada e livre lutou pela independência do Brasil não é só fundamental para entender o contexto mais amplo de um processo de emancipação que se deu a partir do reforço da escravidão, mas também para a compreensão dos seus efeitos a longo prazo.

O texto explicativo também faz uma análise crítica da pintura de Pedro Américo, ‘tão conhecida das páginas dos livros didáticos’, produzido para fortalecer a ideia de que a Independência foi um ato heroico de D. Pedro. A partir daí, explica como a ilustração do cenário 3 faz outra releitura do quadro:

A ilustração a seguir (do cenário 3) teve como referência o quadro de Pedro Américo, mas é também resultado de uma reflexão sobre a ideia, tão divulgada e comumente aceita, de que D. Pedro foi o herói desse processo. Por isso, colocamos atrás dele o povo brasileiro formado pelos povos originários de Pindorama, pelo povo negro escravizado trazido à força da África e pelos homens e mulheres pobres, mestiços, seus conterrâneos e descendentes. Homens, mulheres e crianças descalços que, com sua presença, expressam a luta histórica e cotidiana, no passado e no presente, por resistir à violência e a opressão e por sonhar em existir num país de justiça e igualdade (Teixeira, 2023a, p. 9).

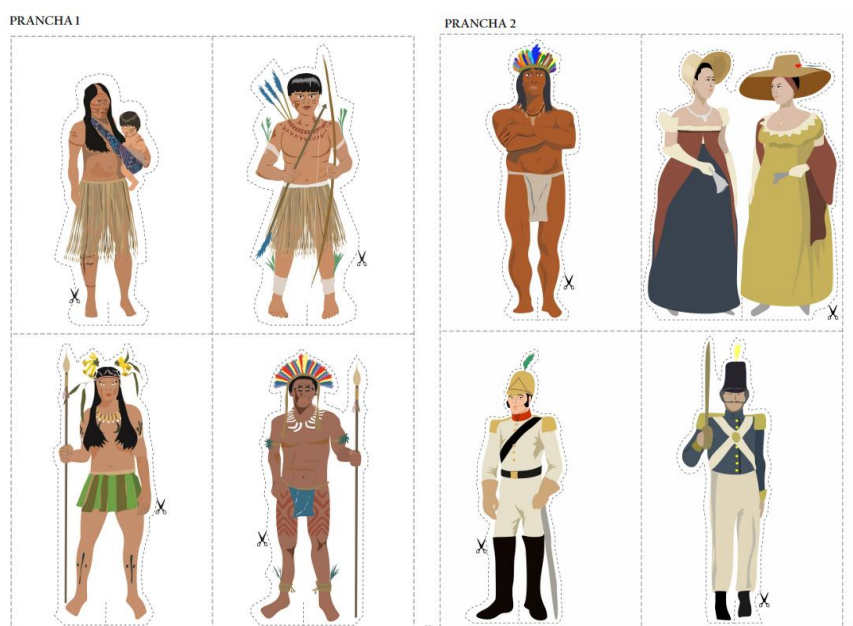
Figura 68 - Cenário 3: ‘Independência ou Morte!’
ou ‘O Brado do Ipiranga’



Fonte: Teixeira (2023a, p. 10).

Para que a história da Independência do Brasil possa ser contada na perspectiva apresentada pelos cenários escolhidos, foram disponibilizados, em oito pranchas, desenhos de diferentes grupos sociais que dela participaram: indígenas de diferentes etnias que foram mortos, escravizados, silenciados em sua cultura (prancha 1 e 2 – Figura 69); homens brancos da elite, donos de terra, de comércios, altos funcionários do governo, militares de alta patentes, e suas esposas (prancha 2 – Figura 69; prancha 3 – Figura 70); homens brancos pobres e tropeiros (pranchas 6, 7, 8 – Figuras 71 e 72) e , em maior quantidade, escravizados e escravizadas desempenhando diversas atividades na cidade e no campo, além de lutando capoeira com símbolo de sua resistência contra a escravização (pranchas 3, 4, 5, 6, 7, 8 – Figuras 70,71,72). Os únicos personagens identificados com nome foram a Princesa Leopoldina e o Príncipe Regente D. Pedro, no texto explicativo da prancha 3 (Figura 68).

Figura 69 - Prancha 1 e 2



Fonte: Teixeira (2023a, p. 19 - 20).

Figura 70 - Prancha 3 e 4



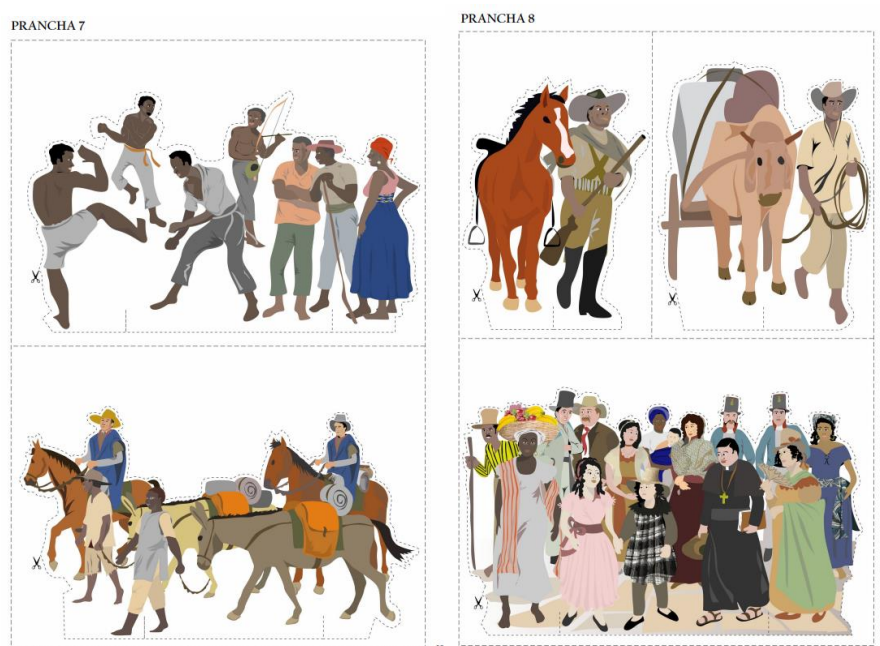
Fonte: Teixeira (2023a, p. 21-22).

Figura 71 - Prancha 5 e 6



Fonte: Teixeira (2023a, p. 23 - 24).

Figura 72 - Prancha 7 e 8



Fonte: Teixeira (2023a, p. 25 - 26).

A obra coloca à disposição de seus leitores estas oito pranchas com diferentes personagens da história do Brasil Colônia e Império, ou seja, antes e depois da Independência, mas não traz nenhuma orientação sobre quais personagens usar em cada cenário. Cabe ao leitor e contador da história, a partir da leitura dos textos explicativos e materiais complementares à Caixa de História, criar a relação entre personagens e cenários.

Na articulação de todos os cenários e personagens, observamos que o processo de formação do povo brasileiro apresentado na Caixa de História sobre a Independência do Brasil, ao invés de ser romantizado como em muitas produções que contam a história do Brasil para crianças, não silencia os encontros e desencontros entre indígenas, negros africanos e europeus.

Pindorama se tornou Brasil, posse e propriedade daqueles que tomaram esse território como se fosse seu. Do embate e da mistura do português invasor com os indígenas e os negros africanos surgiu um povo novo que construiu sua identidade não apenas definida sob o jugo do colonizador, mas feita de raízes étnicas e culturais diversas, crenças, línguas, modos de ser e viver plurais que, ao mesmo tempo, antagônicos aos modos de vida do invasor europeu, com ele se fundem formando esse povo novo que já não é mais nenhum deles, mas traz em si as marcas de todos eles: o povo brasileiro (Teixeira, 2023a, p. 12).

Enfim, o recorte escolhido para contar a história do Brasil independente, foram as relações conflituosas entre os grupos que hoje formam o Brasil, a violência dos europeus contra os povos indígenas e africanos antes e depois da independência e suas resistências, as desigualdades da sociedade patriarcal.

Apesar da tradicional história da Independência proclamada pela corte portuguesa com o apoio da elite do sudeste não ter sido priorizada, ela pode ser contada uma vez que, entre os personagens da Caixa, há Leopoldina e D. Pedro e, entre os cenários, há o riacho Ipiranga. No entanto, um leitor atento aos textos explicativos não a contaria como um ato heroico que garantiu a independência para o povo brasileiro já que, segundo Teixeira (2023a, p. 11 - 12),

Após 300 anos de exploração, o Brasil vivenciaria o processo de emancipação política como um processo feito como um acordo entre as classes dominantes. O povo continuava explorado e só era objeto de atenção quando, de diferentes formas, reagia a essa exploração mediante revoltas e rebeliões duramente reprimidas. [...] O Brasil Colônia que se tornou Império continuou a ser resultado de um pacto que se fundamentava nos interesses das classes dominantes: concentração de renda e riqueza, economia de exportação, latifúndio e escravidão. A nação brasileira nascia com as marcas da exclusão, da violência e da desigualdade.

O livro infanto juvenil ‘Independência do Brasil: a criação de uma nação’ também foi produzido no âmbito do projeto Pindorama, com o texto da historiadora Claudia Hlebetz Teixeira e ilustrações elaboradas por ela e Gregorio Sebastian. Em forma de poema entrecortado por ilustrações que fazem colagens digitais de pinturas do século XIX devidamente creditadas (Teixeira, 2023b, p. 19 - 21), o livro segue a mesma abordagem da Caixa de História para contar a história da Independência do Brasil e utiliza os mesmos acervos digitais utilizados para produzir as pranchas e cenários da Caixa (Teixeira, 2023b, p. 4).

Entre estrofes e ilustrações de indígenas e caravelas (Figura 73), narra a invasão de Pindorama pelos portugueses que trouxeram morte, violência e exploração para os povos indígenas que aqui viviam; denuncia o tráfico negreiro que arrastou para o Brasil negros sequestrados de suas terras na África, para serem vendidos como mercadorias e trabalharem como escravizados no campo e na cidade; conta sobre as lutas de indígenas, africanos e colonos contra a exploração dos senhores de terra e comerciantes portugueses.

Figura 73 - Pindorama e a chegada dos portugueses



Fonte: Teixeira (2023b, p. 1).

Em seguida, escreve versos sobre a fuga da família real portuguesa para o Brasil, a instalação da Corte no Rio de Janeiro ilustrada com pinturas e gravuras do Paço Imperial e de negros e negras escravizados/as trabalhando em diferentes cenários do Rio de Janeiro (Figura 74).

Figura 74 - Paço Imperial -RJ



Fonte: Teixeira (2023b, p. 11).

As estrofes são sobre as várias lutas por Independência do Brasil, baseadas em diferentes projetos de nação. Destaca que venceu o projeto conservador liderado por D. Pedro, Maria Leopoldina e José Bonifácio para evitar que o Brasil se tornasse uma república e abolisse a escravidão, como reivindicavam alguns movimentos:

Ideais de Independência
começaram a ter vez.
Muita gente interessada
em quebrar
o monopólio português,
o longo e sofrido pacto colonial.
Antes que fosse tarde,
o príncipe se adiantou.
Portugal queria a recolonização.
Outros queriam era mesmo
uma revolução,

que incluísse o povo
e acabasse com a escravidão.
Para os aristocratas e fazendeiros
isso era mesmo demais:
quebrar o pacto colonial era seu interesse,
mas – alto lá – nada de incluir o povo
ou falar de democracia.
Pois, é claro, a escravidão permanecia.
D. Pedro, ouviu os conselhos
de Bonifácio e Leopoldina.
Os ingleses, fazendeiros e aristocratas
também fizeram pressão.
Nem recolonização
ou revolução,
o que seria feito era a emancipação.
E assim foi feita
a Independência do Brasil.
O Brasil virou Império
pelas mãos do herdeiro português.
Os aristocratas dominaram
a política imperial.
(Teixeira, 2023b, p. 14).

Assim como na Caixa de História, analisa criticamente o quadro de Pedro Américo que simboliza a Independência do Brasil: “O Grito da Independência virou quadro famoso, fez D. Pedro um herói, como se tivesse feito algo fenomenal. Muita coisa ainda permanecia com base na ordem colonial” (Teixeira, 2023b, p. 16). No seu lugar, representa o horizonte do riacho Ipiranga sem ninguém (Figura 75).

Figura 75 - Horizonte do rio Ipiranga

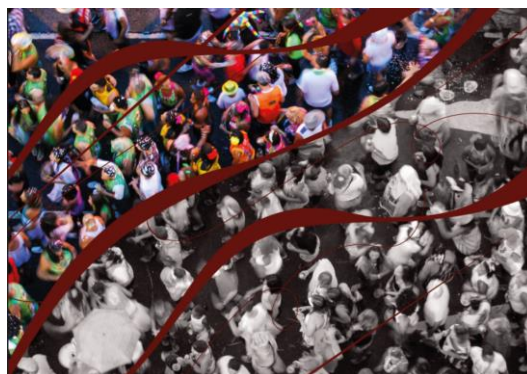


Fonte: Teixeira (2023b, p. 15).

Ao final, o poema faz uma indagação: “Muitas histórias podemos contar dessa terra chamada Pindorama, que virou Brasil há 500 anos atrás. O Brasil foi Colônia, Reino Unido e Império. Mas será que é nação?” (Teixeira, 2023, p. 18). Indagação acompanhada

de uma montagem de fotografia do carnaval carioca para representar a diversidade da população do Brasil (Figura 76).

Figura 76 - Nação brasileira



Fonte: Teixeira (2023b, p. 17).

Tanto a Caixa da História quanto o livro infanto juvenil analisados neste tópico, embora nomeiem apenas Maria Leopoldina, D. Pedro e José Bonifácio em suas narrativas, deixando os outros personagens no anonimato, problematizam os atos destes heróis da elite branca, ao destacar como eles mantiveram uma estrutura de violência, desigualdade e exploração, e como mulheres, negros, indígenas lutaram e continuam lutando para mudar este cenário de longa duração. Assim, essas produções rompem com a história oficial da Independência e estabelecem uma relação crítica entre a proclamação da Independência no passado e as desigualdades e lutas do presente.

Como afirmou Gomes (1996), ao analisar a cultura histórica do Brasil, “escrever a história do Brasil, é escrever sobre a história de um povo que precisou lutar em várias frentes para defender sua autonomia” (Gomes, 1996, p. 191).

4.6 Produções do Portal do Bicentenário

Neste tópico, vamos analisar duas produções compartilhadas no Portal do Bicentenário, na trilha Américas: o livro de ‘Revoltas Populares em Cordel’ e a sequência didática ‘História oral: Memórias do Jongo’. Antes disso, consideramos importante apresentar o Portal do Bicentenário²⁶ como um todo, já que ele foi criado justamente para produzir, editar, fazer curadoria, organizar e disponibilizar conteúdos

²⁶ Disponível no *site*: <https://portaldobicentenario.org.br/>. Acesso em 01 jun. 2025.

multimidiáticos, inter e transdisciplinares, sobre os 200 anos da Independência do Brasil e seus desdobramentos. Segundo a aba Quem Somos, os conteúdos e ações do Portal

[...] visam a construção de uma sociedade igualitária, democrática, laica, inclusiva, não violenta, antirracista, antiLGBTfobia, antissexista, anticapacitista, e estarão engajados no combate a todo e qualquer tipo de discriminação e violência, notadamente, aquelas que são motivadas pelo gênero, raça, etnia, orientação sexual, religião, região, profissão e engajamento político das pessoas (Portal do Bicentenário, s.d.).

O *site* do Portal é organizado em quatro trilhas: Independências, Améfrica, Trajetórias, Comemorações. Estas trilhas são introduzidas por ilustrações criadas especialmente para o Portal e que explicitam como o seu conteúdo, ao invés de reproduzir a história oficial do 7 de setembro, aborda criticamente esta história e suas comemorações, bem como valoriza diversas histórias de lutas por liberdade nos 200 anos de Brasil Independente, enfrentadas por grupos subalternizados por questões sociais, raciais, étnicas, regionais, etárias, religiosas, de gênero.

A trilha ‘Améfrica’ (Figura 77) é representada por um desenho que mostra a menina do Portal, uma estudante negra, ao lado da socióloga Lélia Gonzales²⁷ que cunhou o conceito de Améfrica Ladina, em um barco que navega entre a América Latina e a África. Esta trilha é composta por materiais que compreendem que a história do Brasil não pode ser pensada sem a história da África e da América Latina. Ela rompe, assim, com uma tradição historiográfica europeia, aproximando oceanos, fronteiras e lutas contra a colonização e a colonialidade, e dando destaque para as histórias e culturas da África, dos afrodescendentes e dos povos indígenas.

Figura 77 - Trilha ‘Améfrica’ - Portal do Bicentenário



Fonte: Portal do Bicentenário (s.d.).

²⁷ Lélia Gonzales (1935-1994) mulher negra, expoente do movimento negro e intelectual (Graduação em História e Geografia pela Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ), Graduação em Filosofia pela mesma instituição, Doutorado em Antropologia na Universidade de São Paulo -USP, Mestrado em Comunicação Social, autora de livros) que criou a categoria político-cultural de amefricanidade e defendeu o uso da expressão Améfrica Ladina para contestar a ideia de uma formação histórico-cultural exclusivamente branca e europeia.

A trilha ‘Independências’ (Figura 78) é representada por uma ilustração que mostra a menina do Portal, observando um caleidoscópio que dá visibilidade para protagonistas que participaram das lutas pela Independência do Brasil, além de D. Pedro: negros como Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luiz Gonzaga e João de Deus que lideraram a Conjuração Baiana; mulheres como Maria Leopoldina, Maria Felipa; indígenas que lutaram na Guerra da Independência da Bahia. Nesta trilha, são compartilhados materiais que analisam criticamente o marco temporal do 7 de setembro escolhido para representar o dia da Independência do Brasil, os diferentes projetos, movimentos e batalhas pela Independência ocorridos no Brasil, a partir do final do século XVIII.

Figura 78 - Trilha ‘Independências’ - Portal do Bicentenário



Fonte: Portal do Bicentenário (s.d.).

A Trilha ‘Comemorações’ (Figura 79) é representada por uma ilustração que mostra a menina do Portal nas comemorações do Bicentenário da Independência. Ao invés dela representar os Desfiles Militares que tradicionalmente acontecem nesta data cívica, ela remete às passeatas do Gritos dos Excluídos que acontecem, em diferentes cidades do Brasil, no mesmo dia, desde o ano de 1995. O Grito dos excluídos é um contraponto ao Grito da Independência, proclamado por um príncipe, em 1822. É um movimento que se efetiva de modo coletivo e não somente na data de 7 de setembro, mas antes, durante e depois. É uma proposta que questiona os padrões de independência do povo brasileiro dando visibilidade aqueles que foram e ainda são marginalizados. Assim,

Desde 1995, o Grito dos Excluídos e Excluídas acontece no dia 7 de setembro, dia oficial da comemoração da independência do Brasil. Nada melhor do que esta data para refletir sobre a soberania nacional. Nesta perspectiva, o Grito se propõe a superar um patriotismo passivo em vista de uma cidadania ativa e de participação, colaborando na construção de uma nova sociedade, justa, solidária, plural e fraterna. Nestes 29 anos de trajetória, o Grito faz um contraponto à história oficial da independência do Brasil. Na contramão dos desfiles cívicos e

militares, que sempre marcaram o 7 de setembro, conclama o povo, sobretudo os pobres e excluídos, a descender das arquibancadas, deixar o patriotismo passivo, e ocupar praças e ruas na defesa de seus direitos (Grito dos excluídos e excluídas; s.d.).

Essa trilha problematiza as comemorações do 7 de setembro e outras datas comemorativas que compõem os calendários de muitas escolas do Brasil e outras instituídas por movimentos populares e civis.

Figura 79 - Trilha ‘Comemorações’ - Portal do Bicentenário



Fonte: Portal do Bicentenário (s.d.).

A trilha ‘Trajetórias’ (Figura 80) é representada por uma ilustração que mostra a menina do Portal, ao lado de um cachorro ‘caramelo’, brincando de bola na rua, em cima de uma faixa amarela que junto com a bola azul e os chinelos verdes da menina, lembram a Bandeira do Brasil. A imagem, dos lados e ao fundo, apresenta uma passeata e vários espaços cotidianos, como comércio, feira, igreja, frequentados por pessoas de diferentes raças, idades. Nesta trilha são compartilhados materiais sobre agentes humanos e não humanos que participaram e participam da história dos 200 anos de Brasil independente em prol de uma sociedade democrática.

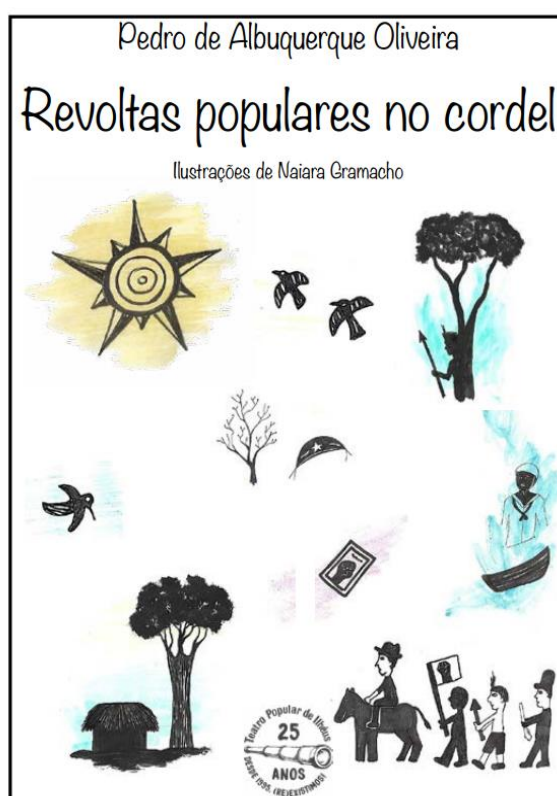
Figura 80 - Trilha ‘Trajetórias’ - Portal do Bicentenário



Fonte: Portal do Bicentenário (s.d.).

Entre os vários materiais disponibilizados no Portal, a partir de 2021, escolhemos analisar dois que consideramos serem mais adequados para trabalhar com crianças, já que no *site* há materiais para estudantes e professores/as de diferentes níveis e etapas de ensino e para o público em geral: ‘Revoltas Populares no Cordel’ (Figura 81) e ‘Conhecendo o Jongo’ (Figura 83). Ambos estão na trilha Améfrica e abordam movimentos populares e manifestações culturais afrobrasileiras anteriores e posteriores à emancipação do Brasil em relação à Portugal. Enfim, têm um olhar abrangente sobre os 200 anos de Brasil Independente.

Figura 81 - Revolta populares no Cordel



Fonte: Oliveira (2021).

A obra ‘Revoltas populares no cordel’ (2021) foi escrita por Pedro de Albuquerque Oliveira, com ilustrações de Naiara Gramacho e publicada por uma editora vinculada ao Teatro Popular de Ilhéus. Pedro é ator, jornalista, professor de História do Teatro na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste Baiano) e membro do Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação – GRUPPHED, da Universidade Estadual de Santa Cruz (Bahia). Naiara é formada em arquitetura e urbanismo, é também atriz, diretora, musicista, cenógrafa, cantora e compositora, envolvida em produções artísticas desenvolvidas especialmente por mulheres.

O livro, apresentado também em formato de *audiobook*, é, da apresentação às considerações finais, escrito em cordel, e foi dividido em duas partes, com cinco capítulos cada: Parte 1: Histórias do período colonial e Parte 2: Histórias do Império e da República. Na apresentação, Pedro conta sobre sua relação com a literatura do Cordel e apresenta os objetivos de seu livro que é trazer “histórias versadas/ Passadas no chão do Brasil. /Conto memórias de sangue/ De gente que não desistiu/ Da vida liberta no mundo/ Sem um dono ou senhoril” (Oliveira, 2021, p. 5). Nas Considerações Finais, o autor que nasceu no final do século XX e vive no século XXI, conta mais um pouco de sua história, sua relação com o cordel e destaca a importância de conhecer as lutas do passado para compreender o presente e construir um futuro mais justo.

Cada capítulo é introduzido por um desenho de lápis grafite que também aparecem em algumas páginas, na lateral do cordel. Eles representam mapas das províncias do Nordeste e Norte onde acontecerem os movimentos populares narrados nos cordéis, suas paisagens e seus personagens: sol, árvores, cactos, plantação de cana, coqueiros, pássaros, cavalos, peixes, rios, barcos, aldeias indígenas, quilombos, engenhos, negros e indígenas armados para lutar por sua terra e liberdade, vaqueiros, sertanejos, trabalhadores rurais, marinheiros, forcas, chapéus, blusas, sapatos, corneta, panfletos, mãos em gesto de luta. Desenhos de mulheres que participaram da Guerra da Independência do Brasil na Bahia: Joana Angélica, Maria Felipa e Maria Quitéria; líderes de movimentos populares como Antônio Conselheiro, João Cândido.

A primeira parte a obra apresenta cordéis sobre quatro revoltas no período colonial, contra a exploração dos colonizadores, a escravização, a monarquia, organizadas em cinco capítulos intitulados: 1) 1ª Guerra da Bahia- Massacre Tupiniquim, 2) Palmares, 3) Engenho de Santana- Tratado de paz, 4) Oitizeiro- O quilombo do Oiti, 5) Revolta dos Alfaiates- Conjuração Baiana.

Na segunda parte, a obra aborda revoltas e batalhas no Brasil Império e República, contra tropas portuguesas, oligarquia rural, senhores de escravizados. Suas histórias também foram divididas em cinco capítulos intitulados: 6) Independência da Bahia, 7) Cabanagem, 8) Balaiada, 9) Canudos, 10) Revolta da Chibata.

No cordel ‘Independência da Bahia’, Oliveira (2021) faz menção direta ao 7 de setembro, problematizando como o Grito do Ipiranga de D. Pedro não garantiu a independência do Brasil. Contrapõe este marco de nossa Independência com o 2 de julho, o que tem relação com o fato de na Bahia, estado onde nasceu o autor, o feriado que comemora a Independência da Bahia ser o 2 de julho, para comemorar a expulsão das

tropas portuguesas após batalhas que duraram mais de um ano. Oliveira (2021, p. 33 -34) conta em seu cordel:

A data foi 2 de julho
 (todo ano comemorada).
 História não apagada
 dos baianos com orgulho.
 Depois de muito barulho
 houve a independência.
 Com doses de violência
 e de esforço popular.
 [...]
 Quando Dom Pedro Primeiro,
 filho do rei de Portugal,
 deu o grito oficial
 como líder brasileiro
 o chão do país inteiro
 tremeu com a alegria
 (no entanto a euforia
 durou um tempo pequeno).
 Portugueses, no veneno,
 juntaram-se na Bahia.
 [...]
 1823, no dia 2 de julho,
 foi a data que o orgulho
 do nosso povo se refez

O cordel, assim, minimiza a ação de D. Pedro e destaca nomes da Guerra da Independência do Brasil na Bahia: Luís Lopes – o corneteiro, Maria Felipa e Maria Quitéria, Daniel Lisboa, Joana Angélica, negros escravizados, caboclos, Sabino, Pacheco e outros soldados, anônimos.

Os próximos capítulos a Cabanagem (1835 e 1840, Grão Pará), a Balaiada (1838 e 1841, Maranhão), a Guerra de Canudos (1896-1897, Bahia) e a Revolta da Chibata, ou dos Marinheiros (Rio de Janeiro, 1910).

Como em todo o livro, os sujeitos destacados e nomeados foram pessoas das classes populares que lutaram nas revoltas e não os tradicionais heróis da elite branca. Na Balaiada, João do Mato, Angelim, Padre Batista Campos, Mãe da Chuva foram identificados como “Revoltosos que junto com outros pobres, índios, negros e mestiços (Domingos Onça, Gigante e tantos outros maciços) lutaram por melhorias pro povo em seus serviços” (Oliveira, 2021, p.40). Em Canudos, o povo do sertão liderado por Antônio Conselheiro foi lembrado como responsável por construir o arraial Belo Monte (ou Canudos), antes de serem massacrados pelas tropas da República, convocadas por políticos locais com o apoio de fazendeiros baianos e o clero do local, que temiam o

crescimento da comunidade que não seguia os padrões da sociedade oligarca. João Cândido foi nomeado como o líder dos marinheiros na Revolta da Chibata, contra os maus tratos sofridos nas armadas durante o governo do presidente Marechal Hermes da Fonseca. Isso porque a marinha brasileira, de visões colonizadas, tratava como escravos os marujos nas armadas.

A coletânea de cordéis, semelhante ao livro de Teixeira (2023b), ao invés de perpetuar a História Oficial e seus heróis da elite, valoriza marcos da história do Brasil, desde a colônia até a república que tiram do silêncio lutas de populações subalternizadas. Observamos este movimento também nos desenhos produzidos por Nairara Gramacho, os quais destacam paisagens habitadas por estas populações, por meio de muita resistência, ao contrário da maioria das obras analisadas anteriormente que têm como pano de fundo a cidade do Rio de Janeiro e os prédios ocupados e construídos pela família real.

Além de líderes de movimentos populares no Brasil Colônia, Império e início da República, um dos cordéis de Oliveira (2021), na página 16, menciona Marielle Franco, vereadora negra que foi assassinada em 2018, pelo seu ativismo em defesa dos Direitos Humanos de comunidades carentes do Rio de Janeiro, denunciando o genocídio do povo negro no Brasil e a atuação da milícia e dos grileiros na cidade. Traz ainda uma crítica aos livros que perpetuam a história ‘pacífica’ da emancipação do Brasil, referindo-se aos seus cordéis como meios de construir outras memórias históricas:

Mas os livros de história
seguirão contando fatos.
Numas vezes camuflados
(ocultando uns relatos).
Mas nos cordéis que escrevo
coloco em limpos pratos (Oliveira, 2021, p. 58).

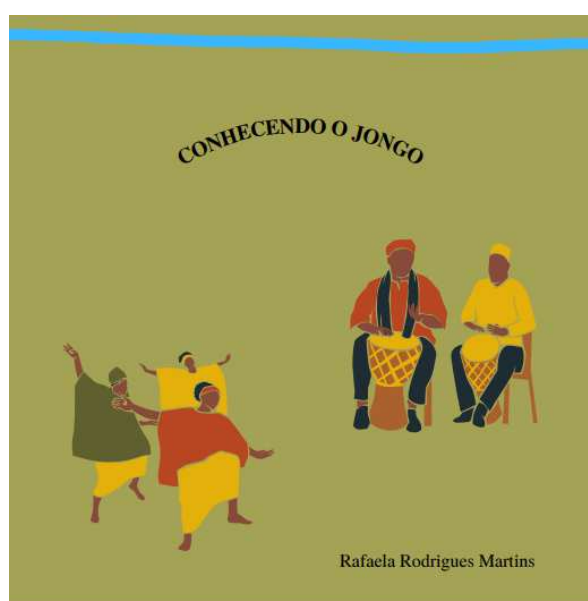
Oliveira (2021) e Teixeira (2023b) encerram suas obras considerando as muitas lutas que ocorreram e ainda ocorrem no Brasil para garantir, segundo primeiro autor, a ‘União e igualdade’ e, conforme a segunda autora, a ‘justiça e igualdade’. Teixeira (2023b) embora não narre detalhadamente as revoltas como fez Oliveira (2021), deixa evidente que a emancipação do Brasil não foi algo pacífico e tão pouco um ato heroico de um único indivíduo, e que mesmo depois dela, as lutas contra a escravidão, o racismo, as violências e injustiças sociais continuam mesmo depois de 200 anos de Independência.

O outro material da trilha Trajetórias do Portal do Bicentenário que escolhemos analisar foi o livro infantil sobre o Jongo (Figura 82) e a sequência didática que o

acompanha, pois entendemos que ele representa lutas e resistências do povo quilombola nos 200 anos de Brasil independente, Lutas por preservar as histórias de resistência e culturas da população negra²⁸ que, como analisa Marson (1984), foram silenciadas, por exemplo, pela escolha de marcos históricos como o 13 de maio que criou a imagem da Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, como redentora dos negros escravizados.

O *ebook* “Conhecendo o jongo” (s.d.) e a sequência didática que propõe atividades para explorá-lo foi elaborado por Rafaela Rodrigues Martins, estudante de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia.

Figura 82 - Conhecendo o jongo



Fonte: Martins (s.d.).

Não há no *ebook* nem na sequência didática a data de publicação, mas deduzimos que o material foi elaborado para as comemorações do Bicentenário da Independência, visto que ele se encontra disponibilizado no *site* do Portal do Bicentenário. Segundo texto produzido pela autora para apresentar seu material no Portal do Bicentenário:

A produção dos referidos materiais teve como fundamentação a temática relativa à educação antirracista, visando evidenciar a cultura do jongo produzida pela população negra nos duzentos anos de Brasil independente. O conteúdo abordado, portanto, propicia a reflexão sobre a construção da nacionalidade e cultura brasileira, de modo a permitir

²⁸Na introdução da sequência didática, a autora considera que O jongo, também nomeado de caxambu, tambu e tambor é uma manifestação cultural de origem africana e que a referida manifestação cultural adentrou no território brasileiro durante o período de escravização. Em 2005 o Jongo foi tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil registrado pelo IPHAN.

que os/as estudantes da educação básica confrontem criticamente os diferentes pontos de vistas que permeiam as narrativas vinculadas aos projetos de Brasil (Martins, s.d.).

Na sequência didática, além do livro, a autora propõe que os alunos naveguem no acervo do *site* do Jongo da Serrinha²⁹ que foi preservado como patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro. Como proposta ela orienta que os estudantes, por meio de discussões, questionamentos, pesquisas, leitura, investiguem a partir de diferentes fontes históricas a trajetória da referida manifestação cultural durante os duzentos anos de Brasil independente.

Antes de iniciarmos a análise do livro da autora, considerando que Rafaela cita como referência o Jongo da Serrinha, resolvemos fazer uma busca no *site* que tem por objetivo pesquisar, reunir pessoas em festa, produzir Axé (energia vital) e também produtos culturais para viver e divulgar o Jongo mundo afora gerando autoconhecimento, poesia e arte. Encontramos, entre suas postagens, a divulgação da coleção infantil ‘Jongo Magia’ composta de dois livros: ‘A roda encantada’ de Lazir Sinval (2022) e ‘Vovó Maria Joanna do Jongo da Serrinha’ de Lazir Sinval (2022)³⁰. Apesar do *site* não disponibilizar estes livros na íntegra, na aba de *poscast*, encontramos essas obras em áudio³¹.

Optamos por analisar a primeira obra para fazer uma relação com o livro de Rafaela, uma vez que ela está disponível em dois episódios de *podcast*, de aproximadamente 7 minutos cada, enquanto que a segunda obra está disponível em mais episódios. O livro ‘A Roda Encantada’ narra a história de uma roda de jongo associada com elementos da natureza e animais que caminhavam para ver a roda de jongo. No *podcast*, a contação da história por uma voz feminina é acompanhada por sons de violão e de tambores, de crianças cantando, por barulhos de folhas, de vento, de animais. A narradora fala:

A roda do jongo estava formosa e encantadora, o povo inteiro animado, era uma grande roda gigante, com tantos jongueiros concentrados, pareciam não perceber todos os convidados. A natureza estava em festa...[...] O caxinguelê olhando tudo. Convidado, adorado e ficava olhando...olhando...olhando... olhando...enamorado! (Lazir, 2022 - transcrição de áudio).

²⁹ Disponível no *site*: <http://jongodaserrinha.org/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

³⁰ Disponível no *site*: <http://jongodaserrinha.org/livros/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

³¹ Disponível no *site*: <https://open.spotify.com/show/63ThOgYhAaEUyINR2FVI0y>. Acesso em: 25 mai. 2025.

Em seguida, enquanto a história continua a ser contada, ouvimos ao fundo a música “Caxinguelê”, cuja letra é:

Ah! Eu fui no mato...
 eu fui cortar cipó...
 Ah! Eu vi um bicho...
 esse bicho era caxinguelê
 Eu panhei o côco,
 caxinguelê tá me olhando.
 Eu quebrei o côco,
 caxinguelê tá me olhando,
 Eu lavei o côco,
 caxinguelê tá me olhando.
 Eu ralei o côco,
 caxinguelê tá me olhando.
 Fiz doce de côco,
 caxinguelê tá me olhando.
 Fiz bolo de côco,
 caxinguelê tá me olhando
 Fiz manjar de côco,
 caxinguelê tá me olhando
 Fiz quindim de côco,
 caxinguelê tá me olhando
 Um pedaço de côco,
 caxinguelê tá me olhando
 As minhas crianças,
 caxinguelê tá me olhando
 Aí meu Deus do céu
 caxinguelê tá me olhando
 Aí eu vou embora
 caxinguelê tá me olhando
 A Só...
 caxinguelê tá me olhando
 Aí meu Deus do céu
 caxinguelê tá me olhando
 Caxinguelê tá me olhando
 Ah! Eu fui no mato! (Lazir, 2022 -transcrição de áudio).

A história continua e narra a participação dos animais na roda de jongo, ou seja, a natureza se manifestava ao som da roda, durante toda a noite. Aguardavam o convidado especial chegar, o sol, fazendo a roda brilhar, acompanhado de nuvens e de um arco-íris. Os animais espalharam notícias sobre a festa da roda de jongo, por toda a natureza. Os jongueiros, os vovôs e vovós, cheios de sabedoria, no entanto, já sabiam que todos estavam lá! Uma festa abençoada por todas entidades, A narração encerra com outra música de roda de jongo ao som de tambores.

A figura 83 que reproduz uma página do livro, exemplifica a relação entre a manifestação cultural do jongo, transmitida oralmente ao longo de gerações como um símbolo de resistência da cultura afro-brasileira, e a natureza. Caxinguelê, mencionado

em uma das músicas cantadas na história, é um esquilo que fica observando, mas pode ser interpretado como uma metáfora para a presença constante da natureza em nossas vidas.

Figura 83 - Livro A roda encantada



Fonte: Sinval (2022).

Mesmo não analisando na íntegra o livro ‘Vovó Maria Joanna do Jongo da Serrinha’ (Sinval, 2022), como fizemos com o primeiro, consideramos importante, por exemplo, trazer as imagens que estão disponíveis no *site* para uma breve reflexão. Nas páginas disponíveis, encontramos palavras e imagens como terreiro, Jongo, Jongueiro; saias, roupas e turbantes das baianas; Oxum, Yemanjá, São Jorge Guerreiro, Xangô. Assim, observamos que a obra valoriza a cultura e religião afro-brasileira, mostrando a sua preservação mesmo com a imposição da religião cristã por muitos brancos. Ao ler a história de Vovó Maria Joanna (Figura 84), nos deparamos com a luta para manter a tradição do jongo ao longo dos 200 anos de Brasil independente.

Figura 84 - Livro Vovó Maria Joanna do Jongo da Serrinha



Fonte: Sinval (2022).

Nesse sentido, verificamos que Rafaela Rodrigues Martins utiliza o Jongo da Serrinha como fonte para a construção de seu *ebook* ‘Conhecendo o jongo’. Elaborado com na plataforma Canvas, o livro traz imagens digitais de negros e negras dançando o jongo ao som de tambores, do mapa da África e do Brasil, de braços com diferentes tons de pele erguidos e mãos fechadas para simbolizar luta. Ao longo de suas oito páginas, o seguinte texto pode ser lido:

O jongo é uma manifestação cultural de origem africana. Juntamente com os africanos escravizados, o jongo chegou no território brasileiro no período de escravização. Se manifestou por meio da percussão dos tambores, dos cantos e das danças coletivas e foi utilizado pelos africanos e negros brasileiros escravizados como um mecanismo de resistência para preservar a cultura e as memórias dos ancestrais. Atualmente, essa manifestação cultural é praticada por populações negras rurais e urbanas que se autodeclaram quilombolas. Pode-se dizer, que o jongo é uma prática que preserva memórias, tradições e valoriza a ancestralidade das populações africanas e afro-brasileiras. O jongo é resistência! (Martins, s.d.).

Na última página (Figura 86), a autora propõe, ao leitor, conhecer o jongo. Desse modo, entendemos que este material precisa de uma complementação ou aprofundamento, por isso a autora propõe, em sua sequência didática, a navegação no *site* do Jongo da Serrinha e outras pesquisas.

Figura 85 - Conhecendo o jongo



Fonte: Martins (s.d.).

Ao ter contato com o material produzido por Rafaela Martins compreendemos que os negros lutaram por independência, liberdade e também pela preservação de sua cultura ao longo dos 200 anos do Brasil independente.

Após analisar detalhadamente as produções que selecionamos, vamos, no último tópico da seção 4, fazer uma síntese das narrativas que circulam na *internet* sobre os 200 anos de Brasil Independente.

4.7 Uma síntese das produções

Realizadas as análises das 15 produções, observamos ser possível agrupá-las em quatro categorias (quadro 2):

1. **Produções que contribuem para a perpetuação da história oficial da Independência**, ao focar nas ações da elite do Sudeste aliada a membros da Corte Portuguesa que ficaram no Brasil (D. Pedro, princesa Leopoldina e José Bonifácio, principalmente), destacando o 7 de setembro e o Grito de ‘Independência ou Morte!’ como o ápice da emancipação do Brasil em relação à Portugal.
2. **Produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela**, ou seja, apesar de se aproximarem da história oficial, vão além dela, dando visibilidade a personagens e marcos históricos anteriores (como Inconfidência Mineira, Conjuração Baiana, Revolução de Pernambuco) ou posteriores (Guerra da Independência na Bahia, batalhas nas Províncias do Norte que resistiam a aderir à Independência do Brasil) ao Grito da Independência, no dia 7 de setembro de 1822. Apesar disto elas mantêm a glorificação do 7 de setembro como marco principal da Independência.
3. **Produções que criticam a história oficial do processo de independência do Brasil em relação à Portugal**: Produções que dão visibilidade a outros fatos e personagens que participaram do processo de emancipação do Brasil em relação a Portugal desde o final do século XVIII até as primeiras décadas do século XIX, e problematizam os marcos da história oficial que transformam a história do Sudeste em história nacional e exaltam D. Pedro I e o 7 de setembro como figuras centrais da Independência do Brasil. Narrativas que enfatizam a coexistência de diferentes projetos de Independência do Brasil (monarquistas, republicanos, contra ou a favor da permanência da escravidão), especialmente no Nordeste, Norte, além do Sudeste, bem como a participação de mulheres, indígenas, negros escravizados ou

libertos nas lutas por emancipação em diferentes regiões do Brasil. Ao fazer isto, elas possibilitam desnaturalizar o mito fundador do Brasil como um país que conquistou sua independência de forma pacífica e unificada. Além disso, analisam os limites da Independência que não beneficiou toda a população que morava no Brasil que continua a lutar contra sua exclusão até hoje.

4. **Produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente, para além da Independência do Brasil em relação a Portugal.** Lutas de populações subalternizadas que com a Independência do Brasil continuaram a ter sua cidadania negada, seus direitos humanos violentados – movimentos negros, indígenas, de mulheres, entre outros.

Quadro 2 - Categorias de análise das produções

Produções que perpetuam a história oficial da Independência	Produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela	Produções que criticam a história oficial do processo de independência do Brasil em relação à Portugal	Produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente
Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil (Rezzutti, 2021)	Finalmente, o Brasil Independente” (Souza; Priori, 2022).	Contra Tempo: Uma viagem de 200 anos” (Ciência na rua, 2022)	Revoltas populares no cordel (Oliveira, 2021)
Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil (Instituto Cayapiá, 2022)	Na trilha da Independência (Domingues, 2022)	A Caixa da história: Independência do Brasil: a criação de uma nação (Teixeira, 2023a)	Conhecendo o jongo (Martins, 2022)
Recrutinha -200 anos da Independência (Exército Brasileiro, 2022)	Jogo da Independência- (Plenarinho, 2022)	Livro infanto juvenil Independência do Brasil: a criação de uma nação (Teixeira, 2023b)	
Desafio da Independência - 200 anos” (IBGE,2022)	Animação: Bicentenário da Independência do Brasil (Câmara dos Deputados, 2022)		
Caça palavras :José Bonifácio (Oliveira, Souza, Vidal, 2022)			
Independência ou ...confusão! (Saad, 2020)			

Fonte: elaborada pela própria autora

Para a categoria que perpetua a história oficial da Independência, encontramos seis produções. Na categoria que amplia a abordagem da história oficial sem fazer crítica

a ela, verificamos quatro produções. Já na categoria em que as produções criticam a história oficial do processo de Independência do Brasil em relação à Portugal, localizamos três. Por fim, na última categoria em que existe uma abordagem de outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil independente, analisamos duas produções.

Como afirma Pimenta (2022), construir uma nação, um Estado e uma identidade nacional é uma tarefa difícil que envolve disputas entre interesses e necessidades de diferentes grupos sociais. Assim, as diversas histórias da Independência, como as elencadas no quadro 2 são interpretações possíveis de processos históricos demorados, contraditórios e complexos e, por isso, continuarão a estar em construção, pois não é resultado daquilo que se foi, mas das disputas e demandas do presente e daquilo que será.

Para ampliar a compreensão das nuances, diferenças e aproximações entre as quatro categorias que criamos para agrupar as 15 produções que analisamos, destrinchamos, para as obras de cada categoria, quais sujeitos históricos, e fatos são privilegiados, se e como a relação passado e presente é estabelecida, a formação de seus autores, conforme pode ser observado nos quadros 3, 4, 5 e 6.

Quadro 3 - Produções que perpetuam a história oficial da Independência

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil (Rezzutti, 2021)	Maria Francisca Isabel, Dom João VI, Dom Pedro I, Carlota Joaquina, Princesa Leopoldina, filhos de D. Pedro I, D. Pedro III Princesas indígenas (Muirá Ubi e Paraguaçu), Princesa negra Aqualtune; Príncipe negro (Custódio)	Invasão de Portugal por Napoleão; fuga da família real portuguesa para o Brasil (1807), Dia do Fico (1822), Independência do Brasil (1822), volta de Dom Pedro I para Portugal (1831), antecipação da maioria de Dom Pedro II para assumir o trono (1840).	Passado (biografia de príncipes e princesas)	Arquitetura e Urbanismo
Recrutinha - 200 anos da Independência (Exército Brasileiro, 2022)	Dom João VI, Napoleão Bonaparte, D. Pedro I, Princesa Leopoldina, José Bonifácio, Militares em 2022	Desfile cívico em 2022, Chegada da família real no Brasil (1807), Volta de Dom João VI à Portugal, Dom Pedro como príncipe regente (1821), Dia do Fico (1822),	Passado (apesar de ser uma viagem no tempo, o presente é a apenas o ponto de partida. O foco da história fica no passado).	Militar Continua...

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
		Grito da Independência do Brasil (1822)		
Caça palavras: José Bonifácio e a Independência do Brasil (Oliveira, Souza, Vidal, 2022)	José Bonifácio, Dom Pedro I, Dom João VI, Dom Pedro II.	Independência do Brasil (1822), Dia do fico (1822), chegada da família real no Brasil (1807), Revolução do Porto (1820), Volta de Dom Pedro I à Portugal (1831), Império (1822-1889)	Passado	Engenharia de Computação e História
Independência ou ...confusão! (Saad, 2020)	Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, Dom Pedro I, princesa Leopoldina, José Bonifácio, princesa Isabel, Dom Pedro II	Chegada dos portugueses no Brasil em 1500, Inconfidência Mineira (1789), Grito do Ipiranga (1822,) Assinatura da Lei Áurea (1888), Proclamação da República (1889), criação da bandeira do Brasil República, Hino Nacional (1922),	Passado (apesar de ser uma viagem no tempo, o presente é a apenas o ponto de partida. O foco da história são fatos isolados da história do Brasil)	Engenharia da computação; História
Velosinho e Joaquim e a Independência do Brasil (Instituto Cayapiá, 2022)	Dom Pedro, José Bonifácio, Leopoldina, Tiradentes, Frei Veloso, naturalistas	Inconfidência Mineira (1789), Missões de naturalistas europeus no Brasil – século XIX, Independência do Brasil (1822), Proclamação da República (1889)	Relaciona passado/ presente (viagem no tempo relacionando memórias históricas do presente com o passado, e pesquisas em botânica do passado com as do presente)	Farmácia História Artes
Desafio da Independência - 200 anos” (IBGE,2022)	Dom Pedro, Crianças negras e indígenas na Escola – séc XX. Funcionárias do IBGE – sec. XX	Independência do Brasil (1822), História do sistema monetário do Brasil Independente, Mudanças na configuração do território nacional	Relaciona passado/presente (compara sistemas monetários, configurações territoriais, mapas, e meios de transporte do Brasil nos 200 anos de Brasil Independente)	Estatística. Geografia

Fonte: elaborado pela própria autora.

O quadro 3 sintetiza as produções que perpetuam a história oficial da Independência. Os fatos históricos estão centrados nos atos político-institucionais de representantes da nobreza entre 1807 e 1840, com exceção de Tiradentes, na Inconfidência Mineira, que se torna o herói do Brasil República. Entre as seis produções, duas, além de informar sobre o passado da emancipação política do Brasil, abordam temáticas referentes aos 200 anos de Brasil Independente, relacionando passado e presente ao mostrar mudanças no sistema monetário e na configuração territorial (IBGE, 2022) e contar a história das pesquisas na área de Botânica (Instituto Cayapiá, 2022). Nenhuma delas aborda lutas de grupos excluídos socialmente para alcançar suas independências que é a temática que escolhemos abordar em nossa pesquisa, para além do processo de Independência do Brasil no século XIX.

Em relação aos sujeitos históricos relacionados às lutas por Independência, nas seis produções, eles são os tradicionais heróis da Independência do Brasil que participaram dos episódios ocorridos entre São Paulo e Rio de Janeiro: personagens brancos e da nobreza, em sua maioria homens, a não ser pela presença da Princesa Leopoldina. Crianças negras e indígenas (Rezzutti, 2021; IBGE, 2022), mulheres trabalhadoras (IBGE, 2022) são citadas, mas não na relação com movimentos por emancipação social, política ou econômica. Em Rezzutti (2021), as biografias de indígenas e negros são contadas na perspectiva eurocêntrica, ao transformá-los em príncipes e princesas de Contos de Fada e destacar sua relação harmoniosa com colonizadores brancos.

Portanto, ao que se refere às lutas por independência nos 200 anos de Brasil Independente, há uma perpetuação da História Institucional (Citron, 1984), que pode ser observada na seleção de fatos históricos relacionados à memória da elite política e econômica e que exaltam personagens que governaram o Brasil bem como as datas que marcaram suas ações. Esta seleção culmina na definição de datas comemorativas que denotam a construção da memória oficial e de tradições nacionais que legitimam os projetos de dominação (Bittencourt, 2009) e desconsideram outros sujeitos que participaram da emancipação do Brasil. Assim, concordamos com Marson (1984) que essa memória oficial também é um ato de poder.

Quadro 4 - Produções que ampliam a abordagem da história oficial sem fazer crítica a ela

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
Finalmente, o Brasil Independente (Souza; Priori, 2022).	Napoleão Bonaparte, Tiradentes, Dom Pedro, Leopoldina, Dom João VI, José Bonifácio, Carlota Joaquina, Princesa Isabel, Dona Amélia, Pedro II, Palestrante Mary Del Priori, Crianças brancas, negras e indígenas na escola	Inconfidência Mineira (1789), a Revolta dos Alfaiates na Bahia (1798), diversas revoltas em Pernambuco com destaque para a de 1817, chegada da família real no Brasil (1807), casamento de D. Pedro e Leopoldina, o Dia do Fico (1822), o Grito da Independência (1822), a aclamação de D. Pedro I.	Passado (apesar do relato do passado se dar em uma escola no presente)	História
Na trilha da Independência (Domingues, 2022)	Dom Pedro, José Bonifácio, Maria Quitéria, Maria Felipa, Princesa Leopoldina. Dom João VI	Grito da Independência (1822), Revolução de Pernambuco (1817), Revolução do Porto (1820), Dia do Fico (1822), Confederação do Equador (1824), Constituição de 1824.	Passado	História
Jogo da Independência- (Plenarinho, 2022)	Dom Pedro, Dom João VI, José Bonifácio, Leopoldina, Tiradentes, líderes da Conjuração Baiana (Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luiz Gonzaga e João de Deus.); Líderes da revolução de Pernambuco (Padre João Ribeiro, Domingos José Martins e Frei Caneca); Maria Quitéria de Jesus – heroína da Guerra da Independência na Bahia	Revolução Francesa (1789), Inconfidência Mineira (1789), Revolução Haitiana (1804), Conjuração Baiana (1798), chegada da família real no Brasil (1807), Revolução de Pernambuco (1817/1824), Revolução do Porto (1820), Dia do Fico (1822), Guerra da Independência na Bahia (1822-1823).	Passado	História
Animação :Bicentenário da Independência do Brasil	Dom João VI, José Bonifácio, Princesa Maria Leopoldina, Dom Pedro I, Maria	Chegada da família real no Brasil (1808), Independência do Brasil (1822), Guerra da independência do	Passado	Não identifica do Continua...

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
(Câmara dos Deputados, 2022)	Quitéria. e outros soldados	Brasil na Bahia (1823 – 1822)		

Fonte: elaborada pela própria autora

Ao analisarmos o quadro 4, observamos que as quatro produções, embora ampliem a abordagem da história oficial, mencionando fatos históricos que mostram como as lutas pela emancipação do Brasil ou de províncias específicas aconteceram também fora do eixo Rio – São Paulo, antes e depois de 1822 (Revolta dos Alfaiates na Bahia em 1798, Inconfidência Mineira em 1789, Revolução de Pernambuco em 1817, Guerra da Independência do Brasil na Bahia entre 1822 e 1823, Confederação do Equador em 1824), não problematizam a escolha do 7 de setembro como marco da Independência do Brasil. Além de não estabelecerem nenhuma relação entre o passado apresentado e questões do presente, também não discutem como alguns dos fatos adicionados tinham projetos para a emancipação em relação à Portugal, republicanos e/ou abolicionistas, que diferiam do projeto vencedor no dia 7 de Setembro, monarquista e escravocrata.

Ao adicionar estes outros acontecimentos, estas produções do quadro 4 também adicionam sujeitos históricos que não são apenas os nobres brancos europeus. Líderes negros da Conjuração Baiana (Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luiz Gonzaga e João de Deus); líderes da revolução de Pernambuco (Padre João Ribeiro, Domingos José Martins e Frei Caneca); soldados de baixa patente como Tiradentes e Maria Quitéria (primeira mulher que entrou para as Forças Armadas Brasileiras, depois de ter lutado vestida de homem na guerra da Independência do Brasil na Bahia); Maria Felipa, mulher negra que contribuiu para expulsar as tropas portuguesas do litoral da Bahia. No entanto, a ação destes sujeitos históricos é apresentada como complementar a ação da nobreza e elite do Sudeste, em um processo linear de conquista da emancipação do Brasil em relação a Portugal.

Vale destacar a presença de historiadores e historiadoras como principais autores/as das produções do quadro 4, enquanto no quadro 3, quando eles estão presentes, são coautores de produções escritas por profissionais de outras áreas de conhecimento (Engenharia, Arquitetura, Estatística, Farmácia). Inferimos que a presença de profissionais que se debruçam no estudo da História tem um repertório maior sobre a História do Brasil baseado em pesquisas historiográficas mais recentes, que complexificaram a compreensão do processo de emancipação do Brasil. Os profissionais

que não têm familiaridade com a História, reproduzem a história tradicional que circula, com mais frequência, nas mídias.

Quadro 5 - Produções que criticam a história oficial do processo de Independência do Brasil em relação à Portugal

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
Contra Tempo: Uma viagem de 200 anos” (Ciência na rua, 2022)	Homens e mulheres negros e negras que participaram da Revolução de Pernambuco, Governador de PE – Caetano Montenegro que liderou repressão à revolução. D. João VI e Carlota Joaquina, Dom Pedro I; Artistas e escritores atuantes na época das comemorações do Centenário da Independência: Lima Barreto, Di Cavalcanti, Tarsila Amaral. Sujeitos históricos que viveram na época do Sesquicentenário/Ditadura Militar: Coronel Ustra, Cineasta Osvaldo Massaini. Pessoas do presente: vereadora Marielle Franco; personagens da HQ: professor de História branco e; estudante negra (Bia).	Revolução Americana (1776), Revolução Francesa (1789), Inconfidência Mineira (1788 e 1789), Revolta dos Alfaiates (1798 e 1799), Revolução do Haiti (1804), Revolução de Pernambuco (1817), Independência do Brasil (1822). Centenário da independência (1922), Semana de Arte Moderna (1922), Sesquicentenário da independência (1972), Ditadura militar (1964- 1985), Governo Bolsonaro (2018 – 2022)	Relaciona Passado/ Presente (como memórias e esquecimentos do passado podem interferir na construção de um presente mais ou menos democrático)	Jornalismo, História
A Caixa da história - Independência do Brasil: a criação de uma nação (Teixeira, 2023a)	Povos originários, Colonizadores, homens da aristocracia rural, esposas dos aristocratas, Dom Pedro I, Leopoldina, José Bonifácio, negros escravizados, quilombolas	Pindorama (antes de 1500), Chegada dos portugueses no Brasil (1500), Período Colonial (1500-1822): Guerras dos Tamoios, Guerra aos Potiguara, Formação de quilombos,	Relaciona passado/ Presente (narra fatos do passado e indaga sobre a construção da nação no presente)	História, Educação, outras áreas de conhecimento Continua...

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
		Chegada da família real no Brasil (1808-1821), Independência do Brasil (1822) Império do Brasil (1822-1889), Capoeira Patriarcado		
Livro infantil juvenil Independência do Brasil: a criação de uma nação (Teixeira, 2023b)	Indígenas, africanos, negros escravizados, quilombolas, senhores de Escravos , Colonos x Comerciantes Portugueses, Fazendeiros, Dom Pedro, José Bonifácio, Leopoldina.	Chegada dos portugueses no Brasil (1500), Sistema colonial (1500-1822), Revoltas coloniais, Movimentos pela emancipação da colônia, Independência do Brasil (1822), Brasil Império (1822-1889).	Relaciona passado/ Presente (narra fatos do passado e indaga sobre a construção da nação no presente)	História, Educação, outras áreas de conhecimento

Fonte: elaborada pela própria autora

As produções agrupadas no quadro 5 possibilitam uma compreensão crítica do processo de Independência, ao abordar conflitos entre diferentes grupos sociais que constituíram a história do Brasil e ao problematizar os limites da Independência para garantir a construção de uma nação justa, equânime e democrática.

Teixeira (2023a, 2023b) desenvolve esta abordagem desde a chegada dos portugueses em 1500, suas guerras contra os povos originários, as revoltas de colonos contra comerciantes portugueses, a resistência de negros e negras à escravidão por meio da formação dos quilombos e da capoeira, as relações patriarcais e excludentes no passado e no presente.

A HQ *Contra Tempo* (Cardoso *et al.*, 2022) possibilita compreender como esquecimentos e memórias do passado podem influenciar na construção de um presente mais ou menos democrático, ao narrar uma viagem no tempo feita por uma estudante negra que busca memórias de projetos de independência republicanos e abolicionistas (Revolução de Pernambuco), que observa os silenciamentos presentes nas comemorações dos 100 e 150 anos da Independência do Brasil que exaltavam o progresso e as ações de D. Pedro I, ao confrontar um presente não democrático, apresentado no início da história, que homenageia um torturador (placa de rua com o nome do Coronel

Ustra) com um presente democrático, ao final, que homenageia, com uma placa de rua, Marielle Franco, ativista dos direitos humanos que foi assassinada pela milícia.

Enfim, histórias que narram o processo de Independência do Brasil e os 200 anos de Brasil independente sem centralizá-lo nos atos político-institucionais da elite política e econômica do Sudeste, no início do século XIX, no grito de ‘Independência ou Morte!’ de D. Pedro. Produções que rompem com a memória única do passado de uma nação, contrapondo-a a outras memórias de grupos dominados, silenciados como propõe Citron (1984) em sua pedagogia da memória, que problematizam o presente por meio do estudo do passado. Como afirma Bia, personagem central da HQ *Contra Tempo*, ao final de sua viagem no tempo, “em diferentes lugares e momentos, muitas pessoas de todo tipo fizeram a história da independência. E elas continuam a fazer a nossa história até hoje” (Cardoso *et al.*, 2022, p. 63).

As produções agrupadas no quadro 5 se aproximam do que propõem Pimenta (2022), Neves (2020), Oliveira (2022) e Kraay (2010), ao afirmarem que o processo de Independência implica em uma pluralidade de projetos, ações, sujeitos que culminaram nas várias independências e não somente na ação do governo de Dom Pedro em sete de setembro de 1822, uma data inventada para o marco da Independência do Brasil. Assim, se faz necessário desnaturalizar essa data como possibilidade de criar outras culturas de história.

Desnaturalização esta feita por Teixeira (2023a, 2023b), ao problematizar o que é ser nação e se realmente todo nosso processo histórico criou uma nação, já que persistem várias exclusões sociais:

O Brasil foi Colônia, Reino Unido e Império. Mas será que é nação? Precisamos contar essas histórias para descobrir quem somos nesse grande território, onde se continua a viver lutas de resistência. Lutas por justiça e igualdade, feitas com grande persistência, para vencer essa longa e contínua exclusão. A escuta atenta dessas histórias pode nos inspirar no caminho de uma urgente transformação (Teixeira, 2023b, p. 18)

Em relação aos autores destas obras, destacamos a valorização de historiadores por entidades educativas como a Ciência na Rua e a Emabrinq - Serviços e Brinquedos Educativos que se preocupam em contar histórias que rompem com a história tradicional. Além disso, no confronto com as produções das categorias anteriores, pudemos compreender como os profissionais da História participam da disputa de narrativas sobre o passado e o presente do Brasil, com diferentes intencionalidades.

Quadro 6 - Produções que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente

Produções	Sujeitos históricos	Fatos históricos	Relação passado/presente	Formação dos autores
Revoltas populares no cordel (Oliveira, 2021)	Povos originários, Governador Mem de Sá, Zumbi dos Palmares, Dandara, Nzinga de Angola, Gregório Luís, Luís Gonzaga, Lucas Dantas, Manual Faustino, João Alfaiate, Luís Lopes – o corneteiro, Maria Felipa, Maria Quitéria, Joana Angélica Daniel Lisboa, Labatut Cochrane, e mercenários ingleses, Soldados Sabino e Pacheco, João do Mato, Padre Batista Campos, Angelim, Mãe da Chuva, Antônio Conselheiro, Presidente Marechal Hermes da Fonseca, João Cândido, Marujo Marcelino, Marielle Franco,	Período colonial (1500-1822) e suas revoltas: Guerra na Bahia (massacre Tupiniquim-1559), Quilombos dos Palmares (1590) e Oiti, Revolta no Engenho de Santana (1789), Conjuração Baiana (1798), Guerra da Independência na Bahia (1822 - 1823), Cabanagem (1835-1840), Balaiada (1838-1841), Canudos (1896 -1897), Revolta da Chibata (1910)	Relaciona passado e presente (revoltas populares no passado e lutas contra exclusão no presente)	Educação Teatro
Conhecendo o jongo (Martins, s.d.)	Negros e negras	Período de escravidão/ comunidades quilombolas atuais	Relaciona passado/ Presente (preservação de manifestações culturais originárias da África)	Pedagogia

Fonte: elaborada pela própria autora

O quadro 6 apresenta duas produções, entre várias compartilhadas no Portal do Bicentenário, que abordam outras lutas por liberdade ao longo dos 200 anos de Brasil Independente, de grupos excluídos que resistiram à sua exploração e ao seu silenciamento, entre movimentos de repressão da elite econômica e política e conquistas de direitos. Neste aspecto, essas produções possibilitam olhar para o Bicentenário da Independência, considerando os seus 200 anos, na relação com o passado colonial, e não apenas o contexto da emancipação em relação à Portugal, no século XIX.

O livro de cordéis (Oliveira, 2021) valoriza diversos movimentos contra processos de exclusão no passado e no presente: a luta de indígenas contra seu extermínio, a formação de quilombos, a existência de projetos de Independência republicanos e abolicionistas diferentes do projeto vencedor monarquista e escravocrata, a contribuição de soldados, mulheres e homens do povo, negros e indígenas, na guerra da Independência do Brasil na Bahia, a luta pela terra, por melhores condições de trabalho, por direitos humanos. O livro é sequência didática sobre o Jongo (Martins, s.d.) dá visibilidade às manifestações culturais africanas preservadas, no Brasil, pela tradição oral, pela força das comunidades quilombolas, apesar de várias tentativas de imposição da cultura branca e cristã, antes e depois da Independência. Ao considerarem outras lutas e histórias, essas produções fazem com que a história oficial do passado nacional seja compreendida na sua relatividade em relação a outras histórias, as dos não dominantes (Citron, 1984) e abre espaço para se compreender o presente em suas diferenças e desigualdades e pensar futuros menos excludentes

Estas produções também possibilitam compreender como a história pode ser contada por diferentes linguagens como o cordel, a dança e o canto, com a ajuda de pedagogos, profissionais do teatro, numa ação transdisciplinar.

Em síntese, entre as obras que selecionamos analisar, detectamos a predominância de produções que perpetuam a memória história oficial, ou seja, 10 entre as 15 escolhidas para compor o *corpus* documental de nossa pesquisa. No entanto, duas observações são importantes. A primeira é que a perpetuação da memória histórica oficial se dá com nuances como as destacadas entre as categorias 1 e 2 de nossa síntese. A segunda é que este resultado não nos permite afirmar que, no conjunto das produções elaboradas para o Bicentenário da Independência do Brasil, houve a predominância das narrativas que silenciam a multiplicidade de sujeitos históricos, lutas e projetos de sociedade que constituíram e constituem os 200 anos de Brasil Independente. Nossas buscas não localizaram a infinidade de produções que foram disponibilizadas na *internet*, o que afirmamos ser impossível na cultura digital em que a maioria das pessoas podem ser emissoras e não apenas receptoras, e na qual a performatividade algorítmica invisibiliza muito do que foi compartilhado.

O que podemos afirmar é que, nas comemorações do Bicentenário da Independência, foram produzidas e compartilhadas uma complexa gama de materiais multimidiáticos que, em suas nuances, podem ser explorados, na escola, para desenvolver práticas educativas que estabeleçam o confronto e discussão de diferentes experiências

históricas, projetos e práticas sociais que, em 200 anos, constituíram e continuam a constituir o Brasil independente, e que contribuam para a formação de cidadãos/cidadãs críticos que considerem tudo isso para definir seus posicionamentos e seu agir social.

Isto parece complexo para crianças, mas em nome de simplificar, corremos o risco de manter a propagação da perspectiva tradicional da história como a única, o que perpetua desigualdades, silencia diferenças e múltiplas lutas sociais que são imprescindíveis para a formação de crianças cidadãs que se sintam responsáveis por agir no seu presente para construir um futuro mais justo para todos e todas

Assim, é importante que professores/as, analisem criticamente os diferentes usos do passado, baseados em distintas maneiras de estabelecer relações entre o presente e o passado ou passados possíveis (Rocha, 2022) , para poderem planejar com criatividade e criticidade e com base em seus conhecimentos históricos, pedagógicos e didáticos, aulas que, por meio de metodologias adequadas para crianças de diferentes faixas etárias, confrontem estas abordagens, em prol de uma educação democrática que dê visibilidade aos que foram marginalizados e esquecidos pela memória histórica oficial e desconstruam a visão romântica e heroica da Independência do Brasil e de seus 200 anos de Independência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificarmos, selecionarmos, problematizarmos e analisarmos criticamente produções que circulam na *internet* sobre os 200 anos de Brasil independente para crianças, tivemos como objetivo refletir sobre os materiais que foram elaborados na ocasião do Bicentenário da Independência do Brasil e que podem ser utilizados no planejamento de aulas que promovam uma educação antirracista, antissexista e que contribuam para a construção de uma país mais democrático e equânime.

As tecnologias digitais de informação e comunicação possibilitaram a diversificação e divulgação de produções que abordam conteúdos históricos a partir de perspectivas diferentes, podendo informar, mas também desinformar. Assim, ficam disponíveis e manipuláveis no *ciberespaço*, uma infinidade de múltiplas produções, que podem estar mais ou menos visíveis, conforme a performatividade algorítmica. Professores e professoras da Educação Básica, ao fazerem a curadoria destas produções, como a experimentada nesta pesquisa, e se apropriarem com criatividade e criticidade delas para o planejamento de suas aulas, contribuem para que os estudantes sob sua responsabilidade compreendam o fluxo frenético de informações na *internet* que traz consigo, por exemplo, a disputa de abordagens históricas para a compreensão da complexidade de nosso presente.

Seria imprudente falarmos da inserção da tecnologia digital em sala de aula sem problematizarmos as fontes a serem trabalhadas com os estudantes. Nesta pesquisa, a partir do tema do Bicentenário da Independência, do levantamento e seleção de fontes digitais, digitalizadas ou impressas divulgadas digitalmente e da análise histórica das mesmas, pudemos experimentar esta problematização, confrontando diferentes abordagens sobre os 200 anos de Brasil Independente e suas intencionalidades que não visam apenas rememorar o passado, mas interpretá-lo a partir de demandas do presente e de expectativas para o futuro.

Ao termos o cuidado de buscarmos e selecionarmos produções para além daquelas apresentadas inicialmente pela performatividade algorítmica, conseguimos observar a coexistência de obras didáticas, literárias, paradidáticas escritas, audiovisuais, imagéticas com várias nuances. Desde aquelas que perpetuam a exaltação a ações de personagens da elite política e econômica do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo (nobreza e elite agrária) e que transformam a Independência num "conto de fadas" povoado por príncipes e princesas, focando no 7 de setembro, àquelas que procuram ampliar a compreensão do

processo de Independência do Brasil para além do marco do 7 de setembro e que buscam discutir outros projetos de Independência forjados em outras regiões, até aquelas que discutam os 200 anos de lutas por Independências no Brasil de grupos sociais não beneficiados pela Independência - negros escravizados, indígenas, mulheres, entre outros grupos subalternizados.

Neste aspecto, por meio desta pesquisa, ao analisarmos 15 produções sobre o Bicentenário da Independência do Brasil, podemos agrupá-las em quatro categorias: 1) as que perpetuam a história oficial, 2) as que ampliam a memória oficial, mas não a criticam, 3) as que criticam os marcos oficiais do processo de Independência do Brasil, 4) aquelas que buscam abordar outras lutas por liberdade nesses 200 anos de Brasil independente.

Entendemos que, mesmo que haja produções que mantêm a exaltação a heróis da elite política e econômica, perpetuam a memória histórica nacional forjada no início do século XX (Bittencourt, 2009), e transformam a complexa conquista da Independência do Brasil, enquanto nação e enquanto uma sociedade formada por diferentes segmentos sociais, em uma história única que silencia desigualdades e lutas diversas, é preciso compreender suas intencionalidades (Le Goff, 1990) e a coexistência de produções com outras perspectivas. O que nos cabe enquanto educadoras, é confrontá-las, colocar em discussão outras possibilidades de se conceber e ensinar História, de se entender os 200 anos de Brasil Independente. É levar para a sala de aula, como sugerem Marson (1994), Franco (2010) e Randy Bass (2022), objetos históricos construídos no passado e no presente, em sua diversidade e complexidade, transformando-os em produtos educacionais que mobilizem os estudantes para indagarem os poderes implícitos nestas produções, suas intencionalidades e como impactam na compreensão que temos de nosso presente, das possibilidades para o futuro, das nossas responsabilidades sociais.

Este confronto envolve a discussão de como o processo de Independência do Brasil foi constituído por muitos outros episódios para além do 7 de setembro e das articulações políticas feitas no Sudeste, os quais, conforme Pimenta (2022) e Oliveira (2022), demonstram a existência de múltiplos projetos de Brasil espalhados por diferentes regiões e mobilizados por diferentes grupos sociais. Também envolve, na perspectiva do Portal do Bicentenário, refletir sobre como a Independência do Brasil não representou Independência para a maioria de sua população que continuou tendo sua liberdade cerceada pela escravidão, pelo patriarcado, pelas desigualdades sociais, pela

discriminação, racismo e machismo. Maioria esta que lutou e luta por suas Independências, o que já resultou em várias conquistas.

Defendemos que profissionais que atuam nos anos iniciais da Educação Básica precisam considerar estas nuances interpretativas em seus planejamentos e nas práticas educativas que desenvolvem com as crianças, para assim contribuir com a formação de cidadãos críticos e atuantes que se sentem responsáveis pela construção de uma sociedade democrática, antirracista, antipatriarcal e de equidade social.

Um dos desafios a ser enfrentado no cotidiano escolar é dar visibilidade àqueles que foram esquecidos, marginalizados no estudo do processo histórico que constituiu e constitui o Brasil independente há 200 anos, bem como às múltiplas lutas pela emancipação do nosso país e pela conquista da liberdade daqueles que não foram beneficiados pela Independência do Brasil em relação à Portugal. É trazer para o campo educacional discussões sobre a formação da memória de um determinado passado e reflexões sobre que Brasil queremos.

Esperamos que nossa pesquisa contribua para compreensão da necessidade de apropriação seletiva de documentos históricos, sejam eles digitalizados, digitais, impressos ou divulgados digitalmente, bem como da formação de professores para esta escolha crítica de conteúdos que as tecnologias digitais ampliaram a produção e circulação, e sua utilização no planejamento de práticas educativas reflexivas a serem desenvolvidas no cotidiano escolar.

Ademais, datas cívicas como o 7 de setembro e os 200 anos de Independência do Brasil, mais do que feriados, constituem nossas identidades e compreensões do presente que vão além da época da comemoração. Assim, a reflexão sobre a Independência do Brasil e as lutas por outras Independências de seus vários grupos sociais deve estar presente no processo de ensino e aprendizagem da história do Brasil e da formação cidadã das crianças.

REFERÊNCIAS

BASS, Randy. Reconectar a sala de aula de História e Estudos Sociais: necessidade, parâmetros, perigos e propostas. In: ROSENZWEIG, Roy. *Clio conectada: o futuro do passado na era digital*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022. p.179 - 213.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *Conectados História: 5º ano*. São Paulo: FTD, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. As tradições nacionais e o ritual das festas cívicas. In: PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25 – 40.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. v. 5.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *Animação Bicentenário da Independência*. 1 jul. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/894114-animacao-bicentenario-da-independencia/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL: Plenarinho. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. *Jogo da Independência*. 2022. Disponível em: <https://plenarinho.itch.io/jogo-da-independencia>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL: Plenarinho. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. *Concurso de Desenho Imperatriz Leopoldina*. 12 set. 2017. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/2017/09/concurso-desenho-imperatriz-leopoldina/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL: Plenarinho. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. *Concurso de Desenho sobre D. João VI*. 15 fev. 2018. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/2018/02/concurso-de-desenho-sobre-d-joao-vi/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BRASIL: Plenarinho. Brasília, DF: Câmara dos Deputados. *Concurso de desenho e redação sobre José Bonifácio*. 12 jul. 2019. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/2019/07/concurso-de-desenho-e-redacao-sobre-jose-bonifacio/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CAMILO, Kelly Alves; FRANCO, Aléxia Pádua. Estudos culturais, relação mídia-escola e os 200 anos de Brasil independente: aproximações epistemológicas. In: QUILLICI NETO, Armindo; MORAIS, Maria Isabel Silva de (org.). *Papyrus: escritos acadêmicos sobre epistemologia da educação*. Itapiranga: Ed. Schreiber, 2024. v. 2.

CARVALHO, Carolina Vieira; BOTELHO, Rafael Lucas Barros; RASSI, Marcos Antônio Caixeta. *Revista Pergaminho*, Patos de Minas, n. 12, p. 106 -115, 2021. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/article/view/4549>. Acesso em: 17 maio 2025.

CARVALHO, José Murilo de. Tiradentes: um herói para a República. In: *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990,

p.55 – 73.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 295 - 316.

CHARTIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. *Ápis Mais: História: 4º ano*. São Paulo: Editora Ática, 2021a.

CHARTIER, Anna Maria; SIMIELLI, Maria Elena. *Ápis Mais: História: 5º ano*. São Paulo: Editora Ática, 2021b.

CITRON, Suzanne. Em busca das memórias perdidas. In: _____. *Ensinar a História hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. p. 105 - 129.

CARDOSO, Ana; *et al.* Contra tempo: uma viagem de 200 anos. *Ciência na Rua*, jan./set 2022. Disponível em: <https://tapas.io/series/Contra-Tempo-Uma-Viagem-de-200-Anos/info>. Acesso em: 20 jun. 2024.

DOMINGUES, Joelza Ester. *Na trilha da Independência: do Rio de Janeiro a São Paulo*. 2 set. 2022. Disponível em: <https://studhistoria.com.br/produto/jogo-de-tabuleiro-na-trilha-da-independencia/>. Acesso: 01 jul. 2024.

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos. *Maioria desconhece 200 anos da Independência e diz que eleições vão mobilizar atenção em 2022*. 10 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/3742/en-us/>. Acesso em: 17 jul 2024.

FONSECA, Nelma Marçal Lacerda; BAHIENSE, Priscilla Nogueira. A Educação no Centenário da Independência do Brasil (1922). *Revista Brasileira de Educação Básica*, ano 7, n. especial – Bicentenário da Independência, set. 2022. Disponível em : <https://rbeducacaobasica.com.br/2022/09/05/a-educacao-no-centenario-da-independencia-do-brasil-1922/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

FRANCO, Aléxia Pádua. A cultura midiática infantil e a construção da noção de tempo histórico. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 30, n. 82, p. 310 – 323, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/33T8QPXdRzcd4ZWKgzCFmNf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622010000300003>

FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. A apropriação docente dos livros didáticos de história: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves.; PINTO JR, Aarnaldo (org.). *Paisagens da pesquisa contemporânea sobre o livro didático de História*. Jundiaí: Paco Editorial; Campinas: Centro de memória / UNICAMP, 2013. p. 99 - 126.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Angela de Castro. A história do Brasil de Cultura Política. In: _____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 157 - 200.

GRANGEIRO, Cândido Domingues. *Encontros História: 5º ano*. São Paulo: FTD, 2018.

- GRITO dos excluídos e excluídas, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gritodos-excluidos.com/sobre-grito-dos-excluidos-e-excluidas>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desafio da independência: 200 anos. *IBGE educa crianças*. 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brincadeiras-2/21529-desafio-da-independencia.html>. Acesso em: 07 ago.2024.
- KRAAY, Hendrik. A invenção do sete de setembro, 1822-1831. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n.11, p. 52 - 61, maio 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11738/13513>. Acesso em: 22 set.de 2023.
<https://doi.org/10.11606/issn.1808-8139.v0i11p52-61>
- KRAAY, Hendrik. Quando foi a Independência do Brasil? *História Aberta! Anpuh*, [s.l.], 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www.historiaaberta.com/post/quandofoia-independenciado-brasil>. Acesso em: 22 set. 2023.
- LE GOFF, Jacques. Documentos/Monumentos. *In: História e memória*. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora UNICAMP, 1990. p. 462 - 474.
- LEMOES, A.; PASTOR, L. Performatividade algorítmica e experiências fotográficas: uma perspectiva não-antropocêntrica sobre as práticas comunicacionais nos ambientes digitais. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 147 - 166, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21562>. Acesso em: 11 set. 2023.
<https://doi.org/10.34019/1981-4070.2018.v12.21562>
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ed.34, 1999.
- MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. *In: SILVA, Marcos A. da (org.). Repensando a História*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1984. p. 37 - 64.
- MARTINS, Rafaela Rodrigues. *Conhecendo o Jongo*. Uberlândia, [s.d.] Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/historia-oral-memorias-do-jongo-2/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (org.); *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINORELLI, Caroline; CHIBA, Charles. *Vida criança: História: 5º ano*. São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2021.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Os esquecidos no processo de Independência: uma história a se fazer. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alm/a/4Y94RFYh6GcssP_XZjfRZp_Q/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 22 set.2023. <https://doi.org/10.1590/2236-463325ef00220>
- NORONHA, Carlos Machado. Lima Barreto e as comemorações do Centenário da Independência do Brasil: uma leitura sobre memória, história e poder. *Revista Expedições*, Morrinhos- GO, v.8, n.3, p. 240 – 258, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/en/article/view/4258. Acesso em: 03 jul. 2025.

OLIVEIRA, Alexander de, SOUZA, Rudney Forti, VIDAL, Suyan Rocha. *Caça-palavras José Bonifácio*. Santa Cecília, 2022. Disponível em: <https://www.santos.sp.gov.br/?q=institucional/caca-palavras-jose-bonifacio>. Acesso em: 15 set. 2024.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *Ideias em confronto: Embates pelo poder na Independência do Brasil (1808-1825)*. São Paulo: Todavia, 2022.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *Ligamundo história, 5º ano*. São Paulo: Saraiva, 2017.

OLIVEIRA, Pedro de Albuquerque. *Revoltas populares no cordel*. Ilhéus, 2021. Disponível em: https://portaldobicentenario.org.br/wp-content/uploads/2022/06/MATERIAL-PRINCIPAL_pedro.pdf. Acesso em: 10 set. 2024.

OLIVEIRA, Sandra. R. F. de, AQUINO, Luciana. F. de. A Independência do Brasil nos livros didáticos para crianças: uma análise da produção didática entre as décadas de 1970 e 2000. *História & Ensino*, Londrina, v. 23, n. 2, 155 – 180, 2015. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/29805>. Acesso em: 16 de jul. de 2024. <https://doi.org/10.5433/2238-3018.2017v23n2p155>

PIMENTA, João Paulo *et al.* A Independência e uma cultura de história no Brasil. *Almanack*, São Paulo, n. 8, p. 5 - 36, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-463320140801>. Acesso em: 10 dez. 2023. <https://doi.org/10.1590/2236-463320140801>

PIMENTA, João Paulo. *Independência do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2022.

PORTAL do bicentenário: um portal de vários Brasis, [s.d.]. Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

RECRUTINHA: 200 Anos Da Independência. *Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro*, nº 36, 2022. Disponível em: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382066a7888d4e1ac>. Acesso em: 05 jun. 2024.

REZZUTI, Paulo. *Princesinhas e principezinhos do Brasil*. São Paulo: Pingo de Ouro, 2021.

REZZUTI, Paulo. *Princesinhas e principezinhos do Brasil*. Youtube, 6 out.2021. Disponível em: <https://youtu.be/wvsJlIVw6Mg?si=RYVLr4khGB-jLHFO>. Acesso em: 6 nov. 2024.

ROCHA, Helenice. Los sujetos de la independencia de Brasil en la escuela y en otros lugares. *Clio & Asociados*, n.35, jul./ dez. 2022. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.18215/pr.18215.pdf. Acesso em: 16 ago.2025. <https://doi.org/10.14409/cya.2022.35.e0001>

SAAD, Sergio Sami. *Independência ou... confusão! História ilustrada do Brasil*. Santos, SP: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2020.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

STARLING, Heloisa (org.); PELLEGRINO, Antonia. *Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SCHEIMER, Maria Delfina Teixeira. Ensino de história e Estudos Culturais. *La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 17, n. 1, p.155-168, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/465/332>. Acesso em: 10 dez.2023.

SINVAL, Lazir. *Jongo Magia: A roda encantada*. 24 mar.2023.Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3XKuupWulS9ge3bBX3KVmu>. Acesso em: jan. 2025.

SOUSA, Maurício de; DEL PRIORE, Mary. *Finalmente, o Brasil Independente*. São Paulo, SP: Editora Melhoramentos, 2022.

TEIXEIRA, Claudia Hlebetz. *Caixa da História: Independência do Brasil: a criação de uma nação*. Niterói, RJ: Histórias de Crianças, 2023a. Disponível em: <https://historiasdepindorama.com.br/independencia-do-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2024.


TEIXEIRA, Claudia Hlebetz. *Independência do Brasil: a criação de uma nação*. Niterói, RJ: Histórias de Crianças, 2023b. Disponível em: <https://historiasdepindorama.com.br/independencia-do-brasil/>Acesso em: 10 ago. 2024.

TV Brasil. *Bicentenário da Independência: como as crianças veem a data?* *YouTube*, 3 de set. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7-4xX528co>. Acesso em: 14 jun. 2024.

VELOSINHO e Joaquim e a Independência do Brasil. *Instituto Cayapiá*, Tiradentes, Ano I, nº3, set./out. 2022. Disponível em: <https://cayapia.org.br/velosinho-joaquim-e-a-independencia-do-brasil/#>. Acesso em: 10 jun. 2024.


APÊNDICE - QUADROS REFERENTES AS PRODUÇÕES ENCONTRADAS PARA ANÁLISE DA PESQUISA

Quadro 7 - Jogo da Independência- Plenarinho

Produto Digital	Jogo da Independência	
Imagem		
Sinopse	Um jogo de cartas, no qual cada carta apresenta um fato histórico e duas possibilidades. O jogador escolhe para qual caminho quer seguir. Se o jogador estiver se afastando dos fatos da História do Brasil, o fundo da carta ficará escuro, se estiver claro, está tudo bem. Fundo marrom a história chegou a um fim inesperado!	
Sujeitos abordados	Dom Pedro, Dom João, José Bonifácio, Leopoldina, Marquês de Pombal, D. José I, D. Maria I, Carlota Joaquina, Visconde de Barbacena, Joaquim Silvério, Joaquim José da Silva Xavier, Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luíz Gonzaga, João de Deus, D. João VI, General Gomes Freire de Andrade, General William Beresford, Mercenários John Grenfell e Lord Cochrane, Padre João Ribeiro, Domingos José Martins e Frei Caneca, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, José de Barros Lima, General Luíz do Rego Barreto, Thomas Cochare (Batalha do Pirajá), Maria Quitéria.	
Marcos Históricos/Datas	1755 -Brasil Colônia; 1763 - Rio capital do Brasil; 1789 -Revolução Francesa; 1792- Fim da Inconfidência Mineira; 1799/1807-Guerras Napoleônicas /Revolução Francesa; 1808- Família real chega ao Brasil; 1817- Dom Pedro e Leopoldina se casam; 1817- Revolução Pernambucana; 1820-Revolução Liberal do Porto; 1821- Dom Pedro Nomeado Príncipe Regente; 1822- Dia do Fico; 1822- Independência ou Morte; 1823 – Guerra da Independência do Brasil na Bahia; 1825- Tratado de Paz e Aliança.	
Onde se localiza (link)	https://plenarinho.itch.io/jogo-da-independencia	
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Google</i> – “200 anos de independência do Brasil jogos”	
Ano de produção	2022	
Menciona Bicentenário?	O jogo foi produzido para a comemoração do Bicentenário.	
Autores	Plenarinho	
Faixa etária	Não especificado	
Áreas de conhecimento envolvido	História/Geografia	


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 8 - Desafio da Independência- IBGE

Produto Digital	Desafio da Independência		
Imagem			
Sinopse	<p>O jogo é composto por missões para investigar diferentes momentos dos 200 anos de Independência do Brasil. A cada vitória, o jogador ganha um selo para seu caderno de selos. São apresentadas quatro missões em uma sala: i) Baú de tesouros - apresentação dos diferentes padrões monetários: Réis e Cruzeiros e o jogador terá que tentar se aproximar da data de início de utilização de cada nota e adivinhar um jogo da memória de moedas; ii) Álbum de Lembranças - apresentação de fotos antigas: crianças Parintintin ouvindo gramofone de 1926, Escolinha de arte (RJ, 1955), Serviço Nacional de Recenseamento: setor de protocolo de 1960), depois o jogador deverá descobrir, na imagem, objetos que não pertenciam a 1790 e 1922; iii) Mapa - o jogador deverá descobrir qual era a população do Brasil nos seguintes anos: 1823, 1872, 1920 e 1970 e depois, descobrir qual era o mapa do Brasil em 1822, 1920, 1970 e 2022; iv) Cartas Antigas: o jogador deverá através de cartões antigos descobrir qual é a data das imagens e, em seguida, completar a frase (Por muito tempo, o Brasil foi colônia de _____. Foi há 200 anos em 7 de _____ de 1822, que D. _____ proclamou o grito de independência às margens do rio _____).</p>		
Sujeitos abordados	D. Pedro, crianças indígenas Parintintin, criança negra na Escolinha de Arte do RJ, mulheres que atuavam no Setor de Protocolo de Recenseamento		
Marcos Históricos/Datas	<p>i) Baú de tesouros – República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1968) ii) Álbum de lembranças- 1922- Centenário da Independência do Brasil. iii) Mapas- 3 de maio de 1823, primeira reunião da Assembleia Constituinte no Brasil, 1872- Pedro II, início do primeiro censo da história do Brasil, 1920 –Industrialização Crescente, 1970 - ditadura militar no Brasil. iv) Cartas- 7 de setembro de 1822.</p>		
Onde se localiza (link)	https://educa.ibge.gov.br/templates/ibge_educa_crianças/brincadeiras/desafio-independencia/		
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Google</i> – “200 anos de independência do Brasil jogos”		
Ano de produção	2022		
Menciona Bicentenário?	O jogo foi produzido para a comemoração do Bicentenário.		
Autores	IBGE		
Faixa etária	Não especificado		
Áreas de conhecimento envolvido	Artes, História, Geografia		


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 9 - Jogo de tabuleiro: na trilha da Independência

Produto Digitalizado	Jogo de tabuleiro: na trilha da Independência
Imagem	
Sinopse	<p>O jogo tem por finalidade conhecer o caminho percorrido por D. Pedro do Rio de Janeiro até a colina do Ipiranga. Os jogadores se posicionam na casa 1 e jogam o dado. O número indicado pelo dado é o número de casas que o jogador vai percorrer. Algumas casas têm instruções que devem ser seguidas: voltar ou avançar 1 casa, responder uma das cartas, pegar um atalho para avançar mais casas, escolher um participante para trocar de lugar.</p>
Sujeitos abordados	Dom Pedro
Marcos Históricos/Datas	Viagem de Dom Pedro (14 de agosto até 7 de setembro de 1822).
Onde se localiza (link)	https://ensinarhistoria.com.br/na-trilha-da-independencia-jogo-para-imprimir/
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Google</i> – “Independência do Brasil jogos digitais”
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	O jogo está entre vários materiais selecionados na aba Bicentenário da Independência
Autores	Joelza Ester Domingues
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 10 – Caça - Palavras: José Bonifácio e a Independência do Brasil

Produto Digital	Caça palavras
Imagem	
Sinopse	O jogo é um caça-palavras sobre José Bonifácio e a Independência do Brasil. Possui nível fácil, médio e difícil.
Sujeitos abordados	José Bonifácio de Andrada e Silva, Dom João VI, Dom Pedro I
Marcos Históricos/Datas	<p>1807-Corte portuguesa foge para o Brasil</p> <p>1821- Dom João VI retorna para Portugal e deixa seu filho D. Pedro no Brasil.</p> <p>1822-</p> <p>9 de janeiro - Dia do fico</p> <p>7 de setembro – Grito da Independência</p> <p>1826- Dom Pedro I volta para Portugal e deixa seu filho sobre a tutela de José Bonifácio.</p> <p>1889 – Proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil</p>
Onde se localiza (link)	https://www.santos.sp.gov.br/?q=institucional/caca-palavras-jose-bonifacio
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Google</i> – “200 anos de independência do Brasil jogos”- na página há um novo link que abre nova página para download do jogo
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	O jogo foi desenvolvido em comemoração aos 200 anos da Independência do Brasil.
Autores	Produzido pelos alunos do Curso de Engenharia de Computação da Universidade Santa Cecília - Unisantia. Desenvolvedores: Alexander de Oliveira, Rudney Forti Souza, Suyan Rocha Vidal. Orientadores: Dorotea Vilanova Garcia, João Inácio da Silva Filho
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História.


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 11- HQ Veloso e Joaquim e a Independência do Brasil

Produto Digitalizado	HQ-Veloso e Joaquim e a Independência do Brasil	
Imagem		
Sinopse	Nesta história, Velosinho e Joaquim viajam no tempo e encontram com Dom Pedro em 1822 em sua jornada em busca de apoio pela Independência e outros personagens históricos do final do século XVIII e início do XIX no Brasil.	
Sujeitos abordados	Botânico Auguste de Saint-Hilaire, Joaquim José da Silva Xavier, Frei Veloso, Dom Pedro I, José Bonifácio, princesa Leopoldina	
Marcos Históricos/Datas	1817-Leopoldina veio para o Brasil 1822- Independência do Brasil	
Onde se localiza (link)	https://www.ufmg.br/mhnbj/ceplamt/publicacoes/	
Como Encontrado	Busca por palavras chaves no <i>Google</i> imagens “200 Anos Da Independência HQ”. Ao clicar na imagem, houve o direcionamento para a página do Instituto de pesquisas Jardim Botânico no qual há um novo link para a HQ.	
Ano de produção	2022	
Menciona Bicentenário?	Sim, na página 6.	
Autores	Produzido com recursos arrecadados junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, dentro do projeto Ciência na Escola. Participação dos estudantes, professora/es e funcionária/os da Escola Municipal Marília de Dirceu, de Tiradentes.	
Faixa etária	9 a 12 anos	
Áreas de conhecimento envolvido	História, Botânica e Farmacologia	


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 12 - HQ RECRUTINHA - 200 Anos da Independência

Produto Digitalizado	HQ-RECRUTINHA - 200 Anos Da Independência - Nº 36 - 2022	
Imagem		
Sinopse	Recrutinha encontra Doutor Babê e fazem uma viagem no tempo, voltando a 1807 para corrigir um problema no fluxo do tempo, pois nesta história, Dom João não saiu de Portugal e, assim, Dom Pedro nunca teria proclamado a Independência do Brasil.	
Sujeitos abordados	Napoleão, Carlota Joaquina, Dom João, Dom Pedro, Leopoldina, José Bonifácio	
Marcos Históricos/Datas	1808 - Vinda da família Real para o Brasil, 1821 - Volta de Dom João para Portugal, 1822 - Dia do Fico, Grito da Independência.	
Onde se localiza (link)	https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382066a7888d4e1ac	
Como encontrado	Busca por palavras-chave no <i>Google</i> imagens “bicentenário da independência histórias em quadrinhos”	
Ano de produção	2022	
Menciona Bicentenário?	Sim	
Autores	Centro de comunicação social do Exército Brasileiro	
Faixa etária	Não especificado	
Áreas de conhecimento envolvido	História	


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 13 - HQ Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos

Produto Digitalizado	HQ Contra Tempo: Uma Viagem de 200 Anos
Imagem	
Sinopse	Bia, a personagem central da HQ, embarca numa viagem histórica, partindo dos dias atuais para voltar ao passado e (re)contar a História da Independência do Brasil. Bia é uma mulher negra, jovem e estudante de história dos dias de hoje.
Sujeitos abordados	Dom João, população negra de Pernambuco, Lima Barreto, militares, Marielle Franco
Marcos Históricos/Datas	Revolução Pernambucana de 1817; 1922- Comemorações do Centenário da Independência; 1972 - Ditadura Militar e a comemoração do Sesquicentenário; 2022
Onde se localiza (link)	https://tapas.io/series/Contra-Tempo-Uma-Viagem-de-200-Anos/info
Como encontrado	Busca por palavras chaves no buscador <i>Google</i> “200 Anos Da Independência HQ”.
Ano de produção	p2022
Menciona Bicentenário?	Foi produzido para refletir sobre os 200 anos de independência do Brasil
Autores	Desenho: Ana Cardoso; Cor: Hyna Crimson; Roteiro: Igor Marques; Pesquisa histórica: João Paulo Garrido Pimenta
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História

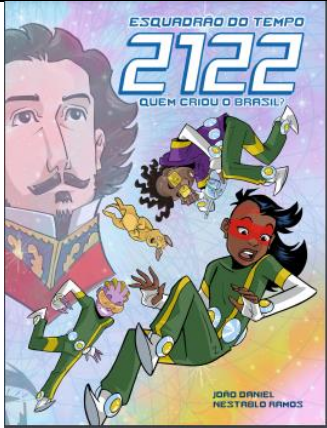
Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 14 - HQ Era uma vez... Brasil: Mais do que o Ipiranga, as independências dos outros Brasis

Produto Digital e digitalizado	Era uma vez... Brasil
Imagem	
Sinopse	Coletânea de histórias em Quadrinhos sobre a participação das mulheres nas guerras de independência do Brasil na Bahia.
Sujeitos abordados	Maria Quitéria, Maria Felipa, Joana Angélica
Marcos Históricos/Datas	2 de julho de 1823 –Guerra da Independência do Brasil na Bahia
Onde se localiza (link)	http://www.eraumavezbrasil.com.br/mais-do-que-o-ipuranga-as-independencias-de-outros-brasis-edicao-mata-de-sao-joao/
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Google</i> “200 anos de lutas pela independência para crianças”, depois há apresentação de 8 projetos, que são direcionados para outras páginas
Ano de produção	06/09/2023
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Alunos de Educação Básica do município de Mata de São João/BA
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 15 - HQ Esquadrão do tempo 2122: quem criou o Brasil

Produto digitalizado	História em quadrinhos
	
Sinópsse	Três estudantes da Escola Bonifácio têm de fazer um trabalho sobre quem criou o Brasil. Para isso, eles decidem voltar no tempo e entrevistar D. Pedro I.
Sujeitos abordados	Dom Pedro I
Marcos Históricos/Datas	1822 -1972
Onde se localiza (link)	https://www.gov.br/mre/pt-br/consulado-houston/noticias-consulado-geral-em-houston/brasil-2122
Como encontrado	Busca com palavras chaves no <i>Google</i> imagens “200 anos da independência do Brasil”.
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	Sim. A publicação, disponível em meio digital, fez parte do Programa de Ações Culturais do Consulado-Geral do Brasil em Houston em comemoração ao Bicentenário da Independência.
Autores	João Daniel Almeida e Nestablo Ramos
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História

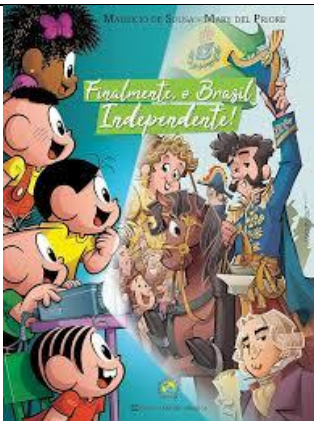
Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 16 - HQ 2 de julho - A Independência do Brasil na Bahia

Produto digitalizado	História em quadrinhos
	
Sinopse	A história em quadrinho narra importantes passagens históricas da Independência da Bahia, citando o papel de personagens que disseminaram os ideais de liberdade e reproduzindo trechos de fontes históricas.
Sujeitos abordados	Mestre José Bento, Joana Angélica, Capelão Daniel Lisboa, Madeira de Melo, Maria Felipa, D. Pedro I, Quitéria de Jesus, General Labatut, Indígenas Tapuias, Capitão Cipriano Justino de Siqueira
Marcos Históricos/Datas	1822 - 1823 – guerra da Independência do Brasil na Bahia
Onde se localiza (link)	https://www.tce.ba.gov.br/images/noticias/2023/06-JUN/2deJulho_HistoriaEmQuadrinhos_2023_TCE_WEB.pdf
Como encontrado	Palavras chave no buscador <i>Google</i> “Bicentenário da Independência história em quadrinhos”
Ano de produção	2023
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Tribunal de Contas do Estado da Bahia (TCE/BA) juntamente com cartunista Gentil e o jornalista Chico Castro Jr., responsável pelo roteiro
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 17 - HQ Finalmente, o Brasil Independente

Produto divulgado digitalmente.	HQ “Finalmente, o Brasil Independente”
Imagem	
Sinopse	O feriado da Independência do Brasil se aproxima e, no bairro do Limoeiro, a Turma da Mônica se prepara para uma palestra especial na escola com a professora e historiadora Mary, que irá abordar esse período histórico tão importante.
Sujeitos abordados	Tiradentes, Napoleão Bonaparte, Dom João VI, Dom Pedro, Maria Leopoldina, Maria da Glória, príncipe João Carlos, princesa Januária, José Bonifácio de Andrada, Irmãos Andradas, Dom Pedro II.
Marcos Históricos/Datas	Chegada da família real no Brasil, a regência de Dom Pedro, o Dia do Fico, os conflitos internos que culminaram na Independência do Brasil, como a Inconfidência Mineira e outros conflitos entre 1822 e 1823 como os ocorridos no Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia.
Onde se localiza (link)	Página do <i>facebook</i> de Mary Del Priore, uma das autoras da HQ: https://www.facebook.com/marydelpriore.ofc/videos/3264182117164978/ .
Como encontrado	Pesquisa no google por palavras-chave - livros infantis sobre o Bicentenário da independência do Brasil
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	O livro foi produzido no período das comemorações do Bicentenário da Independência.
Autores	Mauricio de Sousa, Mary Del Priore
Faixa etária	Leitura infanto-juvenil
Áreas de conhecimento envolvido	História, Literatura


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 18 - Vídeo - Animação Bicentenário da Independência

Produto Digital	Vídeo – Animação Bicentenário da Independência
Imagem	 <p>TV Câmara é parcialmente ou totalmente financiada pelo governo do Brasil.</p>
Sinopse	Em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil, uma animação artística apresenta alguns personagens importantes da nossa História, como a Imperatriz Leopoldina, Dom João VI, José Bonifácio e Dom Pedro I, para contextualizar os fatos que antecederam a emancipação política do país
Sujeitos abordados	Dom João VI, Leopoldina, Dom Pedro, José Bonifácio, . Maria Quitéria
Marcos Históricos/Datas	Vinda da Família Real para o Brasil (1808), Casamento Leopoldino e D. Pedro, Revolução do Porto, Volta de D. João VI para Portugal, Proclamação da Independência do Brasil (SP, RJ), Guerra da Independência do Brasil na Bahia (2 de julho de 1823) .
Onde se localiza (link)	https://www.camara.leg.br/tv/894114-animacao-bicentenario-da-independencia/
Como encontrado	Busca por palavras chaves no <i>You Tube</i> “animação independência do Brasil”
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Câmara dos Deputados
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História.


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 19 - Caixa da História: Independência do Brasil

Produto Digital e digitalizado	CAIXA DA HISTÓRIA: INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
	
Sinopse	Kit didático com um Livro digital de referência, a caixa da História para ser impressa, um livro infantojuvenil com o tema da Independência do Brasil, além de um minidocumentário e um vídeo-livro sobre o fato histórico
Sujeitos abordados	Cita portugueses, povos indígenas, população negra, fazendeiros no geral. Ao abordar a independência, menciona D. Pedro, José Bonifácio e Leopoldina.
Marcos Históricos/Datas	1500 – 1888: Chegada dos portugueses no Brasil, o sistema Colonial, revoltas coloniais, o grito da Independência, o Brasil Império.
Onde se localiza (link)	https://historiasdepindorama.com.br/independencia-do-brasil/
Como encontrado	Busca por palavras-chaves no buscador <i>Goggle</i> “200 anos de lutas pela independência para crianças”
Ano de produção	06/09/2023
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Eduarda Ramos
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 20 - Revoltas populares no cordel

Produto Digital e digitalizado	Revoltas populares no cordel
	
Sinopse	Através da literatura de cordel esta publicação busca narra revoltas populares ocorridas no Brasil Colônia e Império
Sujeitos abordados	Diferentes pessoas que participaram das revoltas populares abordadas nos cordéis, como, por exemplo, Ganga Zumba e Zumbi, Gregório Luiz, Faustino, João, Lucas Dantas, Luiz Gonzaga, Luiz Lopes, Maria Felipa, Maria Quitéria, Daniel Lisboa, Joana angélica, João do Mato, Angelim, padre Batista Campos, Mãe da Chuva, Domingos onça, Antônio Vicente, João cândido
Marcos Históricos/Datas	Revoltas populares que ocorrem no Brasil Colônia, Império e República, como, por exemplo, Guerras no Quilombo dos Palmares, Levante de Escravizados no Engenho de Santana (Ba), Revolta dos Alfaiates, Independência da Bahia, Cabanagem, Balaiada, Canudos, Revolta da Chibata
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/wp-content/uploads/2022/06/MATERIAL-PRINCIPAL_pedro.pdf
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentenário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	2021
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Pedro de Albuquerque Oliveira
Faixa etária	Não especificado
Áreas de conhecimento envolvido	História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 21- Livro a Menina Colorida

Produto digitalizado	A Menina Colorida
	
Sinopse	O livro traz desenhos para colorir organizados a partir da história de uma “menina colorida”. O objetivo central da história é possibilitar a criança o contato com a diversidade de cores e relacionar essa diversidade com a pluralidade étnico/racial.
Sujeitos abordados	Criança negra
Marcos Históricos/Datas	lei 10.639/2003
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/timeline/a-menina-colorida/
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	Não mencionado
Menciona Bicentário?	Sim, na apresentação do livro que explica que ele pretende contribuir “no processo de percepção dos 200 anos de luta no Brasil por liberdade de ser e existir”
Autores	Tais Pereira De Freitas
Faixa etária	O livro é destinado para crianças no segundo ano da Pré-Escola e primeiro ano do Ensino Fundamental
Áreas de conhecimento envolvido	Interdisciplinar


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 22 - Matemática criativa

Produto divulgado digitalmente	Matemática Criativa: Aprendendo Geometria confeccionando roupas de bonecas
	
Sinopse	Atividade didática sobre formas geométricas utilizadas para a confecção da roupa da menina que representa a menina do Portal do Bicentenário, a partir das do retângulo, losango e círculo presentes na Bandeira Nacional.
Sujeitos abordados	Menina que representa o Portal do Bicentenário e a Princesa Maria Leopoldina
Marcos Históricos/Datas	Bicentenário da Independência do Brasil
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/timeline/matematica-criativa-aprendendo-geometria-confeccionando-roupas-de-bonecas/
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentenário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	2021
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Adriana Santos Sousa, da equipe do Curso “1+1? É mais que 2!” oferecido pelo Centro Juvenil de Vitória da Conquista, Bahia que tem como objetivo realizar atividades práticas e lúdicas aliadas com a aprendizagem criativa de conteúdos matemáticos.
Faixa etária	Embora no portal esteja a descrição para desenvolver com Ensinos Fundamental II e Médio, a proposta pode ser adaptada ao ensino fundamental I.
Áreas de conhecimento envolvido	Matemática, História


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 23 - Livro Conhecendo o jongo

Produto digitalizado	Livro: Conhecendo o jongo
	
Sinopse	O livro propicia ao leitor a compreensão da cultura afrodescendente construída e preservada ao longo dos 200 anos de Brasil Independente, por meio do estudo da história do Jongo - patrimônio cultural imaterial tombado.
Sujeitos abordados	Afrodescendentes
Marcos Históricos/Datas	Período escravocrata e atualidade
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/timeline/historia-oral-memorias-do-jongo-2/
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentenário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	Sim
Autores	Rafaela Rodrigues Martins
Faixa etária	Educação Básica e estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Áreas de conhecimento envolvido	História, literatura

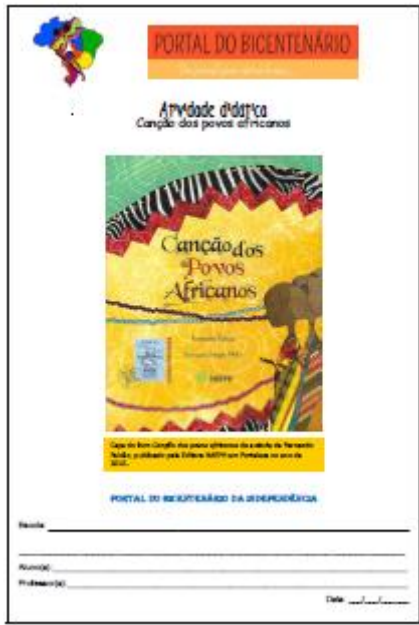
Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 24 - Canção Infantil “África”, do grupo Palavra Cantada

Produto digitalizado	Material didático a partir da Canção Infantil “África”, do grupo Palavra Cantada
	
Sinopse	As atividades propostas, a partir da música do grupo Palavra Cantada, têm um caráter antirracista, voltado para o combate ao preconceito e à discriminação raciais presentes tanto no cotidiano escolar como nas relações sociais nos espaços extraescolares.
Sujeitos abordados	Povos Africanos
Marcos Históricos/Datas	História da África
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/timeline/cancao-infantil-africa/
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	Foi elaborado para as comemorações do Bicentenário
Autores	Marcilaine Soares Inácio
Faixa etária	1º ao 3º ano do Ensino fundamental
Áreas de conhecimento envolvido	História, Geografia, Língua portuguesa e Artes


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 25 - Canção dos povos

Produto Digital e digitalizado	Atividade didática a partir da obra literária infantil – Canção dos povos africanos
	 <p>A imagem mostra a capa de um livro infantil intitulado 'Canção dos Povos Africanos'. No topo, há um logotipo do 'Portal do Bicentenário' com o lema 'Atividade didática Canção dos povos africanos'. A capa do livro apresenta uma ilustração colorida com uma paisagem africana, incluindo uma zebra e uma pessoa. Abaixo da capa, há um formulário com campos para 'Nome', 'Aluno(a)', 'Professor(a)' e 'Data'.</p>
Sinopse	As atividades propostas têm um caráter antirracista, voltado para o combate ao preconceito e à discriminação raciais presentes tanto no cotidiano escolar como nas relações sociais nos espaços extraescolares.
Sujeitos abordados	Povos Africanos
Marcos Históricos/Datas	História da África
Onde se localiza (link)	https://portaldobicentenario.org.br/timeline/obra-literaria-infantil-cancao-dos-povos-africanos/
Como encontrado	Busca específica no Portal do Bicentenário por produções que poderiam ser trabalhadas com crianças da Educação Infantil ou anos iniciais dos anos iniciais
Ano de produção	2022
Menciona Bicentenário?	Foi produzido para as comemorações do Bicentenário
Autores	Marcilaine Soares Inácio
Faixa etária	1º ao 3º ano do ensino fundamental
Áreas de conhecimento envolvido	Língua portuguesa, de história e de arte


Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 26 - Independência ou ... confusão! História Ilustrada do Brasil

Produto divulgado digitalmente	Livro Independência ou ... confusão! História Ilustrada do Brasil
	
Sinopse	O livro narra a história das crianças Gabito, Jonny, Lulu e Pedrinho que vão passar o feriado de 7 de setembro na casa da avó Nina e descobrem no sótão da casa uma banheira que viaja no tempo. Assim, acabam visitando alguns dos principais momentos da História do Brasil a bordo de uma máquina do tempo. Mas acabam interferindo no tempo causando uma enorme confusão.
Sujeitos abordados	Pedro Álvares Cabral, Tiradentes, Dom Pedro I, Princesa Isabel
Marcos Históricos/Datas	1500 com a chegada dos portugueses, Inconfidência Mineira, 7 de setembro de 1822 com a Independência do Brasil, Abolição da Escravatura e Proclamação da República.
Onde se localiza (link)	Divulgado no site da Amanon https://www.amazon.com.br/Independ%C3%Aancia-Confus%C3%A3o-Hist%C3%B3ria-Ilustrada-Brasil/dp/6587323022
Como encontrado	Pesquisa no google por palavras-chave - livros infantis sobre o bicentenário da independência
Ano de produção	2020
Menciona Bicentenário?	Não, mas foi produzido no período das comemorações
Autores	Sergio Saad
Faixa etária	Literatura infanto-juvenil
Áreas de conhecimento envolvido	História, Literatura

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.

Quadro 27 - Livro Princesinha e Príncipezinhos do Brasil

Produto divulgado digitalmente	Livro Princesinhas e Príncipezinhos do Brasil acompanhado de jogo de memória
	
Sinopse	A narrativa do livro parte do universo lúdico das contas de fadas que aborda princesas e príncipes, para contar a história de príncipes e princesas do Brasil, quando eram crianças.
Sujeitos abordados	Maria Francisca Isabel (neta de Dom João V), Dom João VI, Dom Pedro I, Carlota Joaquina, Leopoldina, Maria da Glória, Januária, Francisca e Pedro II (filhos de D. Pedro I), Maria Amélia. Princesas indígenas - Muirá Ubi e Paraguaçu e o príncipe africano Custódio.
Marcos Históricos/Datas	Ao final do livro o autor indica os fatos históricos pesquisados para elaborar a narrativa do livro: reinado de Maria Francisca de Isabel, sendo a primeira mulher a reinar Portugal e a primeira rainha europeia a pisar na América quando a corte veio para o Brasil em 1808. Durante seu reinado ocorreu no Brasil a Inconfidência Mineira. Reinado de Dom João VI com marcos como a guerra com Napoleão Bonaparte em 1801, a elevação do Brasil a categoria de Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e, 1815, a volta de Dom João VI a Portugal, deixando no Brasil Dom Pedro I, a vida política agitada de Carlota Joaquina, esposa de D. João VI. Dona Leopoldina como a primeira mulher a governar o Brasil entre agosto e setembro de 1822, na ausência do príncipe, a qual reúne o conselho e envia cartas ao príncipe, em São Paulo, falando sobre a urgência de proclamar a Independência. Dom Pedro I e o Dia do Fico em janeiro de 1822. O Golpe da maioria de Dom Pedro II, suas filhas, a guerra do Paraguai; o Quilombo dos Palmares.
Onde se localiza (link)	Divulgado no canal do autor no Youtube: https://youtu.be/wvsJlIVw6Mg?si=RYVLR4khGB-jLHFO
Como encontrado	Pesquisa no <i>google</i> por palavras-chave - livros infantis sobre o bicentenário da independência.
Ano de produção	2021
Menciona Bicentenário?	O livro foi produzido para as comemorações do Bicentenário da Independência.
Autores	Paulo Rezutti

Faixa etária	Não especificado (leitura infanto-juvenil).
Áreas de conhecimento envolvido	História, Literatura

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações encontradas na fonte original.